Digitized by Google

em Casa

D'EDUARDO LAEMMERT,

MERCADOR DE LIVROS E DE MUZICA,

Rua da Quitanda, nº [redacted], 77

Entre a rua do Ouvidor e a do Rozario,

Rio de Janeiro.

Antonius

<36606349180013

<36606349180013

Bayer. Staatsbibliothek

Digitized by Google

Digitized by Google

AS INSTITUIÇÕES DA LOGICA

ESCRITAS

PARA O USO DOS PRINCIPIANTES;

SENDO SEU AUTHOR

ANTONIO GENUENSE

Meſtre de Ethica na Real Univerſidade de Napoles,

TRADUZIDAS POR

MIGUEL CARDOSO.

SEGUNDA EMPRESSÃO.

LISBOA

NA TYPOGRAFIA SACERDINA.

1806.

Com licença da Meza do Deſembargo do Paço.

Vende-ſe na meſma Officina na rua da Condeſſa ao Carmo.

Digitized by Google

Bayerische
Staatsbibliothek
München

Digitized by Google

A PREFAÇAÕ DO IMPRESSOR

Das Inſtituições da Logica de Antonio Genuenſe.

O IMPRESSOR AO HUMANISSIMO LEITOR.

D.

AS Inſtituições da Logica, que vês dadas á luz, ſaõ hum Compendio dos Elementos da Logica de Antonio Genuense Meſtre de Ethica na Real Univerſidade de Napoles. Elle as coſtumava dictar, e enſinar aos principiantes, para que como pela maõ os levaſſe para eſta arte com a maior ſuavidade, que podeſſe ſer. Contém os primeiros, e ſimpliciſſimos preceitos de filoſofar. Elle os coſtuma illuſtrar com copioſos exemplos, com que exercita os que começam a filoſofar: julga que elles na verdade naõ pódem ſer uteis ſem eſte

Digitized by Google

exercicio; porque toda a Logica; como tu meſmo podes entender, eſtá poſta no exercicio da razaõ. Tendo eu cuidado dallas á luz para commodidade dos meſmos principiantes, para quem foram eſcritas, me importava a mim, e igualmente a ti ſaber, que naõ deves julgar que a força deſtes preceitos eſtá mais nas letras, do que na voz do meſmo Meſtre. Tu entretanto, ſe dahi podes tirar algum proveito, eſtima-o, e lança á boa parte eſta minha tal e qual dadivazinha. Deos te guarde.

AS

Digitized by Google

AS INSTITUIÇÕES DA LOGICA.

PREFAÇÕES.

§. I.

A Logica *he huma arte de cogitar, ou filoſofar*, iſto he, *huma arte, que augmenta, forma, e governa a razão no eſtado da Sabedoria.* Chama-ſe *Arte*; porque enſina, e dá os preceitos, e as regras, com que podemos rectamente filoſofar; pois que todas as diſciplinas, que enſinam os preceitos, e as regras, com que ſe póde fazer alguma couſa, ſe chamam artes. Aſſim que a Rhetorica, e a Poetica por eſta razaõ ſe chamam artes.

§. II.

Digitized by Google

§. II.

Esta mesma arte Logica primeiramente nasceo de huma certa natural prudencia, e industria, que a todos os homens he commua, e a todos governa em indagar as verdades ou necessarias, ou uteis á vida. Mas augmentou-se muito com o exercicio, e experiencias dos Filosofos. Certamente quando se experimentaõ muitas cousas por muitas vezes, acha-se finalmente o verdadeiro caminho. Os mesmos erros tambem descobriram muitas regras de filosofar: porque os Filosofos, que vieram depois, muito diligentemente advertiram, o que nos primeiros foi erro, e dahi tiraram regras, para que naõ errassem do mesmo modo.

§. III.

Os primeiros porém, que re-

du-

Digitized by Google

dizirão ſimilhantes regras a arte; forão os Filoſofos Eleatenſes, de quem ſe conta terem ajuntado, e enſinado as primeiras regras de filoſofar. O mais, que pertence á hiſtoria da Logica tens nos Elementos da meſma.

§. IV.

Nam he logo a Logica huma arte de contender por amor de pompa, e de victoria, qual foi a enſinada pelos Gregos Sofiſtas, e depois delles pelos Filoſofos da Eſcola; mas huma arte, que governa o homem na indagaçaõ da ſabedoria neceſſaria, ou util.

§. V.

Os Antigos definirão a ſabedoria, *Huma ſciencia das couſas divinas, e humanas, e das ſuas cauſas, dos ſeus fins, relações, e uſos.* Mais accommodadamente ás noſ-

Digitized by Google

poſſas couſas ſe definirá a ſabedoria, *Huma ſciencia dos bens, e dos males*, convem a ſaber, *que enſina a ſeguir os bens, e fugir dos males.*

§. VI.

O vocabulo *ſciencia* toma-ſe popular, ou filoſoficamente. Entendido popularmente ſignifica todo o conhecimento certo, e por iſſo tambem comprehende a fé certa, aſſim divina, como humana. Filoſoficamente tomado ſignifica *hum conhecimento claro, e evidente, adquirido com o uſo da noſſa razão.* Pelo que aſſim entendida a *ſciencia* diſtingue-ſe da fé, que todo vem, naõ da razaõ, mas da authoridade.

§. VII.

A razaõ humana he a meſma faculdade de perceber, entender, cogitar, e raciocinar. No uſo porém eſtá mais recebido que a razaõ

Digitized by Google

zaõ ſe chame huma faculdade de raciocinar. Duas couſas ſam neceſſarias para raciocinar, os *principios*, donde raciocinamos, e a *arte*, com que daquelles principios concluimos os conſequentes.

§. VIII.

Os principios chamam-ſe huns juizos, ou *claros*, ou de qualquer modo *certos*, em que ſe funda toda a noſſa raciocinaçaõ. A arte porém de raciocinar he huma recta, e prompta faculdade de tirar dos principios poſtos aquelles conſequentes, que nelles eſtam occultos.

§ IX.

A razaõ humana póde ſer ou *recta*, ou *depravada*. Chama-ſe recta quando raciocinamos de principios *verdadeiros*, ou *certos*, e *com ordem neceſſaria*. A ordem de raciocinar he neceſſaria, quando dos prin-

Digitized by Google

principios concedidos ſe ſeguem aquelles conſequentes, que nelles ſe contém. He porém depravada a razaõ, ſe ou os principios forem falſos, ou a ordem naõ for neceſſaria.

§. X.

Ainda que a razaõ naſce com o homem, comtudo a recta razaõ naõ naſce juntamente comnoſco, mas faz-ſe: porém faz-ſe com o exercicio, e uſo do entendimento. Porque primeiramente ſe adquirem as ideas das couſas ſingulares: depois diſto pouco a pouco ſe fazem os principios com a comparaçaõ das ideas, e com o exercicio ſe adquire a arte de raciocinar.

§. XI.

Aſſim que o eſtudo das diſciplinas he neceſſario para ſe adquirir, e aperfeiçoar o uſo da recta razaõ. Pelo que a razaõ he o inſtrumento, com que ſe adquirem as ſciencias,

e

Digitized by Google

e mutuamente as ſciencias ſaõ huns inſtrumentos, com que a razaõ ſe faz maior, e recta.

§. XII.

O officio do Filoſofo he indagar bem as verdades, principalmente as que reſpeitam á felicidade do homem. O fim porém he a meſma verdade, naõ qualquer, mas a neceſſaria, ou ao menos a util á vida humana.

§. XIII.

Mas o officio do Logico he formar o entendimento para rectamente filoſofar. O fim porém he a Filoſofia, iſto he, o eſtudo, e indagaçaõ da ſabedoria.

XIV.

Do que evidentemente ſe ſegue que o objecto da Logica ſaõ as operações do entendimento, que a meſma Logica forma, e dirige para rectamente ſe filoſofar.

§. XV.

Digitized by Google

§. XV.

A Logica he hum habito, que ſe adquire com o exercicio, como as mais diſciplinas. Pelo que ninguem póde ſer Logico, ſe continuamente ſe naõ exercita em filoſofar. Porque naõ baſta ſaber eſta arte, mas tambem he neceſſario exercitalla quaſi em todas as couſas. Por tanto doutamente julgam alguns Filoſofos da Eſcola ſerem dois habitos a *Logica docente*, ſegundo lhe chamam, e a *Logica utente*, aſſim como ſam dois habitos enſinar Rhetorica, e uſar da Rhetorica, ou do Rhetorico, e do Orador; porque póde alguem enſinar a arte da Logica, e ignorar o uſo. Porém entre todos os exercicios do entendimento he optimo o da Geometria: porque nem em outra alguma ſciencia tem lugar as demonſtraçõés rigoroſas, nem ha aonde ſe ache igual evidencia de cogitar, e raciocinar.

Li-

Digitized by Google

LIVRO PRIMEIRO.

Da natureza da Alma, e das cauſas dos erros em geral.

ANTES que expliquemos as regras de filoſofar, havemos de enſinar algumas poucas couſas á cerca da natureza da alma, e ſuas operações, e juntamente indigitar as principaes cauſas da noſſa ignorancia, e erros. Porque ſe naõ tirarmos os impedimentos, neceſſariamente eſtaremos ſempre impedidos para indagar a ſabedoria.

CAPITULO I.

Da natureza da Alma, e das ſuas operações.

§. I.

A Mente, o animo, e a alma (os quaes vocabulos aqui tomamos pelo meſmo) *he huma ſubſtancia in-*

Digitized by Google

intelligente accommodada para governar o corpo, como define Sancto Agostinho. Assim que ella não he corpo, nem qualidade corporea. Porque a alma percebe, discerne, julga, raciocina, ajunta cousas separadas, aparta cousas juntas, conhece os antecedentes, e consequentes, e livremente move o corpo, ou o faz parar; e nada disto póde fazer o corpo.

§. II.

Segue-se logo que a alma não tem qualidades algumas corporeas. Pela qual causa não póde a alma ser extensa ao comprido, largo, e profundo, nem solida, divisivel, córada, figurada, &c.; porque tudo isto he proprio do corpo.

§. III.

Pois logo quaes sam as propriedades da alma? sam as seguintes

tes, ô entendimento, o desejo, a liberdade, a vontade, a força, com que anima, e move o corpo, e os affectos. Nós as explicaremos em poucas palavras.

§. IV.

O entendimento he huma potencia da alma, com que podemos distinctamente perceber os objectos, julgar, raciocinar, abstrahir, reflectir, imaginar, recordar-nos, &c.

§. V.

A percepçaõ simples he hum conhecimento de huma idea, sem que affirmemos, ou neguemos. Todos os nomes em qualquer lingua, quando se tomam cada hum por si, significam huma só simples percepçaõ. Assim significam os vocabulos Homem, Sol, Planta, Platam, e os mais.

§. VI.

Digitized by Google

§. VI.

A idea he huma certa fórma, ou ſómente intelligivel, ou fantaſtica de alguma couſa exiſtente, ou poſſivel. Pela qual razaõ humas ideas ſam intelligiveis, em que nada ha corporeo, como a idea de Deos, da alma, da cogitaçaõ, da vontade, &c. Outras ſam fantaſticas, que ſam humas imagens de corpos, e coſtumaõ chamar-ſe *fantaſmas*, como a idea do Sol, da Lua, de Monte, de Plantas, &c.

§. VII.

O Juizo ou ſe conſidéra no entendimento, ou nas palavras. O juizo no entendimento he huma clara percepçaõ da conveniencia, ou da repugnancia de duas ideas. Por exemplo: quando claramente percebo a relaçaõ da conveniencia entre a terra, e a redondeza; ou diſcon-

Digitized by Google

conveniencia entre a meſma terra, e a figura quadrada, julgo no meu entendimento.

§. VIII.

O Juizo nas palavras he huma enunciaçaõ, com que declaramos o juizo do entendimento, e com que affirmamos, ou negamos alguma couſa; porque a affirmaçaõ, e a negaçaõ ſam qualidades das enunciações, e naõ das cogitações. Por exemplo: *A terra he redonda*: *A terra naõ he quadrada*. Em qualquer deſtes dois juizos ſe haõ de diſtinguir dois termos, o *ſujeito*, e o *predicado*, ou *attributo*. O ſujeito he aquillo, de que outra couſa ſe affirma, ou nega, como *Terra* nos exemplos acima. E o predicado he aquillo, que do ſujeito ſe affirma, ou nega, como *Redonda*, e *Quadrada* nos meſmos exemplos antecedentes.

Digitized by Google

§. IX.

A Raciocinaçaõ, ou argumentaçaõ he huma percepçaõ das relações de muitos juizos, hum dos quaes neceſſariamente depende de outro, inſtituida para ſe manifeſtar o que ſe naõ entende com o primeiro intuito. Em toda a raciocinaçaõ, como fica dito, ſe haõ de diſtinguir os *principios*, e os *conſequentes*. Os principios ſaõ huns juizos, ou certos, ou evidentes, que primeiro ſe poem, com o fundamento da Raciocinaçaõ. Os Conſequentes ſaõ os que ſe deduzem dos principios poſtos. Exemplo. Se queremos demonſtrar que o ar he pezado, uſaremos da ſeguinte raciocinaçaõ. E primeiramente poremos dois principios:

Tudo o que carrega para o centro da terra he pezado:

O ar carrega para o centro da terra, como conſta das experiencias.

Deſtes

Deſtes dois principios conclue aſſim:

Logo o ar he pezado.

Outro exemplo. Demonſtremos que a virtude faz a felicidade, e o vicio a miſeria do homem:

A felicidade do homem eſtá poſta na tranquillidade da alma, e a miſeria na afflicçaõ da meſma:

Só a virtude faz a tranquillidade da alma, e o vicio a afflicçaõ:

Logo a virtude faz a felicidade, e o vicio a miſeria do homem.

§. X.

O Methodo he huma connexaõ de muitos juizos, ou raciocinações inſtituida para deſcubrir a verdade, ou para a communicar a outros depois de deſcuberta. O methodo, com que ſe deſcobrem as verdades, ſubindo-ſe para univerſaes com inducçaõ dos ſingulares; chama-ſe *Analytico*, iſto he, de *Reſoluçaõ*; porque ſe reſolvem os particulares,

Digitized by Google

e delles se tiram as verdades universaes. Mas o methodo, com que ensinamos as verdades descubertas descendo dos universaes para os particulares, chama-se *Synthetico*, isto he, de *Composiçaõ*.

§. XI.

Aquelle syllogismo acima, *Tudo o que carrega, &c.* he Synthese; porque desço do universal para o singular. Mas he Analyse a seguinte raciocinaçaõ, com que demonstro, que ninguem he totalmente feliz: *Adam em quanto viveo naõ foi totalmente feliz, nem Noé, nem Cyro, nem Plataõ, nem Cicero, &c.: Ninguem logo he totalmente feliz.*

§. XII.

O Systema scientifico he huma connexaõ de muitas verdades descubertas por juizos, raciocinações, e methodos, como a Geometria, a Fysica, e a Metafysica.

§. XIII.

Digitized by Google

§. XIII.

A Reflexaõ he huma conſciencia de cogitaçaõ, ou huma cogitaçaõ de cogitaçaõ, iſto he, quando advirtimos que nós cogitamos.

§. XIV.

O Abſtrahir he o perceber como ſeparadas as couſas, que por ſua natureza ſaõ juntas. Por exemplo. A Figura, e o Corpo ſaõ juntos por natureza. Quando pois cogito da figura, como ſeparada do corpo, eſſa cogitaçaõ chama-ſe abſtracta. Mas o compor he o perceber como juntas as couſas ſeparadas, como quando cogito ſobre hum Monte de Ouro.

§. XV.

A Memoria he hum habito, com que mais facilmente podemos perceber

Digitized by Google

ceber as couſas, que em outro tempo percebemos. Mas a reminiſcencia he aquella acçaõ, com que nos recordamos de alguma idea em outro tempo percebida.

§. XVI.

A Senſaçaõ he huma percepçaõ de algum corpo preſente pelos orgãos dos ſentidos. Aſſim quando vemos, ouvimos, cheiramos, goſtamos, ou tocamos alguma couſa, coſtuma-ſe dizer que a ſentimos, e o ver, o ouvir, o cheirar, &c. chamam-ſe ſenſações. *Duas couſas porém he haõ de diſtinguir nas ſenſações; as impreſſões feitas no noſſo corpo pelos objectos externos; e as percepções deſtas impreſſões.* As primeiras ſaõ paixões do corpo: as ſegundas acções da alma.

§. XVII.

A Fantaſia he aquella potencia da alma, com que nós repreſenta-

mos

mos os corpos auſentes nas ſuas imagens: E com que livremente augmentamos, diminuimos, ou de diverſos modos ajuntamos eſtas imagens corporeas: E com que finalmente repreſentamos as meſmas couſas incorporeas em imagens corporeas, como as virtudes em fórma humana.

§. XVIII.

A Intellecção pura he huma percepçaõ de ideas incorporeas, ou intelligiveis. Logo o entender he differente do imaginar. Na verdade entendemos muitas couſas, que naõ podemos imaginar. Aſſim entendemos a eternidade, ſem que a poſſamos imaginar; entendemos que qualquer linha he infinitamente diviſivel: mas naõ podemos imaginar eſta diviſibilidade. Do meſmo modo entendemos, e naõ imaginamos Deos, os mais eſpiritos, as verdades Geometricas, e Metafyſicas. E iſto ſe deve advertir diligen-

ligentemente; porque os Filoſofos principiantes ſe perſuadem que ſe naõ podem entender as couſas, que elles naõ podem imaginar.

§. XIX.

O Engenho he huma viveza do entendimento em eſcogitar, ou imaginar. Por tanto chamam-ſe engenhoſos todos os que eſcogitam, ou imaginam bem. Aſſim como ſe chamam judicioſos os que rectamente cogitaõ, e rectamente uſam das ſuas cogitações.

§. XX.

E iſto he o que pertence ao entendimento. Mas tambem á alma pertencem o deſejo, a liberdade, a vontade, a força animante, e os affectos. O Deſejo he huma inclinaçaõ da noſſa alma para o bem, ou apparente, ou verdadeiro. Elle tambem ſe coſtuma chamar appetite.

Divi-

Digitized by Google

Dividem-no os Filoſofos em *racional*, e *corporeo*. O appetite racional he hum deſejo naſcido do uſo da recta razaõ: mas o corporeo he o que naſce da natureza animal, ou dos affectos, e pela maior parte contra toda a razaõ.

§. XXI.

A Liberdade he huma faculdade da alma para obrar, e deixar de obrar como quizer. A Vontade porém he huma livre determinaçaõ da alma, com que ſeguimos alguma couſa, ou fugimos della. Peloque a vontade he huma acçaõ da liberdade. Mas muitas vezes ſe tomam pelo meſmo a liberdade, e a vontade.

§. XXII.

A força animal he aquella, com que o corpo vegéta, e com que perſentimos a dor, ou o goſto, na qual ſomos ſimilhantes aos mais animaes.

Digitized by Google

nimaes. Esta força parece estar espalhada por todo o corpo. Ha Filosofos que julgam, que ella naõ he da alma, mas de huma substancia que nada entre a alma, e o corpo. Esta questaõ porém naõ póde ter aqui lugar.

§. XXIII.

Os Affectos saõ huns movimentos muito vehementes do sangue, e dos espiritos, que nascem da opiniaõ do bem, ou do mal, como o amor, a ira, o medo, a esperança, &c.

§. XXIV.

Discordaõ entre si os Filosofos á cerca do lugar da alma. Ensinaõ os Peripateticos, que a alma está toda em todo o corpo, e toda em qualquer parte de todo o corpo. Os Carteſianos a collocam na pequena glandula pineal, ſituada no meio do terceiro ventriculo do cerebro.

Digitized by Google

rebro. Newton parece que julgou estar a alma presente a todo o cerebro, isto he, ao seu sentorio commum. He certo que o principal lugar da alma he no cerebro, aonde estaõ as suas mais nobres operações de entender, e querer. Posto que se naõ póde duvidar que ella tambem obra em todo o corpo.

§. XXV.

Do que fica dito se manifesta, que o homem consta de duas substancias entre si distinctas, e diversas, que saõ a *alma*, e o *corpo*. Tambem he manifesto que saõ duas as principaes faculdades da alma, convem a saber, a força de entender, e de livremente obrar. A primeira nos foi dada para conhecermos os verdadeiros bens, e a segunda para os seguirmos. Por tanto devemos usar bem, e rectamente destas duas faculdades.

CA-

CAPITULO II.

Das cauſas da ignorancia, e erros em geral.

§. I.

PRimeiro de tudo deve o Filoſofo cuidar em conhecer bem as doenças, e as cauſas dos erros da ſua alma, para que tiradas ellas, ou reprimidas, mais deſembaraçada, e facilmente poſſa inveſtigar, e achar a verdade; porque he muito difficultoſo conhecer bem, e ſeguir a verdade, quando aquellas couſas embaraçaõ.

§. II.

As doenças, ou imperfeiçõeſ da noſſa alma ſaõ a ignorancia de todas as couſas, em que naſcemos: a brevidade, ou pequena capacidade da meſma alma a reſpeito das couſas, que ſaõ objecto do noſſo conhecimento: a fraqueza do enten-

Digitized by Google

dimento em perceber, entender, e raciocinar: a fraqueza da memoria em reter ideas, ou em as aprom-ptar, quando he conveniente, ou ceceſſario: a inconſtancia, e diſtracçaõ da vontade. Deſtas doenças naſce que ou perſeveremos na ignorancia, em que naſcemos, ou que quando fazemos diligencia por ſaber alguma couſa, cahamos em varios, e torpiſſimos erros.

§. III.

A ignorancia de alguma couſa he quando della naõ temos noçaõ alguma. Por exemplo: Dizemos que ignoramos as couſas, que eſtam no globo da Lua, porque dellas nenhumas ideas temos. Como em taõ grande extenſam do Univerſo, e em tanta variedade de couſas, dellas ha infinitas, de que naõ temos noçaõ alguma, he infinita a ignorancia, e pouca a ſciencia dos homens.

§. IV.

Digitized by Google

§. IV.

Pela qual razaõ devemos advertir primeiramente que naõ nos ensoberbeçamos depois de aprendermos humas poucas couſas; porque ſempre reſtam infinitas, que ignoramos. Em ſegundo lugar, que qualquer homem na Republica Literaria ſempre póde deſcobrir couſas novas, pelas quaes tenha incrivel goſto, e conſiga gloria immortal; porque naõ ſe deve entender que os noſſos antepaſſados nada nos deixaram que nós tambem inveſtigáſſemos, e deſcubriſſemos. Finalmente que já que naõ podemos ſaber tudo, primeiro procuremos ſaber o neceſſario, depois o que he util, e ultimamente couſas curioſas, ſendo baſtante o tempo, e a vida; para que naõ aconteça o que conſideradamente eſcréve Seneca; *ignoramos as couſas neceſſarias, porque aprendemos as ſuperfluas.*

§. V.

Digitized by Google

§. V.

O erro he hum conhecimento falſo, que ſe tem por verdadeiro. Em todo o erro ſempre ha hum como tacito juizo, com que ſe julga que he verdadeiro aquelle conhecimento que he falſo, ou que he falſo aquelle que he verdadeiro. Pela qual razaõ tanto érro, ſe julgo que o Sol he da grandeza de dois pés, como ſe julgo que elle naõ he maior que a terra.

§. VI.

A idea falſa he aquella, que naõ correſponde ao ſeu objecto, e todavia cuida-ſe que lhe correſponde. Deſte modo he a idea da torre quadrada viſta de longe, que parece redonda; ou do remo direito, que, quando eſtá em parte mergulhado na agua, parece curvo. Muitas ideas deſte modo falſas ha na alma

Digitized by Google

alma humana, as quaes, porque ſe naõ advertem, inficionam com execrandos erros todos os noſſos conhecimentos.

§. VII.

O juizo falſo da-ſe, ou quando affirmamos o que haviamos de negar, ou quando negamos o que haviamos de affirmar: ou quando negamos a conveniencia das ideas, e affirmamos a ſua diſconveniencia. Aſſim julgo falſamente, ſe julgo que a Lua he maior que a terra, quando na verdade he menor; ou que a virtude naõ he verdadeiro bem, quando ſem virtude nenhuma couſa he boa.

§. VIII.

A raciocinaçaõ he falſa de dois modos, ou porque pecca *na materia*, ou porque pecça *na fórma*, como dizem os Eſcolaſticos. Pecca *na materia*, quando ſaõ falſos os princi-

Digitized by Google

principios, em que se funda. Pecca porém *na fórma*, quando naõ he necessaria a ordem de raciocinar. Exemplo da raciocinaçaõ, que pecca *na materia*, seja este seguinte: *As cousas difficeis naõ saõ de homens nobres: As virtudes saõ difficeis: Logo naõ saõ de nobres.* Hum e outro principio he falso: porque dos nobres he proprio emprehender cousas grandes; e os vicios se exercitam mais difficil, e laboriosamente que as virtudes. Da raciocinaçaõ que pecca *na fórma* saõ exemplos todos aquelles, em que as consequencias naõ tem connexaõ com os principios.

§. IX.

As causas da nossa ignorancia, e erros saõ quasi infinitas, assim na alma, como no corpo, como tambem fóra de nós. As principaes na alma saõ a pouca capacidade da mesma alma, a fraqueza da memo-

Digitized by Google

ria, o excessivo desejo de saber tudo, o amor proprio, a soberba, a inconstancia, e distracçaõ da vontade, e os affectos dominantes.

§. X.

No corpo saõ huma sua certa preguiça natural, os temperamentos, os habitos viciosos, as doenças, e o amor, pequeno numero, e imperfeiçaõ dos sentidos.

§. XI.

Fóra de nós as principaes saõ os nossos pais, e todos os nossos educadores, os mestres ignorantes, e inhabeis, os livros, e o povo.

§. XII.

De todas estas causas nasce, que ou vivamos na ignorancia, em que nascemos, ou erremos em muitas cousas. Mas de todas em particular

Digitized by Google

lar havemos de tractar; porque nos importa muito conhecer, e evitar, quanto podemos, as cauſas dos erros, donde naſce a noſſa miſeria.

CAPITULO III.

Das principaes cauſas dos erros exiſtentes na alma.

§. I.

A Primeira, e a maior, e incuravel cauſa da noſſa ignorancia, e erros he a finita, ou para melhor dizer, a pequena capacidade da noſſa alma. Eſta faz que de infinitas couſas, que ha na natureza, apenas poucas percebamos, e ainda eſſas imperfeitamente Junto com eſta pequena capacidade o deſordenado deſejo de ſaber tudo, faz que ou inveſtiguemos o que excede á noſſa comprehenſam, e aſſim erremos em muitas couſas; ou que indaguemos couſas inuteis, de que naſce que ignoremos as neceſſarias.

Digitized by Google

§. II.

A ſegunda cauſa he a fraqueza do entendimento. Eſta faz que naõ entendamos todas aquellas couſas, para cuja percepçaõ he neceſſaria raciocinaçaõ mais extenſa, e que quando tentamos entendellas, pela maior parte comprehendamos huma nuvem por Juno, como ſe coſtuma dizer.

§. III.

A terceira he a fraqueza da memoria. Por ella muitas vezes acontece que em quanto ſempre muito curioſamente indagamos couſas novas, nos eſqueçamos das já ſabidas, e nos embaracemos nos noſſos conhecimentos. Por eſta razaõ excellentemente advertia Seneca a Lucilio: *Se naõ podes ler quanto tens, baſtante he ter quanto les.*

§. IV.

Digitized by Google

§. IV.

A quarta he o amor proprio, que nos perſuade que ſabemos, o que ignoramos. A'lem diſto repreſenta como verdadeiros, bons, e bellos todos os noſſos juizos, e acções, e por muitos modos, e muito torpemente nos engana.

§. V.

A quinta he a ſoberba, que faz que nos confiemos ſómente no noſſo parecer, e deſprezemos os juizos de todos os mais. E como para conſeguir a ſabedoria nada mais aproveita do que o commum ſentido dos homens ſabios, deſprezado eſte, naõ podemos deixar de ignorar muitas, e excellentes couſas, e de errar em muitas.

§. VI.

A ſexta cauſa he a inconſtancia, e diſtracçaõ da vontade. Eſta faz que

Digitized by Google

que a nenhuma couſa nos applique-
mos ſeriamente. Mas como as ver-
dades ſe naõ adquirem ſem atten-
çaõ, e eſtudo; a vontade inconſtan-
te, e diſtrahida faz que, ou nada
totalmente aprendamos, ou mal.
Contra ſimilhantes cauſas da noſſa
ignorancia, e erros ſe haõ de ap-
plicar as ſeguintes regras.

REGRA PRIMEIRA.

I. Naõ inveſtigues couſas, que conſta ſerem ſobre a capacidade humana. Se naõ conſta, naõ percas o animo: mas ſe ellas ſaõ inuteis, ou pouco uteis, naõ as inveſtigues por muito tempo, e naõ te diſtrahas das couſas neceſſarias.

II. Naõ indagues aquellas couſas, para cuja ſciencia naõ adquiriſte os meios, e para cuja intelligencia naõ eſtás primeiro bem inſtruido.

III. Naõ inveſtigues couſas, que excedem, naõ á capacidade de to-

dos

dos mas sómente á tua, antes que com estudos convenientes tenhas adquirido a capacidade, e agudeza necessaria.

IV. Não dividas a attenção para muitas cousas; porque dividida se faz mais pequena, e para cousa nenhuma capaz.

V. Ordena os estudos. Precedam aquelles, que dam luz aos outros.

VI. Não medites de passagem, e por demais á cerca de cousas difficultosas: não creas que a alma se faz bastantemente profunda por compendios das disciplinas. Lê livros em qualquer materia, poucos sim, mas optimos, isto he, perfeitos, e profundos.

VII. Já que a vida he breve, adquire tu a sciencia necessaria, e util para ti, e para a Sociedade. Ou nunca, ou só superficialmente estuda as cousas curiosas, e vans; não pataque imagines que nellas ha alguma bondade, mas paraque co-

nhe-

nheças quanto nada tem de bem.

VIII. Naõ ſejas nada nem muito amante de novidade. Porque o primeiro faz o homem hum pouco mais eſtupido, e o ſegundo mais arrogante.

IX. Em toda a materia conſulta o ſentido commum, optimo meſtre de ſaber. Naõ te fies ſó em ti.

X. Applica-te devéras ao eſtudo da verdade; porque nada excellente ſe póde fazer na Republica Literaria ſem exceſſivo trabalho.

XI. O Filoſofo naõ ſiga os goſtos ſenſuaes; porque he difficultoſo achar hum homem verdadeiramente douto, e juntamente ſenſual.

XII. Nada emprehendas contra o teu natural: ellege os eſtudos accommodados á tua propenſaõ, e ás forças do teu corpo.

XIII. Naõ jurarás em palavras de alguem: filoſofarás com a liberdade dos Eclecticos.

XIV. Elege Meſtres excellentiſſimos; porque muito difficultoſamen-

Digitized by Google

mente se tirão os vicios, que huma vez tomarão assento.

CAPITULO IV.

Dos erros que nascem dos affectos.

§. I.

MUitos são os erros, que nascem das causas, que acima referimos: mas muito mais nascem dos affectos, isto he, das perturbações da alma. Porque os affectos tirão a attenção conciliadora da sciencia, e vicião as ideas, e juizos, e dão a conhecer as cousas diversas do que ellas na realidade são. Plutarcho compára as perturbações da alma com os vidros córados, que communicão a sua mesma côr a todos os objectos por elles vistos.

§. II.

He egregio aquelle lugar de Cesar em Sallustio na *conjuração de Ca-*

Digitized by Google

Catilina, de que attentamente se deve fazer memoria. *O Senadores de Roma, convem que todos os homens, que deliberam acerca de cousas duvidosas estejam livres de odio, de amizade, ira, e misericordia: a alma naõ conhece facilmente a verdade, quando está embaraçada com a perturbaçaõ dos affectos. Nem algum homem até agora satisfez á sua desordenada paixaõ, e jamais facilmente á sua obrigaçaõ. A alma applicada com attençaõ póde muito, mas nada póde se está possuida, e dominada pelos affectos desordenados.*

§. III.

Mostraremos agora com huns poucos exemplos quam torpemente seja enganada a nossa alma pelos affectos. Primeiramente a alegria excessiva, e vaã, depois que tem dominado a alma, faz que nada mais conheçamos perfeitamente, e que de todas as cousas nos

Digitized by Google

descuidemos. Assim dominada a alma naõ póde evitar os erros: mas antes os recebe como verdades.

§. IV.

Em segundo lugar: O amor, e o odio corrompem as nossas ideas, e pervertem os nossos juizos. O amor propoem como virtudes, e cousas honestas, e gloriosas as qualidades do objecto amado, ainda que sejaõ vicios. O odio porém faz o contrario, convem-a saber, que lancemos á peor parte todas as cousas dos que aborrecemos. Daqui vem que os que se amaõ excessivamente, nam sómente naõ conhecem os seus vicios, mas ainda os defendam pertinazmente. Dahi tambem procede, que quasi nenhuma historia seja sincera: porque difficultosamente se acha historiador tam incorrupto, que escreva sem amor, e sem odio de parcialidades. He egregio, e insigne aquelle dicto de

P. Comico: *Amar, e ſaber apenas a Deos ſe concede.*

§. V.

Em terceiro lugar: O deſejo, e a eſperança fazem que ſejamos muito credulos á cerca do que deſejamos, ou eſperamos. Porque he verdade antiga: *Facilmente cremos, o que deſejamos.* Da exceſſiva credulidade certamente vem que coſtumemos receber por verdades as fabulazinhas populares. Naſce alem diſto que avaliemos por verdadeiras, e boas todas aquellas couſas, que ſaõ conformes aos noſſos deſejos.

§. VI.

Em quarto lugar: Tambem pela ambiçaõ, e avareza ſe corrompem os noſſos juizos á cerca das couſas, que nos rodeam, como á cerca das honras, da gloria, das dignidades, e dos mais bens da fortu-

Digitized by Google

tuna. Daqui ſe augmenta a noſſa credulidade á cerca deſtas, e ſimilhantes couſas. E a credulidade augmentada faz que tenhamos por verdadeiros os juizos falſos, e por ſeveras hiſtorias as relações fabuloſas. He na verdade para ver o quam facilmente os ambicioſos daõ credito aos Aſtrologos judiciarios; e os avarentos, aos que promettem theſouros.

§. VII.

O temor tira o juizo, rebate a perſpicacia, e augmenta a credulidade. Quando ha temores na republica, entaõ reinaõ os impoſtores, porque a cada paſſo ſe vendem as ſuas mercadorias.

§. VIII.

A ira faz que a alma naõ admitta razaõ, nem conſelhos, e a inhabilita para examinar attentamente o verdadeiro, e o bom. Por tan-

Digitized by Google

tanto os irados precipitam os juizos de noções confusas, e perturbadas.

§. IX.

A suspeita faz que tenhamos as nossas opiniões anticipadas, e imaginações por qualidades das mesmas cousas. Quando a alma está agitada com alguma imaginaçam anticipada, vemos fóra de nós as cousas, que naõ existem senaõ na nossa fantasia.

§. X.

Por tanto, paraque o Filosofo, isto he, o indagador da verdade se naõ engane com estas causas dos erros, primeiramente ponha toda a diligencia, paraque a sua alma se naõ occupe com affectos, ou se naõ faça propensa para os conceber; porque julga mal todo o juiz corrupto. Lembro-te da regra de Ovidio: *Resiste ao principio: fóra do tempo se prepara o remedio, quando*

as

as doenças tomarão forças por grandes demoras.

Alem disto torne a examinar com a alma sócegada o que julgou quando estava agitado com algum affecto: Demore ao menos por nove annos o que escreveo, torne-o a ler, e considere o muitas vezes antes de o dar á luz publica.

CAPITULO V.

Dos erros, que nascem do corpo.

§. I.

O Nosso corpo he huma grande causa da nossa ignorancia, e dos nossos erros. Isto acontece de muitos modos. Primeiramente por causa de hum certo pezo natural do mesmo corpo. Em segundo lugar por causa do temperamento, e fantasia. E em terceiro lugar por causa do pequeno numero, e imperfeiçam dos sentidos.

§. II.

Digitized by Google

§. II.

O pezo do corpo retarda os noſſos eſtudos. Deſta cauſa naſcem cinco effeitos. Primeiro, que poucas couſas indaguemos, e muito poucas ſaibamos. Segundo, que receando o trabalho, deixemos como incomprehenſiveis as couſas, que ſaõ hum pouco mais difficultoſas de ſe ſaberem. Terceiro, que nos ſatisfaçamos com huma ſciencia ſuperficial. Quarto, que nos ſatisfaçamos com ideas eſcuras, confuſas, e inadequadas. Quinto, que nós meſmos naõ advirtamos os noſſos falſos prejuizos, ou falſas anticipações, e erros, nem permittamos que outros nos enſinem o contrario. E daqui vem que ou ſe confirme a ignorancia, em que naſcemos, ou ſempre ſe nos introduzam novos erros.

§. III.

Digitized by Google

§. III.

O temperamento do corpo tambem he huma cauſa da ignorancia, e das opiniões falſas. Porque a noſſa alma de tal ſorte eſtá accommodada ao corpo, que nas ſuas cogitações depende do cerebro, e do temperamento do corpo. Por experiencia ſabemos, que os de temperamento fleumatico, e frio ſaõ inhabeis para ſcienciaſ muito ſublimes. Pelo contrario porém, que os de temperamento quente, e fogoſo fazem grandes progreſſos nas ſciencias, ſe elles tem attenção, e vontade de ſaber.

§. IV.

Os temperamentos do corpo humano dependem de muitas cauſas. Primeiramente da compoſiçaõ interna do corpo, o qual temperamento he immudavel. Depois diſ-

Digitized by Google

to das comidas, e bebidas, de que uſamos na infancia. E daqui vem, que os temperamentos das Mãis, e Amas facilmente paſſam para os Meninos. Finalmente do clima. Daqui procede que os que naſcem, e ſe criam em lugares groſſeiros, e humidos, tambem ſaõ pela maior parte de temperamento groſſeiro, e tardo.

§. V.

Dos temperamentos depende o genio. Daqui vem o ſer o genio fogoſo, alegre, ou tardo, ou melancolico, iſto he, conforme à natureza do temperamento. Daqui meſmo naſcem erros, e opiniões falſas. Convem a ſaber, a alma he arrebatada pelo temperamento, e julga das couſas poſtas fóra de nós, naõ conforme a verdade, mas ſegundo o temperamento. Por tanto acontece que os alegres a nenhuma couſa ſe appliquem ſeriamente, e nada julguem ſerio, e grave: e

os

Digitized by Google

os melancolicos pelo contrario sempre julguem de todas as cousas pela peor parte, e augmentem infinitamente os minimos males.

§. VI.

A fantasia, ou potencia imaginativa depende muito do temperamento. Pela qual razaõ as imaginações das cousas externas vestem-se da natureza do temperamento, e tomam a sua apparencia; de que nasce induzir-nos a fantasia em torpissimos erros.

§. VII.

Mas a fantasia tambem nos póde enganar de outros módos. Primeiramente as imaginações muito facilmente podem ser tidas por sensações, se forem hum pouco mais vivas, o que muitas vezes acontece aos idiotas, e meninos, os quaes por cauza da estupidez da alma saõ

Digitized by Google

menos habeis para discernir entre imaginações, e sensações. Em segundo lugar a fantasia, como se mistura em todas as nossas cogitações, faz que ou naõ possamos entender as cousas abstractas, e incorporeas, ou que quando fazemos diligencia pelas entender, as conheçamos como corpos.

§. VIII.

Agora os sentidos, como saõ poucos em numero, se se comparam com a variedade, e multiplicidade das cousas, primeiramente nos induzem em tal erro, que facilmente creamos, que nenhuns outros objectos existem fóra de nós, senaõ os que percebemos com aquelles sinco sentidos. Mas he torpissimo este erro; porque no universo ha muitas cousas, ou muidissimas, ou distantissimas, ou incorporeas, que se naõ podem perceber com os nossos sentidos.

§. IX.

Digitized by Google

§. IX.

Depois disto, como os sentidos saõ imperfeitos, supposto que naõ saõ accommodados ás essencias das cousas, mas á nossa utilidade, naõ podem representar as cousas assim como ellas saõ, mas as representam como nos saõ uteis, ou nocivas. Pelo que quando julgamos da natureza das cousas pelas ideas dos sentidos, cahimos em gravissimos erros.

§. X.

Isto mostraremos com evidencia em huns poucos exemplos. Primeiramente os olhos saõ accommodados á nossa natureza, paraque com elles conheçamos que cousas externas nos saõ uteis, ou nocivas; mas naõ para nos representarem a natureza das cousas, qual ella he. Assim que nos podem enganar, e na realidade muitas vezes nos enganam

ganam á cerca da grandeza dos corpos externos, a qual naõ representam verdadeira, mas somente apparente: á cerca do seu movimento; porque algumas vezes parecem moverse os que estaõ fixos, e estar fixos os que se movem: á cerca das distancias, as quaes naõ podem exactamente representar: á cerca da cor, e luz, que representam como verdadeiras qualidades existentes fóra de nós, quando naõ saõ senaõ sensações nossas, que procedem das forças dos corpos externos.

§. XI.

Por similhante modo nos engana o tacto assim intrinseco, como extrinseco. Porque o tacto intrinseco attribue as dores, e os gostos ao corpo, e naõ á alma, de quem elles saõ. Porém o tacto extrinseco representa a solidez, a dureza, a fluidade, o frio, e calor como qualidades absolutas, e reaes, quando

Digitized by Google

do naõ saõ outra cousa senaõ sensações nossas, que procedem das forças dos corpos externos.

§. XII.

Do mesmo modo nos enganam o olfato á cerca dos cheiros, o gosto á cerca dos sabores, e os ouvidos á cerca dos sons. Porque os cheiros, sabores, e sons saõ sensações da alma, nem nos corpos externos ha outra cousa senaõ forças, pelas quaes saõ produzidas aquellas sensações.

§. XIII.

Agora paraque nos acautelemos daquelles erros, que procedem do corpo, devemos lembrar-nos das seguintes regras.

REGRA PRIMEIRA.

I. Faze diligencia por contrahir habito de estudar, pouco a pou-

Digitized by Google

ço, e com huma continuada atten-
çaõ, e meditaçaõ. Ainda que no principio advirtas que lutas com o pezo do corpo, com tedio, e faſtio, naõ ceſſes; porque eſtes impedimentos ſe fazem menores com continuado exercicio. *Nada ha*, diz Seneca, *tam difficultoſo, e arduo, que naõ vença a alma humana, e naõ faça facil a continua meditaçaõ.... a alma conſeguio qualquer couſa, que devéras quiz.*

II. Uſa de eſtilo; porque nada póde mais para excitar o goſto de filoſofar, e adquirir habito de eſtudo. Porém ſe tu ainda naõ es habil para comentar, ao menos eſcolhe hum optimo livro, e o traslada. Aſſim formarás juizo no de hum optimo author, e te veſtirás do goſto do optimo.

III. Communica-te com os homens doutos; porque naõ pode a alma deixar de ſe excitar com as ſuas imagens. Lê attentamente as vidas dos ſabios; porque dellas paſ-

ſa

Digitized by Google

ſa para a alma o deſejo da ſabedoria, e ſe augmenta o vigor de filoſofar.

IV. Foge daquellas couſas, que fazem o corpo mais pezado, e a alma mais perguiçoſa: Taes ſaõ os brincos, os quaes tiraõ a applicaçaõ aos eſtudos; o demaſiado ſomno, com que ſe debilitam as forças da alma, e do corpo; os eſpectaculos; a demaſiada comida, e bebida; os goſtos do tacto, e outros muito exceſſivos.

V. Naõ deixes perder com o deſcoſtume o habito adquirido de eſtudar; porque mais facilmente ſe perde, do que ſe adquire. Aſſim que ſegue hum genero de vida do meſmo teôr.

VI. Conſerva diligentemente a ſaude do corpo; e iſto com a excellente mediania do alimento, com algum exercicio do corpo, e com te livrares de cuidados, quanto he poſſivel.

§. XIV.

Digitized by Google

§. XIV.

A' cerca do temperamento do corpo, e fantaſia ſe podem advertir eſtas ſeguintes regras.

PRIMEIRA REGRA.

I. Qualquer attentamente pondére o temperamento do ſeu corpo. Se entende que he de fantaſia muito viva, e inconſtante, acautele-ſe que naõ julgue por ella das naturezas das couſas; paraque lhes naõ attribua as ſuas meſmas affecções, e naõ as avalie quaes ellas ſaõ, mas quaes lhe parecem.

II. Açautele-ſe de todas aquellas couſas, que coſtumam fazer a força da fantaſia maior, e mais inconſtante, como dos eſpectaculos, e pompas, da liçaõ dos Poetas, e fabulas eſtrangeiras, dos lugares muito apraziveis, que quaſi desfazem a alma, e de todas aquellas couſas, com que ella ſe alegra exceſſiva-

Digitized by Google

ceffivamente, e, o que he conſequente, ſe augmentaõ as forças da fantaſia.

III. Coſtume-ſe á liçaõ, e meditaçaõ continuada, e á igual ordem de vida: *Ha mil exemplos*, diz Seneca no lugar citado, *em que a perſeverança vence todo o impedimento, e moſtra que nada he difficultoſo á alma, querendo ſoffrelo com conſtancia.*

IV. Acautele-ſe de juizos precipitados; porque os ſanguineos, os quaes tem mais engenho que juizo, ſaõ inclinados para deſpropoſitos pueris.

§. XV.

Aquelles porém que ſaõ de temperamento máo, e melancolico teraõ cuidado.

I. Que eſte temperamento ſe abrande: Principalmente teraõ eleiçaõ dos alimentos; porque delles ſe gera o ſangue, que influe muito no temperamento, e de que depende a alma.

II.

Digitized by Google

II. Fugirám de espectaculos tragicos, ou da liçaõ de escritores de tragedias, e de todas aquellas cousas, com que a alma toma calor, ou se entristece muito.

III. Nenhuma cousa he taõ util a este temperamento, como qualquer purga; porque com ella quasi se alimpa o cerebro da ferrugem, e nevoa. Daqui vem que as lagrimas saõ uteis aos melancolicos.

IV. Os melançolicos saõ de entendimento confuso: Pela qual razaõ se acostumem á liçaõ de livros claros, e methodicos, principalmente Geometricos; paraque aprendam a evitar ideas confusas, e escuras.

V. Acautelem-se de juizos precipitados; porque saõ inclinados para Fanatismo, e nenhuns ha que mais julguem das cousas externas pela razaõ apparente da sua paixam. Por tanto excellentemente advertem os Politicos que naõ queiram elles o governo da Republica, paraque naõ pertubem tudo.

§. XVI.

Digitized by Google

§. XVI.

Os que saõ de temperamento tardo, farám diligencia por se exercitarem.

I. Com a emulaçaõ dos seus iguaes, com o amor da sabedoria, com a liçam de livros criticos, e com a conversaçaõ de homens perspicazes, criticos, e eloquentes.

II. Fujaõ de lugares humidos, e crassos, e de alimentos muito grosseiros.

III. Fujam da communicaçaõ com os tardos, e de máo engenho; porque os costumes passam com a convivencia, e a fantasia pela maior parte se fórma do genio daquelles, com quem muitas vezes, e familiarmente nos communicamos.

IV. Ha quem a estes aconselha a ira, e o amor Platonico. Mas eu julgo que todos se devem lembrar daquelle prudente dito de Seneca: *Nem por isso se hade usar dos vicios*,

vicios, porque algumas vezes fizeram alguma cousa boa .... He abominavel genero de remedio dever a saude á doença.

§. XVII.

Quanto ao que pertence aos sentidos poucas cousas restam para se advertirem.

I. Acautela-te que naõ julgues das cousas exteriores só com o ministerio dos sentidos. Lembra-te que os sentidos foram feitos, naõ para que representassem as essencias, mas a existencia, e as relações das cousas: e que naõ saõ accommodados á natureza das cousas, mas ás utilidades da vida humana.

II. Acautela-te que naõ julgues que sómente ha aquellas cousas, que se podem perceber com os sentidos. Porque a atmosphera dos sentidos he mui pequena.

III. Consulta a razaõ, e o sentido commum, optimo Mestre de saber

faber em toda a materia.

IV. Cuida em ter os sentidos quanto mais perfeitos póde ser: arma-os com os melhores instrumentos.

CAPITULO VI.

Das causas externas dos erros.

§. I.

AS causas exrernas dos erros podem ser os Pais, o Povo, e os Mestres. Os Pais de muitos modos podem ser causa da ignorancia, e dos erros de seus filhos. Primeiramente naõ tendo cuidado delles: Em segundo lugar com a demasia da indulgencia: Em terceiro lugar com a excessiva severidade: Em quarto lugar com a sua authoridade, e doutrina.

§. II.

Quando os Pais naõ tem cuidado dos filhos, elles como plantas sem

Digitized by Google

ſem agricultor, ou cavallos deſenfriados ſem meſtre ſe precipitam em todo o genero de vicios: naõ tem cuidado dos eſtudos: e certamente por iſſo meſmo ou vivem na natural ignorancia, ou adquirem ſciencia falſa, principalmente em quanto aos coſtumes. Na verdade excellentemente diceram gravissimos filoſofos, *que ſe deve á educaçaõ o ſerem os homens quam grandes quer que ſaõ.* O que ſe confirma com a experiencia.

§. III.

A'lem diſto a demaſiada indulgencia faz os meninos deſobedientes, e ſoberbos. Por tanto coſtuma ſucceder, que aſſim como, quando ſaõ meninos, ſe agaſtam grandemente, ſenaõ conſeguem o que deſejam, tambem chegando a maior idade ſe agaſtam contra os mais homens, que naõ eſtam promptos para lhes fazerem a meſma vontade. Aſſim que contrahem huma nature-

za

za inquieta, impaciente, ſoberba, e cruel. Sendo aſſim educados Alcibiades em Athenas, Caligula, e Nero em Roma, depois de exaltados ao principado, arruinaram-ſe a ſi, e á Republica.

§. IV.

A exceſſiva ſeveridade extingue a fogoſa força de engenho dos meninos, e pouco a pouco os faz eſtupidos, e inhabeis. Por cuja cauſa ſe hade ſeguir aquelle genero de educaçam, que he meio entre aquelles dous extremos. Bem a propoſito dice o velho Terenciano: *Creio que he melhor educar os filhos com pejo, e liberalidade, doque com medo.*

§. V.

A'lém diſto os noſſos Pais com a ſua authoridade nos podem perſuadir a crer as ſuas opiniões, ainda falſas, e abſurdas. Aſſim ſe fazem

zem hereditarios nas familias hum certos erros. Porque os meninos depois que creſcerão em idade, muito difficultoſamente deixam ás opiniões aprendidas na puericia, e os *velhos confeſſam que* muito difficultoſamente *ſe eſquecerão das couſas, que aprenderão quando meninos*, como diz Horacio.

§. VI.

Agora o Povo, que he como huma certa enxurrada de todos os erros, admitte, e paſſa para os vindouros todas as opiniões falſas, e todas as fabulazinhas de velhos, que divulgaram authores incertos, ou enſinaram alguns Filoſofos inhabeis: Porém cala as couſas mais difficultoſas de ſe perceberem, como ſaõ humas certas verdades mais ſublimes. O povo, diz Vefulamio, he como o rio, que mette em ſi, e mergulha as couſas graves, e paſſa para diante as leves. Como logo

Digitized by Google

go viós nascemos, e fomos educados nh Povo, difficultosamente podemos evitar os erros, e prejuizos, que de todas as partes nos assaltam.

§. VII.

Os Mestres certamente com a sua authoridade, e gravidade naõ fómente persuadem aos discipulos as suas opiniões, que nem sempre saõ verdadeiras, mas tambem lhes communicam os seus costumes; as quaes cousas todos os discipulos muito tenazmente observam pelo respeito aos Mestres. Por tanto algumas vezes nos causam grande desordem, e perturbaçam. Dahi nascem as seitas, e os odios dellas.

§. VIII.

O mesmo nasce dos livros, que lemos com grande veneraçaõ, e que muito estimamos por opinião anticipada; porque aquella anticipa-

pada estimaçam faz que naõ advirtamos os seus erros. E por isso os recebemos por verdades, e pertinazmente os defendemos. Certamente muitas vezes tanto pode huma opiniam anticipada, que ainda sem razaõ se defende. Os Pythagoricos tinhaõ tal costume, (que quando lhes perguntavam alguma cousa, nenhuma outra razaõ davam do seu dito, do que aquillo: *O mesmo o dice*: mas aquelle mesmo era Pythagoras. Isto porém he ir á maneira de gado por onde se vay, e naõ por onde se deve ir.

§. IX.

Por tanto o nosso Filosofo se lembre das seguintes regras.

REGRA PRIMEIRA.

I. Se conheces que naõ estás bem instruido, faze diligencia por te purificar com cuidadoso estudo de ti, e assim começa de novo a vi-

Digitized by Google

da ou moral, ou litteraria, como ſe naſceſſes homem, ou anteſſontem. Uſa de amigos perſpiçazes, e ſinceros, e delles recebe as reprehenſões com animo alegre.

II. Naõ te communiques ordinariamente com o povo ignorante. Diligentemente examina os prejuizos do povo: examina muitas vezes todas as tuas opiniões: de todas duvída, em quanto naõ eſtás certo que te naõ podes mais enganar.

III. Naõ deſprezes o engenho de homem algum: naõ julgues das cogitações das almas humanas por algum prejuizo, mas pela razaõ.

IV. Terás liberdade na Filoſofia: a ninguem darás mais credito do que he juſto: a ninguem te ſujeitarás totalmente: filoſofarás á maneira dos Eccleticos.

Digitized by Google

LIVRO SEGUNDO.

Das Ideas, e dos seus objectos, e sinaes.

DEpois que explicamos as causas dos erros, he necessario que agora declaremos os mesmos meios de indagar a verdade. Mas como nós conhecemos, ou indagamos com as ideas todas as cousas, que pertendemos conhecer, e todos os nossos juizos, e raciocinações tem primeiramente por objecto naõ as mesmas cousas, mas as ideas; primeiro havemos de tratar das mesmas ideas.

CA-

CAPITULO I.

Da natureza, origem, e generos das ideas.

§. I.

A Idea he tudo o que se faz presente á alma quando percebe, ou cogita, ou he huma fórma intelligivel, ou fantastica de cousa, ou existente, ou possivel, como acima se dice.

§. II.

Duas questões se podem aqui mover. A primeira he, se as ideas, e as percepções saõ huma, e a mesma cousa? A segunda he, donde nascem as ideas?

§. III.

Em quanto á primeira, distinguem os Filosofos entre as ideas, *materiaes, e intellectuaes*. As ideas ma-

Digitized by Google

materiaes saõ aquellas impressões, que no cerebro fazem os objectos externos, que vemos, ouvimos, tocamos, &c. As intellectuaes saõ humas fórmas incorporeas, que existem na mesma alma, e representam os objectos externos. As primeiras ideas sem duvida saõ distinctas, e diversas das percepções; porque ellas saõ huns movimentos do cerebro, e as percepções saõ humas acções da alma, que conhece. Se as segundas porém saõ as mesmas percepções; he muito controverso entre os Metafysicos. No vulgar uso de fallar as percepções, e as ideas intellectuaes entendem-se pela mesma cousa.

§. IV.

A' cerca da segunda questaõ saõ quasi tantas as sentenças dos Filosofos, quantas saõ as cabeças. Nós neste lugar julgamos alheio da nossa obrigaçaõ o metermo-nos nesta grande

de difficuldade. Mas he mais provavel a opiniam commua no preſente tempo, de que todas as noſſas ideas naſcem parte dos ſentidos, e parte da meditaçam, e conjectura da alma. E na verdade as noſſas primeiras ideas naſcem dos ſentidos. Mas em quanto a alma ſobre ellas medita, e as conſidéra de toda a parte, indaga os antecedentes, conſequentes, e as couſas connexas, fórma outras muitas ideas.

§. V.

Pelo que pertence ao Filoſofo, ſe eſte quer adquirir grande numero de ideas, que ſaõ como materia do noſſo conhecimento, he neceſſario que uſe dos ſentidos, que converſe com a natureza das couſas, que conſulte os mais, e que o meſmo medite muito comſigo. Por eſtes caminhos ſe faz a alma grande, e ſe augmenta a razaõ.

§. VI.

Digitized by Google

§. VI.

De quatro modos podemos contemplar as ideas. Primeiramente em quanto á ſua origem: depois diſto em quanto á ſua natureza, e conſtituiçaõ: além diſto ſegundo a relaçam para os objectos: e finalmente pela relaçam para a alma.

§. VII.

As ideas conſideradas do primeiro modo ſaõ ou adventicias, ou facticias, ou innatas. Do ſegundo modo ſaõ ou fantaſticas, ou intelligiveis, ou ſimplices, ou compoſtas. Do terceiro modo ſaõ ou adequadas, ou inadequadas, ou abſolutas, ou relativas, ou abſtractas, ou concretas, ou reaes, ou quimericas. Finalmente do quarto modo ſaõ ou claras, ou eſcuras, ou diſtinctas, ou confuſas. Aſſim ſe conclue que todos os generos das ideas

ſe

Digitized by Google

se podem reduzir a vinte e hum. Agora em poucas palavras havemos de definir estes vocabulos.

§. VIII.

As ideas adventicias são aquellas, que temos por meio dos sentidos, quaes são as ideas das cousas corporeas, e das suas propriedades, e qualidades. As ideas factícias são as que a mesma alma faz ou por similhança, ou proporçaõ, ou por associaçaõ, ou abstracçaõ. Por similhança, como, quando pela idea de hum elefante imagino muitos elefantes. Proporçaõ, como quando pela idea de hum homem de justa estatura imaginamos hum Gigante, ou hum Pigmeo. Por associaçaõ, como quando pela idea de monte, e pela idea de ouro faço huma idea de monte de ouro. Por abstracçam finalmente, quando cogitamos separadamente as cousas, que saõ juntas, e unidas, como

Digitized by Google

mo quando concebemos a figura separada do corpo.

§. IX.

Nem todos entendem as ideas innatas do meſmo modo. Conforme Socrates, e Platão ſão as ideas innatas aquellas, que as almas trazem comſigo da vida paſſada, quando cahem nos corpos. Epicuro chamava ideas innatas aquellas, que pela meſma viſta do mundo primeiramente ſe nos imprimem, ſendo ainda meninos, por via dos ſentidos. Neſte ſentido ſe podem chamar naturaes huns certos primeiros juizos das ſciencias como *o todo he maior que a ſua parte*, *o meſmo naõ pode juntamente ſer*, *e naõ ſer*, e outros ſimilhantes: iſto he, porque naõ ſaõ deduzidos de outros, mas percebidas as ideas, logo os entendemos. Carteſio chama ideas innatas as que ſe derivam da natural faculdade de cogitar, ſem al-

Digitized by Google

algum trabalho, e arte. As taes ideas melhor se podem chamar *naturaes*, doque innatas.

§. X.

A idea chama-se fantastica de dois modos, de hum se entende pela idea da imaginaçam, quaes saõ todas as ideas dos corpos: e de outro pela idea arbitraria, e fingida. As ideas fantasticas deste segundo genero chamam-se *entes da razoẽ*, porque só existem na alma, como a idea de monte de ouro, ou do monstro de Horacio.

§. XI.

A idea simples he aquella, em que nem ainda com o entendimento podemos distinguir partes. A idea composta he a que consta de muitas ideas simplices unidas em hum vocabulo. Por exemplo. A idea de extensam he simples; porém a

idea

idea do corpo he composta; porque neste vocabulo *Corpo* estaõ unidas as ideas simplices de extensam, solidez, divisibilidade, e gravidade.

§. XII.

As ideas simplices ou provém dos sentidos, ou se fázem com a abstracçam. As ideas simplices, que provém dos sentidos, como todas as ideas das sensações, em todos os homens saõ similhantes. Mas as compostas saõ muito diversas, segundo a diversidade dos lugares, dos tempos, e das capacidades das almas, dos estudos, e dos mestres.

§. XIII.

Alguns distinguem as ideas compostas das associadas. As compostas saõ aquellas, que se unem em hum vocabulo. As associadas saõ as que se ajuntam em muitos vocabulos em longa serie. Pelo primeiro

Digitized by Google

meiro modo saõ unidas as ideas de corpo, de homem, da terra, de alma, de Deos, &c. que se chamam compostas: e pelo segundo modo saõ as ideas das raciocinações, dos methodos, e systemas scientificos.

§. XIV.

Mas as causas efficientes das associações das ideas saõ quatro, os sentidos, a instrucçaõ, a raciocinaçaõ, e a fantasia livre. As ideas, que saõ percebidas com hum, ou muitos sentidos ou junta, ou successivamente, pela maior parte ficam associadas de tal sorte, que quando nos lembramos de huma, juntamente nos lembremos tambem das outras. As ideas, que juntamente se aprendem ou dos nossos Mestres, e Educadores, ou dos livros, costumam ficar associadas, de tal modo, que quando huma se excita, logo a seguem as outras. Já quando de hum principio deduzimos

Digitized by Google

mos huma certa ſerie de ideas, pela maior parte ficam aſſociadas. Finalmente a fantaſia faz muitas, e novas aſſociações de ideas, como podemos obſervar nos Poetas, e Pintores.

XV.

Conſideremos agora as ideas pela relaçam para os objectos. Ellas primeiramente ſaõ ou adequadas, ou inadequadas. As adequadas ſaõ aquellas, que repreſentam clara, e diſtinctamente todas as partes, e propriedades do objecto, nenhuma abſolutamente deixada. Saõ porém inadequadas, ſe naõ repreſentam todas as partes, e propriedades do objecto. Por exemplo. A idea de fogo ſerá adequada, ſe repreſentar todas as propriedades do fogo: ſerá porém inadequada, ſe repreſentar ſómente parte dellas. As ideas abſtractas ſempre ſaõ adequadas: tambem as ideas arbitrarias, e quimericas. Cuja razaõ he, porque os,

ob-

objectos das taes ideas saõ as mesmas ideas. Por exemplo. O objecto da idea abstracta de homem he a mesma idea: o objecto da idea de monte de ouro he a mesma idea. Mas as ideas adventicias, ou as que se referem aos objectos externos, sempre saõ inadequadas; porque nunca representam os seus objectos inteira, e adequadamente.

§. XVI.

Alem disto as ideas referidas para os objectos saõ ou singulares, ou universaes. A idea singular he aquella, que representa huma cousa singular, como a idea de mim mesmo, a idea de Platão, a de Cicero, &c. A idea universal he aquella, que representa muitas cousas singulares, mas confusamente, isto he, sem os signaes distinctivos, e individuaes, como a idea de homem, que representa muitos homens, mas confusamente, e a

Digitized by Google

idea de triangulo, que tambem confuſamente repreſenta muitos triangulos.

§. XVII.

Em terceiro lugar as ideas referidas para os objectos ſaõ ou abſolutas, ou relativas. A idea relativa he aquella, que ſe refere para outra, como a idea de Pai, que ſe refere para o filho, e a idea de Meſtre, que ſe refere para os diſcipulos. A idea abſoluta he aquella, que ſe naõ refere para outra, como a idea de Sol, de homem &c.

§. XVIII.

Aqui ſe hade advertir, que ha muitas relações menos manifeſtas de ideas, as quaes ſe haõ de deſcubrir com huma indagaçaõ diligente da razaõ, paraque ſe entendam as ideas. Por exemplo: Eſtes vocabulos grande, pequeno, douto, ignorante, formoſo, feio, rico,

Digitized by Google

do, pobre, e os mais do mesmo genero contém relações occultas. Porque grande se diz pela relaçam para pequeno: douto para ignorante: formoso para feio: rico para pobre: e mutuamente pequeno para grande &c.

§. XIX.

Em quarto lugar as ideas referidas para os objectos saõ ou abstractas, ou concretas. Abstractas, como as ideas de linha, de superficie, de prudencia geralmente entendida, e da mesma sorte de justiça em commum. Concretas, as que naõ saõ abstractas, como a idea de Pedro, do Ar, da Agua, e todas as ideas de sensações, ou compostas de ideas de sensações.

§. XX.

Finalmente as ideas referidas para os objectos saõ ou quimeri-

Digitized by Google

cas, ou reaes. As quimericas saõ de dous modos: porque se chama quimerica a idea, a que nenhum objecto similhante corresponde na natureza, como a idea de Monte de ouro: E tambem aquella, a que corresponde objecto impossivel, como o Circulo quadrado, o Hircocervo &c. A idea real he aquella, a que corresponde algum objecto similhante na natureza, como a idea de homem, de monte, e de mar.

§. XXI.

Mas se as ideas se referem para a alma, saõ claras, ou escuras, distinctas, ou confusas. A idea clara he aquella, que de tal sorte representa o seu objecto, que, se outra vez occorre, logo se conhece. Tal he a idea da Lua, do Sol &c. A escura he aquella que de tal sorte representa o seu objecto, que se outra vez occorre, nem logo, nem facilmente se conhece, qual he

he a idea de Marte, e de Jupiter naquelles, que naõ ſaõ acoſtumados a contemplar eſtes Planetas.

§. XXII.

A idea diſtincta he a que naõ ſómente repreſenta claramente o objecto, mas tambem os principaes ſignaes do meſmo objecto, com que elle ſe diſtingue de todo outro qualquer. Pelo contrario porém, ſe repreſenta claramente o objecto, mas de nenhum modo os ſignaes, he confuſa. As ideas das cores, dos ſabores, das mais ſenſações ſaõ claras, mas confuſas. A idea de triangulo, e de circulo ſaõ claras, e diſtinctas.

§. XXIII.

As noſſas ideas podem-nos enganar de muitos modos. Por tanto paraque naõ erremos por occaſſiam dellas, havemos de uſar das ſeguintes regras.

Re-

Digitized by Google

Regra primeira.

I. Naõ ſe definam as ideas ſimplices; porque ſe eſcurecem. Mas definam-ſe muito deligentemente as compoſtas.

II. Diligentemente examina as ideas fantaſticas, e diſtingue-as das ſimplices, e adventicias.

III. Naõ cuides que ſempre correſpondem ás ideas fantaſticas objectos ſimilhantes.

IV. Acautela-te das ideas abſtractas, e univerſaes: naõ julgues por ellas das meſmas couſas.

V. Obſerva ſe as aſſociações das ideas ſaõ fantaſticas, ou naturaes, e agudamente diſtingue entre humas e outras.

VI. Naõ filoſófes por ſyſtemas fantaſticos: antes filoſófa por continuas experiencias, e pelo commum ſentido dos optimos. Naõ finjas o univerſo de ſyſtemas, mas eſtuda paraque os ſyſtemas naſçaõ do univerſo.

VII.

Digitized by Google

VII. Nenhumas ideas julgues adequadas, senaõ quando estas certo que nada acha no objecto, que ignores: e naõ julgues temerariamente por ideas inadequadas das essencias das substancias, das forças activas, das causas, e fins das cousas.

VIII. Cuida em fazer claras, distinctas e adequadas as ideas escuras, confusas e inadequadas com o estudo, experiencia e meditação. Por este meio faze deligencia por augmentar, e formar a capacidade, perspicacia, e juizo.

IX. Naõ cuides que te podes fazer douto só pello comercio com o mundo inteligivel; mas antes com o mundo da natureza, e dos homens, se naõ queres ir por caminho direito para o fanatismo. Despreza aquella Logica, com que hum certo homem douto se jacta que todas as cousas se podem saber, e q̃ de todas se póde julgar no mundo intelligivel sem experiencia, e ligação.

C A-

CAPITULO II.

Primeira, e generica diviſaõ dos objectos das noſſas ideas, e da ſabedoria humana.

§. I.

OS objectos das noſſas ideas ſaõ aquellas couſas, que as meſmas exprimem, ou repreſentam. Por exemplo. O objecto da idéa do Sol he o meſmo Sol. Nas ideas quimericas ſaõ objectos as meſmas ideas, como acima dicemos.

§. II.

As ideas algumas vezes repreſentam huns objectos exiſtentes, e outras ſomente poſſiveis. Por exemplo. A idea do Sol repreſenta hum objecto exiſtente: a idea de monte de ouro repreſenta hum objecto poſſivel. Quando as ideas repreſentam os objectos poſſiveis, entaõ os obje-

Digitized by Google

objectos das ideas ſaõ as meſmas ideas. Daqui naſce, que as ideas deſte mundo ſempre ſaõ adequadas, iſto he, que tanto repreſentam, quanto nellas ſe contém. Quando porém as ideas repreſentam os objectos externos, os repreſentam, ou aſſim como ſaõ percebidos pelos noſſos ſentidos, como o Sol, a Lua, os homens &c.; ou aſſim como ſaõ concebidos pelo entendimento, como Deos, a alma, e as cauſas dos effeitos naturaes.

§. III.

Por tanto a primeira, e generica diviſaõ dos objectos das noſſas ideas he, que huns ſaõ exiſtentes, e outros ſómente poſſiveis. A ſegunda tambem generica he, que huns objectos ſaõ ſubſtancias, outros atributos ſubſtanciaes, e outros modificações de ſubſtancias. Por exemplo. O vocabulo corpo ſignifica huma idea, cujo objecto he huma

huma ſubſtancia corporea. O vocabulo gravidade ſignifica huma idea, cujo objecto he hum attributo do corpo. O vocabulo figura ſignifica huma idea, cujo objecto he huma modificaçaõ do corpo.

§. IV.

Expliquemos eſtes vocabulos em poucas palavras. A ſubſtancia he tudo aquillo, que na natureza por ſi exiſte, e he ſubſiſtente, como o homem, a planta, o Sol. O attributo ſubſtancial he aquillo, que pertence para a eſſencia de ſubſtancia, como a ſolidez, e extenſaõ no corpo, o entendimento, e liberdade na alma. O modo, ou accidente he o que pode eſtar na ſubſtancia, ou faltar-lhe ſem corrupçam della, como a figura cubica, a cor, o ſabor, a fluidade, a dureza no corpo.

§. V.

§. V.

Dividem-se as fubſtancias em corporeas, e incorporeas. As corporeas ſaõ extenſas, ſolidas, diviſiveis, e graves. As incorporeas ſaõ nem extenſas, nem ſolidas, nem diviſiveis, nem graves, como Deos, a alma. Alem diſto toda a fubſtancia he ou eterna, como Deos; ou feita, como as couſas do Mundo: ou poſſivel, como as couſas de outro Mundo.

§. VI.

Tambem os objectos das noſſas ideas ou ſaõ cauſas, ou effeitos. A cauſa he aquillo, porque ha gerada, ou feita alguma couſa. Os effeitos ſaõ as couſas, que ſaõ produzidas pelas cauſas. Todo o Mundo conſta de ſeres muito bem ordenados de cauſas, e effeitos. He officio do Filoſofo indagar eſtas couſas. E a meſma indagaçaõ, é eſ-

eſtudo chama-ſe Filoſofia. Pela qual razaõ he Filoſofo aquelle, que inveſtiga com modo, e razaõ quaes ſaõ as couſas exiſtentes, quaes poſſiveis: quaes eternas, quaes feitas: quaes ſubſtancias, quaes attributos, quaes modos: quaes tambem ſaõ corporeas, quaes incorporeas: álem diſto quaes ſaõ cauſas, quaes effeitos: finalmente quaes ſaõ as relaçõés das couſas, e quaes os uſos.

§. VII.

Mas tres partes deſta Filoſofia ſe podem conſtituir, Racional, Natural, e Moral. A Racional enſina a arte de filoſofar, e de diſtinguir a verdade da falſidade. Eſta he a Logica. A ſegunda inveſtiga as naturezas, as propriedades, as cauſas, os effeitos, os fins, e os uſos de todas as couſas, que ha na natureza. A terceira indaga a natureza moral do homem, e enſina regras, com que os homens podem viver honeſta, e ſabiamente.

§. VIII.

Digitized by Google

§ VIII.

A Filoſofia Natural comprehende a Metafyſica, Fyſica, e Mathematica. A Metafyſica comtempla as primeiras, e ſublimes cauſas, e razões de todas as couſas exiſtentes, e poſſiveis, e álem diſto tracta de Deos, e dos eſpiritos.

§. IX.

A Metafyſica tambem ſe diſtribue em tres partes, que ſaõ a Ontologia, a Pneumatologia, e a Theologia. A Ontologia ajunta noções abſtractas do ente, e das ſuas propriedades genericas, das quaes depois diſto tira principios univerſaes, que ſervem para as mais ſciencias. No eſtudo da Ontologia nos devemos acautelar, que naõ julguemos muito confiadamente das meſmas couſas por ideas univerſaes, e abſtractas, no qual erro muitas vezes

Digitized by Google

zes cahem os Metafyſicos Na verdade a natureza das couſas naõ ſe pode comprehender adequadamente com as noſſas ideas; nem ſe examina diligentemente com as noções abſtractas, mas com a mam, e com inſtrumentos.

§. X.

A Pneumatologia tracta da natureza das almas, e dos Anjos. Em inveſtigar a natureza das almas havemos de uſar do ſentido intimo, e de raciocinaçam. Neſta ſciencia deve ſe acautelar aſſim o fanatiſmo, como o materialiſmo. Saõ Materialiſtas os que neohuma alma conhecem diſtincta do corpo. E Fanatiſtas aquelles, que negam todo o commercio entre a alma, e o corpo, e publicam muitas e admiraveis coutas do lume interior da alma. Tambem ſe chemam Fanaticos os muito imaginativos, e que tem as ſuas imaginações por couſas reaes, e que por iſſo meſmo ſe-

seguem mais o seu temperamento do que a razaõ incorrupta.

§. XI.

A Theologia he huma sciencia, em que se tracta de Deos, e das cousas divinas. Ella nasce de tres fontes, isto he, da razaõ da natureza, das Escrituras divinas, e das antigas tradições.

§. XII.

No uso da razaõ na Theologia sobre tudo se hade acautelar a temeridade: isto he, naõ he licito levar a razaõ natural álem dos seus limites. Porque a razaõ natural he brevissima. Assim que, como ella naõ pode ser a medida das cousas creadas, menos pode comprehender a Deos, o qual he totalmente infinito. Peloque poucas cousas, e modestamente se haõ de disputar de Deos pela razaõ natural.

§. XIII.

Digitized by Google

§. XIII.

No uſo das antigas Tradiçõés ſe ha de ajuntar a critica; paraque naõ adoptemos tambem por doutrinas divinas as fabulazinhas vulgares. Deve-ſe entender que muitas couſas ſaõ divulgadas muitas vezes por homens, ou idiotas, ou malicioſos, e aſtutos, como divinas, as quaes ſaõ humanas, e muitas vezes tambem indignas de Deos. Que couſas ſe devem ajuntar no uſo das divinas Eſcrituras, copioſamente demonſtramos na Logica: para ella enviamos os mais adiantados.

§. XIV.

A Fyſica he huma ſciencia, em que ſe ajuntam os fenomenos das couſas corporeas, e pelos fenomenos ſe inveſtigam as cauſas. Chamam-ſe fenomenos todas as apparencias de couſas corporeas, que

ſe

Digitized by Google

ſe percebem com os ſentidos, ou ſejam fórmas, e figuras exteriores dos corpos, ou gerações, ou corrupções, ou alterações, ou commutações, ou movimentos, ou quietações, ou ſituações &c.

§. XV.

Por tanto duas ſaõ as partes da Fyſica, Hiſtorica, e Dogmatica. A primeira he Hiſtorica. Convem a ſaber, primeiro de tudo deve o Fyſico ajuntar os fenomenos, as obſervações, e as experiencias das couſas corporeas: depois diſto deve julgar com as mais ſolidas razões quanto lhe he poſſivel, quaes ſaõ as ſuas cauſas genuinas.

§. XVI.

A Filoſofia Moral he huma ſciencia, que ſe applica a inſtruir, e dirigir a vida humana para a virtude, e por iſſo meſmo para a bem-

Digitized by Google

aventurança, pelas leis ou da natureza, ou divinas reveladas, ou humanas. Esta sciencia he a mais necessaria de todas ao homem, e como fim das mais; porque se devem reputar inuteis todas aquellas sciencias, que de nenhum modo influem para a felicidade humana; porque por amor della nos foi dado o entendimento, e para ella se devem dirigir todas as nossas cogitações.

§. XVII.

Esta sciencia se hade derivar de duas fontes, convem a saber, da contemplaçaõ da natureza humana, e da historia naõ sómente divina, mas tambem humana. Porém o principal officio do Filosofo moral he explicar, e confirmar as leis ou naturaes, ou divinas: depois disto derivar dellas as obrigações dos homens, e de mostrar em particular, que cousas podem fazer a vida humana feliz, ou miseravel.

CA-

Digitized by Google

CAPITULO III.

Da natureza dos vocabulos em geral.

§ I.

ENtre os principaes ſignaes, com que com os mais communicamos os noſſos penſamentos, ſaõ os vocabulos. Saõ pois os vocabulos huns ſons articulados, ou expreſſos pela meſma natureza, ou inventados pelos homens, paraque manifeſtaſſemos aos mais as noſſas cogitações. Aſſim que os vocabulos pela maior parte ſaõ arbitrarios, iſto he, tem a ſua força, e ſignificaçaõ do uſo dos homens. Pelo que ſignificam aquellas noções, que com elles ajunta o que falla, ou eſcreve, ou aquelle em cujo nome falla, ou eſcreve. Por tanto os vocabulos naõ ſe haõ de interpretar de ſorte, que ſignifiquem as noções do que ouve, ou lê, no que muitos torpiſſima-

Digitized by Google

mente ſe enganam. E daqui ſe pode bem conhecer muito facilmente, que entam entendemos os livros dos outros, quando damos aos vocabulos as meſmas ſignificações, que lhes deram os meſmos authores. E como iſſo he muito difficil de ſe fazer, por eſta razaõ he evidente que quaſi nunca podemos completamente entender os livros de outros. Do que ſe ſegue que em interpretar os livros de outros devemos naõ ſer muito temerarios, nem muito teimoſos.

§. II.

Huns vocabulos ſaõ ſignaes de ideas ſimplices, e outros de noções compoſtas. Os vocabulos, Brancura, Negrura, Redondeza, e Extenſaõ ſignificaõ ideas ſimplices. E eſtes, corpo, homem, planta, Deos, alma, &c. ſignificam noções compoſtas de ſubſtancias.

§. III.

Digitized by Google

§. III.

As noções podem ſer mais, ou menos compoſtas. Daqui naſce que os vocabulos de noções compoſtas quaſi nunca ſe entendem adequadamente; porque he difficultoſo ſaber quanto compoſta ſeja a noçaõ, que o author deo a tal vocabulo.

§. IV.

Todos os vocabulos de ſubſtancias ſaõ de noções compoſtas, como já dice. Por tanto ſaõ os mais eſcuros de todos. Porque em quanto alguem pronuncia Deos, o homem, a planta, o ouro, e os mais, naõ entendo com baſtante diſtinçaõ quantas ideas ſimplices ſe comprehendem naquelles vocabulos.

§. V.

Mas tambem ſaõ eſcuros os vo-

ca-

Digitized by Google

cabulos de modos compoſtos; porque nem ſempre entendemos adequadamente quanta ſeja a extenſam das ideas, que ſe comprehendem naquelles taes vocabulos. Por exemplo. Os vocabulos amor, odio, prudencia, juſtiça, e ſimilhantes de modos moraes naõ exprimem adequadamente que, e quanto o author quer com elles ſignificar. Daqui vem que os vocabulos das ſciencias, artes, e virtudes, dos vicios, dos coſtumes, e uſos de diverſas Nações pela maior parte ſaõ eſcuros, e confuſos.

§. VI.

Em todas as linguas ha quaſi infinitos vocabulos de relações occultas, os quaes tambem ſe devem interpretar pela relaçaõ para o tempo, ou lugar, ou peſſoas, ou coſtumes, ou outras couſas do meſmo, ou de diverſo genero. Similhantes ſaõ os nomes das qualidades

dos dos corpos, as quaes se podem intender, ou remittir, como calor, frio, amargoso, doce, duro, molle, &c. Além disto os nomes de virtudes, e vicios: demais disto os nomes de artes, e sciencias: e finalmente os nomes de acções, e de verbos. Todos esses vocabulos contém relações occultas, e naõ se podem entender bem, se se naõ entendem as relações. Porque he quente para hum, o que he frio para outro: para hum he amargoso, o que para outro he doce; em Italia he vicio, o que na Asia he virtude: em hum lugar he douto, o que em outro he ignorante. Em Colchide reputa-se charidade o matar os meninos, que naõ podem criar, o que he verdadeira crueldade.

§. VII.

Alem disto em todas as linguas ha huns certos nomes abstractos, que significam ideas abstractas, ou

fór-

fórmas sem sujeitos, como dizem os Escolasticos. Linha, e superficie significam ideas abstractas de longitude, e de largura: justiça, prudencia, amor, e ira exprimem ideas genericas das taes virtudes, ou affectos. Humanidade, Divindade, &c. significam aquillo, com que o homem he homem, ou Deos he Deos, mas com abstracçaõ. Do mesmo modo brancura significa aquillo, com que a cousa he branca, e negrura aquillo, com que a cousa he negra, &c.

§. VIII.

Ordenamos, o que muitas vezes temos dito, que o Filosofo se hade acautelar, que naõ entenda as ideas abstractas pelas mesmas cousas, e se naõ engane por occasiam dos vocabulos abstractos.

CA-

Digitized by Google

CAPITULO IV.

Do fim, imperfeiçaõ, uſo, e abuſo dos vocabulos.

§. I.

OS vocabulos ſaõ huns ſignaes das noſſas ideas, aſſim como as ideas ſaõ huns ſignaes das couſas. Pela qual razaõ o fim dos vocabulos he, que huns entendamos os outros. Mas dois uſos dos vocabulos ſe podem conſtituir, hum civil, e outro filoſofico. Aquelle tem lugar nas converſações familiares, e negocios civeis Este porém nas Eſcolas, e eſcritos dos filoſofos. Ou aquelle na Republica civil, e eſte na literaria.

§. II.

No uſo civil das palavras ſempre ellas ſe haõ de tomar com as noçõẽs recebidas; porque de outra ma-

Digitized by Google

maneira se impede o commercio entre os homens. Mas no uso filosofico podem-se entender com outras noções, com tanto que todavia se definam bem, isto he, se explique anticipadamente, com que ideas se entendem aquelles vocabulos. Porém isto se hade fazer, quando as noções vulgares dadas áquelles vocabulos saõ menos perfeitas.

§. III.

Havemos de confessar com tudo, que os vocabulos a nenhum destes usos correspondem plenamente; porque por mais cuidado que se tenha em escolher vocabulos, e em os definir, delles se naõ póde totalmente tirar a escuridade, e confusaõ. Porque já que nem todas as almas humanas cogitam igualmente, tambem os vocabulos, que saõ signaes das nossas cogitações, naõ podem igualmente significar a todos. Mas isto principalmente acon-

te-

Digitized by Google

tece nos vocabulos de ſubſtancias, e ideas genericas.

§. IV.

Eſta imperfeiçaõ póde-ſe chamar dos vocabulos. Mas o abuſo dos meſmos vocabulos muitas vezes augmenta eſta imperfeiçaõ. Elle he de muitos modos. O primeiro commette-ſe quando os vocabulos ſe tomam ſem algumas determinadas, e definidas noçoẽs, ou ainda (o que tambem he maior vicio) ſem ideas algumas totalmente. Muitas vezes os Filoſofos, quando nada tem que reſpondam a propoſito ao que lhes perguntam, fogem para ſimilhantes vocabulos artificioſos, para encobrirem a ſua ignorancia. Aſſim os Peripateticos antigos pertendiam explicar todos os fenomenos da Natureza por qualidades occultas. O meſmo abuſo commettem alguns Newtonianos, recorrendo em cada huma das queſtoẽs

tões para a attracçaõ, como para refugio ſagrado, e ſua ultima eſperança. E ha alguns, que entam mais os admiraõ. Belliſſimamente Lucrecio. *Na verdade os eſtupidos mais admiram, e amam todas as couſas, que percebem eſcondidas debaixo de palavras tiradas da ſua propria ſignificaçam.*

§. V.

O ſegundo abuſo dos vocabulos he quando as palavras ſe naõ tomam ſempre com as meſmas noções, mas com muitas, e varias; o que por admiravel modo perturba a intelligencia do Leitor. Procede iſſo pela maior parte da pobreza das linguas; porque nenhuma lingua he tam copioſa que poſſa ſer igual a todas as humanas cogitações: mas algumas vezes iſſo acontece, ou por cauſa da ignorancia da lingua, ou pela negligencia do que falla, ou eſcreve.

§. VI.

Digitized by Google

§. VI.

O terceiro abuſo he a eſcurida-de affectada. Eſte ſe commette, ou quando aos vocabulos recebidos da-mos novas noções, ſem que antes admoeſtemos os Leitores; ou intro-duzimos novos nomes ſem defini-çaõ alguma; ou ajuntamos os vo-cabulos de tal ſorte, que imitam enigmas.

§. VII.

O quarto abuſo he quando o que falla, ou ouve, ſe perſuade que com os vocabulos naõ ſe exprimem as noções do que falla, mas as eſ-ſencias reaes das couſas. Porque co-mo iſſo he falſo, principalmente nos vocabulos das ſubſtancias, naõ ſe póde dizer, em quantos, e quaõ grandes erros introduz os que lem, ou ouvem. Por tanto para que naõ cahamos em tal erro muitas vezes nos havemos de lembrar, que os vo-

Digitized by Google

vocabulos naõ significam as naturezas das coulas, mas as noçõeſ do que falla, ou eſcreve, ou as eſſencias nocionaes, e naõ as reaes.

§. VIII.

O quinto abuſo he quando com o continuado uſo de alguns vocabulos nos perſuadimos da opiniaõ de que humas certas noções ſe naõ podem exprimir com outros vocabulos, de tal ſorte que nos parece termos confundido em huma meſma couſa os vocabulos, e as ſuas ideas. Dahi procede, que todas as vezes que a meſma noçam ſe exprime com outros vocabulos nos nova menos, como ſe naõ fora a meſma.

§. IX.

O ſexto, e ultimo abuſo eſtá poſto nos tropos, e figuras. Ha alguns eſcritores, que cuidam que entam muito bem explicaram alguma couſa,

Digitized by Google

ſa, quando a explicaram com nomes mudados da ſua propria ſignificaçaõ para a alhea, e com figuras oratorias. Eſtas couſas perturbam a intelligencia do Leitor. Dahi naſce que muitas vezes attribuimos aos eſcritores ſentenças abſurdas.

§. X.

Eſtes ſaõ os abuſos dos vocabulos. Deve-os acautelar, o que quer plenamente communicar as ſuas ideas aos mais. A'lem diſto, quando lê os escritores, deve-os obſervar diligentemente, paraque ou ſe naõ engane, ou naõ calumnie os outros.

CAPITULO V.

Das Enunciações.

§. I.

A Enunciaçaõ, ou a propoſiçaõ he toda a oraçaõ, com que affirmamos, ou negamos alguma couſa; ou com

com a qual exprimimos a ſentença inteira da alma, ou o juizo do entendimento, como; *A virtude he amavel*; *O homem he mortal.*

§. II.

Toda a propoſiçaõ conſta de tres coulas, ſujeito, attributo, ou predicado, e verbo, ou uniam. O ſujeito, e o attributo chamam-ſe termos, e materia da propoſiçaõ; o verbo porém, iſto he, a uniam, e conjuncçaõ do ſujeito com o predicado, chama-ſe fórma da propoſiçaõ.

§. III.

O ſujeito he aquillo, de que ſe affirma, ou nega: o predicado porém he aquillo, que ſe affirma, ou nega do ſujeito: mas a meſma negaçaõ, ou affirmaçam chama ſe fórma, e uniam. Por exemplo. Neſta propoſiçaõ, *A virtude he amavel*, *a virtude* he o ſujeito, e o *amavel* o predicado, e o *he* a fórma.

§. IV.

Digitized by Google

§. IV.

Nas proposições se haõ de considerar qualidade, quantidade, e affecções. As proposições em quanto à qualidade saõ affirmativas, ou negativas, simplices, ou complexas, ou compostas. A proposiçaõ affirmativa he aquella, em que se affirma que o predicado convem ao sujeito, como, *o corpo he grave.* A proposiçaõ negativa he aquella, em que se nega que o predicado convem ao sujeito, como, *o homem naõ he eterno.*

§. V.

A proposiçaõ simples he aquella, que exprime hum só juizo, e consta de termos simplices, como, *o corpo he grave, Deos he eterno.* Porém se os termos da proposiçaõ forem complexos, de tal sorte que no sujeito, ou predicado se contenha outra proposiçaõ diversa da

principal, entam toda a propoſiçaõ ſe chamará complexa, e ſe dividará em *principal*, e *indicente*. Por exemplo *Alexandre Magno, o qual reinava no pequeno reino de Macedonia, apoderou-ſe de toda a Aſia*. Eſta propoſiçaõ conſta de duas, de *principal*, que he, *Alexandre Magno apoderou-ſe de toda a Aſſia*; e *incidente*, que he, *o qual reinava no pequeno reino de Macedonia*.

§. VI.

A propoſiçaõ compoſta he aquella, que tem ou muitos ſujeitos, ou muitos predicados, ou huma, e outra couſa juntamente por exemplo. *Cicero foi aſſim vigilantiſſimo Conſul da Republica Romana, como grande Filoſofo, como tambem eloquentiſſimo Orador*, na qual propoſiçaõ ha tres predicados. Da meſma ſorte, *a nobreſa, as riquezas, a ſciencia coſtumaõ ſer cauſa de ſoberba*, na qual ha tres ſujeitos.

§. VII.

Digitized by Google

§. VII.

A composiçaõ das proposições he ou clara, ou occulta. As proposições que tem a composiçaõ clara, costumam reduzir-se para seis classes, que saõ copulativas, disjuntivas, condicionaes, causaes, relativas, e discretas.

§. VIII.

A proposiçaõ composta copulativa he aquella, que consta de muitos sujeitos, ou predicados juntos por particulas copulativas, ou expressas, ou subentendidas. Tens exemplos no §. VI. Se as partes da proposiçaõ composta se affirmarem, ou negarem disjunctivamente, a proposiçaõ se chamará disjunctiva. Por exemplo. *O bem he ou honesto, ou util: A avareza nem he honesta, nem util.*

Digitized by Google

§. IX.

A proposiçaõ condiçional contém duas partes, huma das quaes depende da condiçaõ posta antes. Por exemplo. *Se he honesto, he bom: Se he torpe, he máo. Se o triangulo he isosceles, tem os angulos iguaes junto á base.* A primeira parte da proposiçaõ condicional, convem a saber aquella, a que está junta a condiçaõ, chama-se antecedente: mas a segunda, que depende da primeira chama-se consequente. Assim no precedente exemplo: *Se he honesto* he antecedente: *He bom*, he consequente.

§. X.

A proposiçaõ causal contém da mesma sorte duas partes, huma das quaes exprime o fim da outra. Por exemplo *Leio para que saiba. Para quê saiba* he o fim porque leio, e por isso causa porque leio. Pois que os

os Filoſofos numéram o fim entre as cauſas. Aquella pârte, que exprime o fim, chama-ſe cauſal da propoſiçaõ.

§. XI.

As propoſições relativas ſaõ aquellas, huma das quaes contém relaçaõ para a outra. Por exemplo: *Qual he a arvore, tal he o fructo*, Daqui ſe entende aquillo do Evangelho: *Pelos fructos delles os conhecereis.* Do meſmo genero he aquella propoſiçaõ: *Qual he a vida, aſſim he o fim.*

§. XII.

A propoſiçaõ diſcreta he aquella, que contém dois juizos á cerca do meſmo ſujeito, hum dos quaes he affirmativo, e outro negactivo. Por exemplo. *He Cretenſe, mais naõ he mentirozo. He Grego, mas naõ he fallador.* Tal he aquelle epitaphio: *Milagre! Eſte homem, e mulher naõ litigam.*

§. XIII.

Digitized by Google

§. XIII.

As proposições, que tem composiçaõ occulta, costumam reduzir-se a quatro classes. Porque saõ ou exclusivas, ou exceptivas, ou comparativas, ou inceptivas, e desitivas.

§ XIV.

A proposiçaõ exclusiva he aquella, em que ou o sujeito exclue todo outro attributo, ou o attributo exclue todo o outro sujeito. A primeira chama-se *de predicado excluso*: e a segunda *de sujeito excluso*. Por exemplo. *Só Deos he Omnipotente*; chama-se proposiçaõ *de sujeito excluso*; porque o attributo *Omnipotente* exclue todo outro sujeito. *A linha he taõ somente longa*, chama-se proposiçaõ *de predicado excluso*; porque o sujeito *linha* exclue todo outro predicado.

§. XV.

Digitized by Google

XV.

A proposiçaõ exceptiva he aquella, em que o attributo de tal sorte se affirma do sujeito, que exclue parte delle. Por exemplo, *Todos peccáraõ em Adaõ, excepto a Santissima Virgem Maria: Todos podem salvar-se, excepto os impenitentes.*

§. XVI.

A proposiçaõ comparativa he aquella, em que se faz comparaçaõ entre duas cousas, e que por essa causa sempre contém muitos juizos. por exemplo, *Achilles foi mais forte que Heitor.* Nesta proposiçaõ ha dois juizos, com hum dos quaes se affirma que Achilles, e Heitor foraõ fortes: com outro porém que Achilles foi mais forte que Heitor.

§. XVII.

Finalmente a proposiçaõ inceptiva significa o principio de alguma

ma couſa: a deſitiva porém o fim. Por exemplo. *A arte typographica foi inventada junto ao meiõ ao ſeculo XV.* : *A lingua Latina deixou de ſer vulgar junto ao X. ſeculo.* Toda a propoſiçaõ inceptiva contém huma deſitiva, e a diſitiva huma inceptiva. Por tanto ambas ſaõ compoſtas.

§. XVIII.

A' cerca das couſas precedentes podem-ſe obſervar eſtas ſeguintes:

I Paraque a propoſiçaõ *conjuncta* ſeja verdadeira, todas as ſuas partes devem ſer verdadeiras: ſe huma for falſa, toda he falſa. Porque a *affirmaçaõ*, ou *negaçaõ*, que he huma ſó, e indiviſivel, comprehende todas as partes: logo ſe huma dellas he falſa, toda a affirmaçaõ, ou negaçaõ ſerá falſa.

II. Na *diſjuncta* devem as partes ſer repugnantes, porque de outra maneira he inepta; e por iſſo huma parte taõ ſomente deve ſer ver-

Digitized by Google

verdadeira. Por exemplo. *Huma cousa sensual he cousa má, ou boa, ou nem boa nem má.* Em o qual exemplo naõ pode ser verdadeiro mais que *hum* membro.

III. A verdade da *hypothetica*, ou condicional naõ depende da verdade das partes, mas da recta conjunçaõ; porque nesta proposiçaõ nem o antecedente, nem o consequente se affirma, ou nega, mas somente a connexaõ.

IV. Na causal ha duas partes, huma das quaes deve conter a razaõ sufficiente da outra. Se falta esta razaõ ou he falsa, ou inepta a proposiçaõ. Exemplo. *O Imperio Romano acabou, porque admittio a Religiam Christã*: Certamente he falsa a causa daquelle effeito; porque a Religiam Christã naõ destroe, mas maravilhosamente conserva as sociedades, e imperios.

V. A verdade das propoſições exclusivas muito difficultosamente se conhece. Primeiramente paraque se ma-

manifesto a verdade das proposições *de sujeito exclusivo*, devem-se saber todos os outros sujeitos existentes, ou possiveis, se para esta tambem se refere a proposição: Em segundo lugar para que se conheça a verdade das proposições *de predicado exclusivo*, deve saber-se adequadamente a essencia do sujeito. Mas huma e outra cousa he muito difficultosa. Por tanto taes juizos naõ se haõ de pronunciar taõ facilmente.

VI. Toda a proposiçaõ inceptiva contém a desitiva, como tambem toda a disitiva cotém a inceptiva. Por exemplo *Antes do seculo 14 naõ havia arte Typographica: Logo houvea depois do seculo 14.*

VII. As proposições incidentes *explicativas* naõ influem na verdade, ou falsidade *das principaes*; assim que ou sejam verdadeiras, ou falsas, naõ importa ás principaes: pelo contrario porém muito lhes importa a verdade, ou falsidade das in-

Digitized by Google

incidentes *restrictivas*. A'lem disto como aquelle, que escreve, principalmente tem cuidado das principaes, e menos das incidentes explicativas, estas naõ se haõ de notar demasiadamente, nem imputar aos escritores muito pertinazmente: pelo contrario porém as restrictivas, as quaes fazem huma parte essencial das principaes.

CAPITULO VI.

Da quantidade, opposiçaõ e conversaõ das Enunciações.

§. I.

A Primeira propriedade das Enunciações he a quantidade. Esta se conhece pelo sujeito. Mas pode o sujeito da proposiçaõ ser de quatro modos, Indefinido, Universal, Particular, e Singular. He indefinido, quando com nenhum signal de quantidade he notado, como, *O homem he mortal; o circulo he figura plana.*

§. II.

§. II.

As propoſições indefinidas em materia neceſſaria por ſi, e por ſua natureza ſempre ſaõ univerſaes: porém em materia fortuita, ou contingente ſaõ particulares. A materia das propoſições chama-ſe neceſſaria, quando o attributo he da eſſencia do ſujeito: chama-ſe porém fortuita, quando o attributo naõ he da eſſencia do ſujeito. por exemplo. *O corpo he extenſo*; *o homem he racional*: Eſtas propoſições ſaõ indefinidas em materia neceſſaria; porque os attributos ſaõ da eſſencia dos ſujeitos; e por iſſo meſmo ſaõ univerſaes por ſua propria natureza. Porém as outras ſeguintes, *o homem he Geometra*; *o corpo he vermelho*, ſaõ indifinidas em materia fortuita; porque os attributos naõ ſaõ da eſſencia dos ſujeitos: pelo que equivalem a particulares.

§. III.

Digitized by Google

§. III.

A proposiçaõ chama-se universal, quando o sujeito he universal, como, *todo o homem he mortal*; *ninguem he de toda a parte feliz*. Costumam os Logicos distinguir duas universalidades das proposições, *Metafysica*, e *Moral*. A proposiçaõ he *metafysicamente* universal, quando naõ tem excepçaõ alguma, como, *todo o corpo he divisivel*. Chama-se porém *moralmente* universal, quando tem suas excepções, como aquillo do Salmista, *nenhum ha que obre bem*; porque esta proposiçaõ entende-se da maior parte dos homens, e naõ de todos, e de cada hum.

§. IV.

A proposiçaõ particular he aquella, cujo sujeito he hum só na verdade, mas naõ determinado,

Digitized by Google

como, *morreo algum homem*. Finalmente a proposição singular he aquella, cujo sujeito he hum, e determinado como, *Platão foi Atheniense: este metal he prata.*

§. V.

Os Logicos, considerando dois summos generos de proposições quanto á quantidade, universaes, e particulares. Mas como ellas saõ affirmativas, ou negativas, explicaõ isso com quatro letras symbolicas *A, E, I, O*. A significação dellas letras contém-se nos seguintes versos:

Asserit A, *negat* E, *verum universaliter ambo*
Asserit I, *negat* O, *sed particulariter ambo.*

Cuja versaõ he: *Affirma o* A, *nega o* E, *mas ambos universalmente.* *Affirma o* I, *nega o* O, *mas ambos particularmente.*

§. VI.

§. VI.

Segue-se a opposiçaõ das proposições. Esta he huma repugnancia de duas proposições, que constaõ do mesmo sujeito, e do mesmo predicado. Por tanto, para que duas proposições sejaõ opostas, devem constar do mesmo sujeito, e do mesmo predicado, mas huma deve ser affirmativa, e outra negativa.

§. VII.

Ha tres generos de opposições; porque as proposições opostas saõ ou contrarias, ou contradictorias, ou subcontrarias. As contrarias saõ *A*, *E*, isto he, ambas universaes, mas huma affirmativa, e outra negativa, como, *todo o corpo he pezado*; *nenhum corpo he pezado*: As contradictorias saõ *A*, *O*, ou *E*, *I*, convem a saber, huma universal, e outra particular; mas huma affirma-

Digitized by Google

mativa, e outra negativa. Por exemplo. *Ninguem naſce para ſi ſó*: *Alguem naſce para ſi ſó*. As ſubcontrarias ſaõ *I. O.* iſto he, ambas particulares, mas huma affirmativa, e outra negativa, como *algum homem he racional*: *algum homem naõ he racional*.

§. VIII.

Nesſe lugar ſe hade advertir, que as propoſições contrarias em materia fortuita ſaõ ambas falſas, mas em materia neceſſaria ſomente huma dellas pode ſer verdadeira. Por exemplo. *Todo o homem he avarento*, *Nenhum homem he avarento*, ſaõ em materia contingente, e ambas falſas. *Todo o corpo he extenſo*: *Nenhum corpo he extenſo*, ſaõ em materia neceſſaria, e por iſſo meſmo huma dellas taõ ſómente he verdadeira. Tambem das propoſições contradictorias em materia neceſſaria huma ſómente he verdadeira; porém em materia contingente

a universal sempre he falsa. Finalmente das subcontrarias em materia necessaria huma sómente póde ser verdadeira; mas em materia fortuita ambas podem ser verdadeiras, como, *algum homem he prudente: algum homem naõ he prudente.*

§. IX.

A terceira propriedade das proposições he a conversaõ. Converte-se a proposiçaõ quando o sujeito se faz predicado, e o predicado sujeito. Se a mesma quantidade permanecer em huma, e outra proposiçaõ, se chamará simples a conversaõ, como, *nenhum circulo he figura solida: nenhuma figura solida he circulo.* Se a quantidade se mudar, a conversaõ se chamará *per accidens*, como, *todo o fogo he corpo: algum corpo he fogo.*

Digitized by Google

§. X.

Conforme a doutrina dos Logicos as proposições *E*, *I*, isto he, as universaes negativas, e particulares affirmativas, convertem-se simplesmente: porém as proposições *E*, *A*, ou as universaes negativas, e affirmativas convertem-se ***per accidens.***

Digitized by Google

LIVRO TERCEIRO.

Da verdade, e Falsidade, e dos Criterios da verdade em geral.

DEpois que no primeiro Livro fizemos diligencia por tirar os impedimentos, que podem embaraçar os que pertendem conseguir a verdade; e no segundo explicamos a natureza, a origem, os generos, os objectos, e os signaes das nossas ideas; agora he necessario que expliquemos qual seja a verdade, que o Filosofo professa seguir: álem disto quaes sejam os signaes da verdade, e quaes os caminhos para a indagar.

Digitized by Google

CAPITULO I.

Da Verdade, e Falsidade, e de varios estados da alma humana, em quanto pertence á verdade.

§. I.

O Vocabulo *verdade* he equivoco, isto he, naõ tem huma só significaçaõ, mas muitas. Porque a *verdade*, ou he *Moral*, ou *Natural*, ou *Metafysica*, ou *Logica*.

§. II.

A verdade moral he huma concordia das sentenças, e juizos da alma com os signaes, com que elles se exprimem. A esta se oppoem a mentira.

§. III.

A verdade natural he quando huma cousa he aquillo, que deve ser por sua natureza, isto he, quando

do naõ he corrupta, e depravada. Aſſim chamamos verdadeiro ouro, e verdadeira prata aquelles, com que nada eſtá miſturado.

§. IV.

A verdade metafyſica he huma conveniencia das couſas com as ideas eternas, e immudaveis de Deos. A eſta verdade nenhuma falſidade he oppoſta; porque todas as couſas ſaõ aquillo, que Deos conforme a ſua eterna razaõ quer que ſejam.

§. V.

A verdade logica he huma conveniencia dos noſſos juizos com os ſeus objectos; e a falcidade logica he huma diſconveniencia dos noſſos juizos com os ſeus objectos. De dois modos he a verdade logica, *formal*, e *objectiva*. Quando os noſſos juizos ſe referem ſó para as noſſas ideas, e naõ para os obje-

Digitized by Google

objectos externos, sempre lhes saõ conformes, e por isso verdadeiros, e esta verdade chama-se *formal*. Mas se se referem para os objectos externos, nem sempre saõ verdadeiros, mas tambem algumas vezes saõ falsos. E esta verdade, ou falsidade se chama *objectiva*, e *real*.

§. VI.

Os estados da nossa alma, quanto pertence a esta verdade, saõ totalmente quatro, *de ignorancia*, *de duvida*, *de opiniam*, e *de certeza*. Dizemos que ignoramos aquellas cousas, de que nenhumas noções temos, nem pelo sentido, nem por conjectura, nem pelo raciocinio, nem por alguma outra via. A'lem disto dizemos que ignoramos aquellas cousas, de que temos sim algumas ideas, mas naõ as podemos entre si comparar, e por isso naõ podemos conhecer perfeitamente a sua conveniencia, ou disconveniencia.

§. VII.

Digitized by Google

§. VII.

Tres eſtados de ignorancia ha nos homens: de inteira ignorancia, qual ha nos meninos de pouco naſcidos, os quaes nenhumas noções tem das couſas: eſtado de pura fé, quando temos na verdade algumas ideas, mas naõ as ſabemos ajuntar entre ſi, e por iſſo naõ ſabemos julgar, mas admittimos como noſſos os juizos de outros, o qual eſtado ha nos meninos, nos eſtupidos, e idiotas a reſpeito de muitas couſas. O terceiro eſtado de ignorancia he mixto de ſciencia, fé, opiniam, duvida, e ignorancia, qual ha em todos os homens ainda doutiſſimos. Porque tambem os doutos poucas couſas avaliam com o ſeu juizo, crêm muitas pela authoridade de outros, em muitas opinam, ou duvidam, e ignoram infinitas.

§. VIII.

Digitized by Google

§. VIII.

Chama-se estado de duvida, quando a alma para nenhuma das partes se inclina, de tal sorte, que nem sabe affirmar, nem negar. Mas a duvida he de dois modos, *negativa*, e *positiva*. A negativa he quando por nenhuma parte ha razões de affirmar, ou negar, como, *Se as estrellas fixas saõ pares, ou nones em numero?* A positiva he quando as razões saõ iguaes por huma, e outra parte.

§. IX.

O estado de probabilidade, ou opiniaõ he quando a alma na verdade se inclina para huma de duas partes, mas perplexamente; porque naõ se inclina por certas, nem evidentes razões. Isto acontece ou quando somente de huma parte ha razões, mas taes, que nem saõ certas, nem evi-

Digitized by Google

evidentes: ou quando ha razões provaveis por huma, e outra parte, mas mais graves por huma dellas. Probabilidade do primeiro genero he, *que ha habitadores na Lua.* E do segundo, *que naõ ha vacuo na natureza.*

§. X.

A probabilidade he de dois modos, *intrinseca*, e *extrinseca*. Esta deriva-se da authoridade, e aquella das razões naturaes. Assim he extrinsecamente provavel, *que ha habitadores na Lua*, porque gravissimos Filosofos o affirmam: he porém intrinsecamente provavel, porque algumas razões provaveis o persuadem.

§. XI.

A probabilidade tem seus gráos; pelo que alguma doutrina he mais, ou menos provavel, e huma mais provavel que outra, assim como as razões saõ mais, ou menos graves.

Digitized by Google

ves. Os gráos da probabilidade medem-se *absoluta*, ou *relativamente*. Medem-se *absolutamente*, quando indagamos quanto a opiniam dista da certeza, a qual se divide como hum todo em partes iguaes, de tal sorte que cada huma das partes constitúa cada hum dos gráos da probabilidade. Medem-se porém *relativamente*, quando huma opiniam se compara com outra, e se conhece quanto he mais provavel.

§. XII.

O estado de certeza he, quando a alma, ainda que queira, naõ pode duvidar do seu juizo. Esta tambem he de dois modos; porque ou he *apparente*, ou *real*. A *apparente* he, quando se tem por verdadeira, mas naõ he. A *real* he, quando he tida por verdadeira, e o he.

§. XIII.

Digitized by Google

§. XIII.

De nenhum modo podemos duvidar que ha certezas apparentes, isto he, juizos, que saõ falsos, e saõ tidos por verdadeiros. Por exemplo. Lactancio Firmiano julgava como certo que nenhuns Antipodas havia, e zombava dos que cuidavam que os havia. Comtudo nada he mais certo do que haver Antipodas. Por tanto aquella certeza de Lactancio era apparente.

§. XIV.

As certezas apparentes nascem de todas aquellas causas, de que nascem os erros; porque ellas saõ erros: mas principalmente nascem de quatro causas, que saõ a brevidade da alma, os prejuizos dos maiores, ou dos sentidos, a preguiça de investigar, e os affectos dominantes. Primeiramente, os que tem

Digitized by Google

tem a alma breve, facilmente ſe enganam com a primeira apparencia da verdade. E como nem ainda ſuſpeitam que a couſa póde ſer diverſa do que entendem, naõ ſabem duvidar de ſimilhantes ſeus juizos. Depois diſto os prejuizos dos maiores, ou dos ſentidos, depois que pervaleceram por longo tempo, tem-ſe em lugar de axiomas, de tal ſorte que muito difficultoſamente podem deixar de ſe ter por verdadeiros. De mais diſto a preguiça faz que ſatisfeitos com huma ſciencia ſuperficial deſprezemos as mais couſas, ou naõ queiramos tomar ſobre nós taõ grande trabalho, quanto he neceſſario para examinar os noſſos juizos. Finalmente os affectos dominantes de tal ſorte perturbam a alma, que muitas vezes entendemos nuvem por Juno, taõ pertinazmente, que naõ queremos que ſe nos enſine o contrario.

CA-

Digitized by Google

CAPITULO II.

Da Sciencia, e Fé.

§. I.

O Vocabulo de Sciencia toma-se de dois modos, ou por cada hum dos conhecimentos evidentes, ou por alguma sciencia inteira. Tomada pelo primeiro modo he hum conhecimento claro, e evidente, ou algum juizo claro, e evidente. Esta tambem he de dois modos; *de intuiçaõ*, como nos axiomas, por exemplo; *O todo he maior que a sua parte*; *aquellas cousas, que saõ iguaes á mesma, saõ iguaes entre si*, e *de demonstraçaõ*, como nos Theoremas demonstrados, por exemplo: *os angulos junto á base dos triangulos isosceles saõ iguaes.*

§. II.

Quando a sciencia se entende do segundo modo, he huma serie de

de sciencias particulares, ou de intuiçaõ, ou de demonstraçaõ, ou para melhor dizer, he hum habito de entender, e demonstrar muitas proposições entre si unidas com serie continuada, qual he a Geometria, a Fysica, &c.

§. III.

A evidencia he propria da sciencia. Mas de tres modos he a evidencia, *Mathematica*, *Fysica*, e *Moral*. A evidencia Mathematica, que tambem se pode chamar *evidencia intelligivel*, da-se nos axiomas, e demonstrações *de pura ratificação*, qual se acha na Geometria, Arithmetica, e Metafysica. Esta evidencia he a maior, e mais segura de todas.

§. IV.

A evidencia Fysica, ou sensivel procede dos sentidos, como quando

do

do claramente vemos, ouvimos, tocamos alguma couſa &c., ou quando deſtas ſenſações, e experiencias demonſtramos alguma couſa neceſſariamente. Eſta evidencia he menor que a antecedente, mas ſegura naquellas couſas, que pertencem aos corpos.

§. V.

A evidencia moral (a qual impropriamente ſe chama evidencia) provém da authoridade: por tanto faz fé, e naõ ſciencia. Mas a authoridade he de dois modos, *divina*, e *humana*. E na verdade a *divina* authoridade ſempre faz evidencia moral, ou certeza: a *humana* porém ſómente a faz quando muitas teſtemunhas de probidade, e oculares teſtificam de alguma couſa. Mas a certeza da fé humana he muito mais inferior que a da fé divina.

§. VI.

Digitized by Google

§. VI.

Por tanto a fé he ter alguma couſa por verdadeira, naõ porque nós a percebamos com intuiçaõ, ou demonſtraçaõ, mas porque nos he referida por aquelle, que ſuppomos a ſabe. Pela qual razaõ a fé reſolve-ſe na Sciencia daquelle, a quem damos credito, ou nella tem a ſua força. Mas a fé he de dois modos; *divina*, e *humana*. Aquella procede de Deos, e eſta dos homens. A fé humana tambem póde ſer de duas maneiras, *certa*, e *provavel*, iſto he, aſſim como he maior, ou menor a authoridade dos que teſtificam.

CAPITULO III.

Dos Criterios da verdade.

§. I.

FAllemos agora do Criterio, e quaſi ſenha da verdade, pois que alguma deve haver, paraque a verdade ſe poſſa diſcernir da falſidade. Mas haõ-ſe de diſtinguir as couſas, paraque ſe poſſaõ conſtituir os criterios, e ſignaes da verdade. Porque nas couſas intelligiveis he o caracter da verdade *a evidencia intelligivel*: nas couſas ſenſiveis he *a evidencia Fyſica*, ou *ſenſivel*: e nas couſas hiſtoricas, ou de facto, ou naquellas, que excedem a noſſa capacidade, he *a evidencia moral.* Logo aquelle que tiver alcançado a evidencia nas couſas, que enumeramos, eſteja certo que percebeo a verdade. Mas qualquer deve ſer para ſi teſtemunha, e juiz deſta evidencia: porque nós

Digitized by Google

meſmos ſomente conhecemos o eſtado interior da noſſa alma.

§. II.

Expliquemos iſto com alguns exemplos. Pergunta-ſe, por ventura he verdade, *que o todo he maior que a ſua parte*? He verdade; porque tem por criterio della a evidencia intelligivel de intuiçaõ. Pergunta-ſe ſegunda vez, *ſe os angulos junto á baſe do triangulo iſoſceles ſaõ iguaes*? Saõ; porque iſſo tem por criterio da verdade a evidencia intelligivel de demonſtraçaõ. Tambem ſe pergunta, *Se exiſte o Sol*? Exiſte; porque he evidente ſenſivel. Mas pergunta-ſe outra vez, *ſe o Sol he maior que a terra*? He maior na verdade; porque iſto tem evidencia ſenſivel de demonſtraçaõ mixta com evidencia intelligivel. Alem diſto ſe pergunta, *Ceſar por ventura triunfou dos exercitos de Pompeio*? Triunfou; porque iſto tem

tem evidencia moral humana. Finalmente pergunta-se, *haverá por ventura em algum tempo resurreiçaõ dos corpos*? Haverá; porque isto tem evidencia moral divina.

§. III.

Que ha de fazer o Filosofo, diz alguem, quando huma evidencia se oppoem a outra sobre a mesma cousa? Seguirá estas Regras.

Regra primeira.

I. Se a evidencia Fysica se opposer á Mathematica, ter-se-ha á Fysica por enganadora; porque esta he menor, a qual por isto mesmo he mais justo deixar, do que duvidar de algum modo da Mathematica, que he a maior.

Finjamos (posto que o julgo falso) que se demonstra com evidencia Mathematica, que a Terra se move. Se alguem contrapozesse á evidencia dos sentidos, naõ devia

Digitized by Google

ſer ouvido, ſe naõ quizermos antepor a menor evidencia á maior.

II. Se a evidencia Mathematica parecer oppor-ſe á Mathematica, e a Fyſica á Fyſica, huma dellas ſe terá por enganadora.

Aſſim que quando huma demonſtraçaõ ſe oppoem a outra demonſtraçaõ, e huma experiencia a outra experiencia, neceſſariamente engana huma dellas. Mas eſte he hum caſo, em que ſe deve conſultar o commum ſentido dos optimos.

III. Deixa a fé humana, ſe ella repugna á evidencia Mathematica, ou Fyſica.

Porque com eſtas ſe naõ pode comparar na dignidade, nem na ſegurança.

IV. Se a authoridade clara de Deos ſe oppoem á evidencia Fyſica, o ſentido ſerá tido, e havido por enganador.

Porque a authoridade clara de Deos he a razaõ de Deos, a qual totalmente ſe ha de preferir á evi-

dencia

Digitized by Google

dencia dos noſſos ſentidos, ou antes ſubſtituir-ſe-lhe. Dice a *Authoridade clara de Deos*: porque ſe naõ for clara, e podermos de algum modo duvidar do ſeu genuino ſentido, ainda naõ nos havemos de apartar da evidencia Fyſica.

V. A authoridade clara de Deos naõ pode oppor-ſe á evidencia Mathematica.

Demos que ſe lhe opponha: Como a authoridade de Deos he a ſuprema razaõ, e por iſſo certiſſima, ſerá totalmente verdadeira: Logo ſerá falſa a evidencia Mathematica, e por iſſo meſmo naõ ſerá ſignal da verdade. Como iſto naõ póde ſer (conforme o que antecedentemente ſe dice); ſegue-ſe que huma naõ póde oppor-ſe á outra.

VI. Se á evidencia Mathematica parece oppor-ſe a authoridade de Deos, ou aquella naõ he evidencia, ainda que por tal ſeja avaliada, ou eſta ſe naõ entende. Logo, paraque aquella ſe examine, ſe ha de

Digitized by Google

de conſultar o ſentido commum; e para que eſta claramente ſe entenda, deve-ſe conſultar a Igreja.

Porque aſſim como o ſentido commum he o juiz da evidencia, tambem *a Igreja, de quem foram confiadas as palavras de Deos* he a meſtra de interpretar a divina authoridade.

CAPITULO IV.

Quaes caminhos ſejaõ propoſtos ao homem para adquirir a ſabedoria, e eſſes caminhos explicados geralmente.

§. I.

QUatro totalmente ſaõ os caminhos, pelos quaes ſe adquire todo o noſſo conhecimento, a authoridade externa, as experiencias dos ſentidos, a intima conſciencia, e o raciocinio. Daqui ſe dirivam todas as noſſas ideas, e todos os noſſos conhecimentos. Fóra deſtas fontes

Digitized by Google

fontes naõ ſabemos, nem podemos ſaber couſa alguma.

§. II.

E certamente tôdas as couſas, que podemos ſaber, ſaõ ou externas, ou internas. As externas ou ſaõ ſujeitas aos ſentidos, ou naõ. A'lem diſto as que naõ ſaõ ſujeitas aos ſentidos, ou ſaõ accommodadas á capacidade da noſſa alma, ou a excedem. As couſas, que a cada hum ſaõ intrinſecas ou ſe percebem com a intima conſciencia, como que nós exiſtimos, que cogitamos, que temos varias vontades, que ſomos agitados com varios affectos, que preſentimos alguma dor, ou goſto &c.: ou ſe conhecem com algum raciocinio derivado da intima conſciencia, como que a noſſa alma he incorporea, e que he immortal. Tambem neſtas couſas utilmente nos ſerviremos da authoridade daquelles, que

mais

mais diligentemente conſideraram a noſſa natureza, porém ſim uſaremos della, naõ paraque ſaibamos ſomente pela authoridade delles, mas paraque nós meſmos com as ſuas cogitações nos excitemos a cogitar tambem.

§. III.

As couſas, que ſaõ externas, e ſujeitas aos ſentidos, ſomente ſe haõ de aprender com as experiencias dos meſmos ſentidos. Mas iſto ſe deve entender de tal ſorte, que as experiencias ſe naõ ſeparem do exame da razaõ. Aſſim que precederám ſim as experiencias diligentemente feitas, mas dellas ſe ha de raciocinar doutamente. Porém ſe eſtas couſas externas naõ forem ſujeitas aos ſentidos, como os eſpiritos, as forças activas dos corpos, &c., entaõ ſe hade recorrer ao raciocinio, e conjectura. Por tanto ſó com o raciocinio podemos conhecer

Digitized by Google

nhecer quaes ſejam as forças dos Planetas; mas funde-ſe eſte raciocinio nas experiencias dos ſentidos.

§. IV.

Finalmente aquellas couſas, que excedem, a capacidade da noſſa alma, iſto he, as que naõ podemos perceber com os noſſos ſentidos, nem por conjectura, e raciocinio, nem com a intima conſciencia ſe haõ de aprender da authoridade dos que as ſabem, ſe alguns ha. Taes ſaõ as couſas de facto, a que nós naõ eſtivemos preſentes: taes ſaõ as couſas divinas, que excedem a capacidade da noſſa alma; e finalmente todas as couſas, que ſaõ ſuperiores á noſſa razaõ.

§. V.

Deſtas fontes tiraremos utilidade, ſe dellas primeiramente bebermos principios, ou prenoções da noſſa

Digitized by Google

noſſa ſciencia: Depois diſto, ſe deſtes principios eſtendermos muito o noſſo conhecimento. Por tanto deve o Filoſofo diligentemente fazer duas couſas: Porque ha de adquirir principios verdadeiros, e tambem com o uſo, e exercicio. A arte, com que poſſa delles bem raciocinar. Comprehendamos eſtas couſas em poucos preceitos.

REGRA PRIMEIRA.

I. Nenhuns outros caminhos de aprender tem propoſtos os Filoſofos fóra deſtes quatro, authoridade, ſentidos externos, conſciencia, raciocinio, e conjectura. Por tanto muito diligentemente nelles ſe exercitarám, e faraõ verſados.

II. Naõ paſſarám fóra dos limites deſtes caminhos: ſaberám quaes couſas ſe devem aprender com o ſentido, e naõ com a intelligencia, quaes com a intelligencia, e naõ com o ſentido; e quaes com nenhum delles: obſervarám bem os limites.

III.

Digitized by Google

III. Primeiramente conſiderarám com diligencia, e medirám as noções, que dahi bebem: ponderarám bem ſe ſaõ verdadeiras, ou diſtam da verdade, e quanto.

IV. Com longo exercicio adquirirám a arte, com que poſſam derivar juſtos conſequentes dos ſeus principios, convem a ſaber, paraque naõ tirem temerariamente conſequentes verdadeiros de principios falſos, certos de provaveis, nem evidentes de duvidoſos; e paraque aprendam a ſaber que taes taõ os conſequentes, quaes ſaõ os principios, donde naſcem. Em huma palavra, paraque poſſam avaliar cada huma das couſas com o ſeu pezo.

Digitized by Google

LIVRO QUARTO.

Do uſo da authoridade, e da Arte Critica.

A Authoridade, de que uſamos em adquirir o conhecimento das couſas, ou he interna, ou externa. Os noſſos ſentidos fazem a authoridade interna, e os outros a externa. Pela qual razaõ primeiro de tudo tractaremos da authoridade dos ſentidos, e tanto mais de boa mente, porque daqui bebemos as primeiras noçõeſ das couſas.

CAPITULO I.

Da authoridãde dos Sentidos.

§. I.

OS Sentidos foraõ dados ao homem, paraque com o uſo delles conheça as couſas externas, e cor-

Digitized by Google

corporeas. Daqui naſce a primeira materia do noſſo entendimento; porque dos ſentidos recebemos as primeiras noções das couſas. Mas quatro couſas ſe podem conſiderar nas externas, e corporeas, *a exiſtencia*, *as qualidades*, *e propriedades*, *as relações*, e finalmente *a eſſencia*.

§. II.

A exiſtencia de alguma couſa corporea percebe-ſe ou com o immediato toque dos ſentidos, ou com argumento tirado delle. Percebemos o Sol, a Lua, o Ar, e outros muitos corpos com o toque immediato dos ſentidos. Deſcubrimos huns certos animalejos, que roem os corpos, e que ſaõ inacceſſiveis aos ſentidos, com hum argumento deduzido dos effeitos ſenſiveis. Porém naõ he neceſſario que conheçamos perfeitamente todas as propriedades dos corpos, para conhecermos a ſua exiſtencia, mas para

Digitized by Google

ra isso he sufficiente se com os sentidos percebermos huma, ou outra. Pelo que rectamente concluimos sómente da luz, ou do cheiro, ou do som, ou outra qualquer qualidade que existe o corpo, que luz, ou lança cheiro, ou som. Pela qual razaõ concluimos bem da luz, e do som que a materia electrica he corpo.

§. III.

As propriedades, e qualidades dos corpos tambem ou se percebem com a impressaõ nos sentidos, ou se concluem com necessarios argumentos daquellas cousas, que com os sentidos se percebem. Assim percebemos a solidez, a luz, e o cheiro dos corpos com a impressaõ no tacto, nos olhos, e narizes. Mas muitas vezes por estas percebemos, e descubrimos outras propriedades occultas. Porque naõ se ha de crer que nenhumas outras propriedades ha nos corpos, senaõ

as

Digitized by Google

as que percebemos fómente com os ſentidos.

§. IV.

Como pois naõ podemos duvidar que ha nos corpos, propriedades, e qualidades deſconhecidas, naõ nos devemos admirar de que algumas vezes dellas naſçaõ taes fenomenos, cujas cauſas ignoramos, os quaes naõ ſe devem ter por fabuloſos, nem ſobrenaturaes, pela razaõ de que as cauſas ſaõ deſconhecidas. Por exemplo. *A Iman attrahe o ferro*: *a agulha de marear conſtantemente ſe vira para os Pólos*: Ha eſtes fenomenos, que tem ſuas cauſas em a natureza corporea, aindaque deſconhecidas: Naõ os devemos ter por ſobrenaturaes, porque ignoramos as cauſas.

§. V.

Quanto ao que pertence ao conhecimento das relações das couſas

Digitized by Google

ſas corporeas, ou entre ſi, ou comnoſco, deſte ſe fallou no primeiro livro: neſte conhecimento ſem duvida ſe deve ajuntar a razaõ com os ſentidos; porque neſtas couſas podemos enganar-nos, e muitas vezes nos enganamos.

§. VI.

Porém as eſſencias das couſas externas, principalmente das ſubſtancias, de nenhum modo ſe podem conhecer com os ſentidos. Porque as eſſencias das couſas eſtam poſtas na uniam de todas as propriedades; os ſentidos porém naõ podem repreſentar todas as propriedades dos corpos. Aſſim que havemos de conſultar a razaõ, paraque naõ vamos mais álem do que podemos ir com os ſentidos. Tambem pode acontecer que perpetuamente ignoremos a eſſencia das couſas corporeas, nem ſaibamos das que eſtaõ fóra de nós couſa alguma, exceptos os fenomenos.

§. VII.

Digitized by Google

§. VII.

Os filoſofos reduzem a dois generos as couſas, que ſe percebem com os ſentidos, as *obſervações*, e *experiencias*. Dizem-ſe obſervar-ſe aquellas couſas, que acontecem por ſua propria natureza ſem algum trabalho noſſo: Aſſim obſervamos como naſcem, e como creſcem as plantas como ſe movem os aſtros, como apparecem no ar os meteoros, como correm os rios, &c. As experiencias porém fazem-ſe com o noſſo trabalho, e induſtria, como quando experimentamos a força de algum remedio, quando uſamos de maquinas, quando examinamos por quanto tempo vive o paſſarinho no vacuo Boyleano &c.

§. VIII.

Mas duas couſas ſe devem advertir á cerca do uſo das experi-

L en-

Digitized by Google

encias, e obſervações. Primeira, que ſe façam com diligencia. Segunda, que dellas ſe tirem bem os conſequentes. Para que ſe façam diligentemente, nellas haõ de trabalhar homens peritos na materia de que ſe trata, e juntamente habeis, e faceis em manejar os inſtrumentos. Aſſim naõ ſe hade dar credito facilmente ás experiencias, e obſervações que vulgarmente ſe contam, e que pela maior parte foraõ feitas por homens ignorantes. Alem diſto ajuda a fazer muitas vezes as experiencias, e obſervações, e comparallas com as que fizeraõ outros homens doutos. Finalmente devemos chegar a fazer as experiencias, e obſervações ſem opiniões anticipadas, paraque nellas naõ vejamos as couſas, que naõ exiſtem ſenaõ na noſſa mente. Dahi naſce que diverſos Filoſofos, enganados pela fantaſia cheia de opiniões anticipadas, muitas vezes obſervam couſas diverſas, e contrarias ſobre o meſmo objecto.

§. IX.

Digitized by Google

§. IX.

Devemos proceder com cautela em tirar as conſequencias. Primeiramente naõ ſe ha de tirar conſequencia univerſal de hum fenomeno, ou de huma, ou outra experiencia; porque naõ ſe ha de argumentar logo de couſas particulares para univerſaes. Porém com muita probabilidade inferimos de muitas experiencias por varias vezes repetidas, e conſtantes concluſaõ geral pertencente para aquellas couſas, ſobre que ſe fizeraõ as experiencias. Depois diſto naõ ſe ha de argumentar dos fenomenos de hum genero para os de outro: porque os fenomenos de diverſos generos tem diverſas cauſas. Mas tambem ha alguns fenomenos, que parecem ſimilhantes, e com tudo o naõ ſaõ perfeitamente; Dos quaes por eſta razaõ naõ ſe hade aſſignar a meſma cauſa.

Digitized by Google

§. X.

Por tanto o noſſo Filoſofo attenderá para as ſeguintes regras.

I. Investigará todas as cauſas poſſiveis do fenomeno aſſignado, e muito diligentemente com elle as comparará.

Duas utilidades ha neſta regra: 1. A alma do Filoſofo por eſte modo chega pouco a pouco a huma profunda, e intima contemplaçaõ *da natureza*, e quando inveſtiga huma verdade, deſcobre muitas, e faz o entendimento cada vez mais capaz, e inſtruido. 2. Julga da cauſa do fenomeno com menor perigo de erro. Por tanto nunca aprovei, como em outro lugar dice, a prompta, e breve fórma de diſputar nas Fyſicas por ſyſtemas: porque o que aſſim filoſófa, eſtá pegado ao ſeu ſyſtema, como a huma pedra, e nem inveſtiga, nem ſabe outra couſa. A meſma Fyſica

Newto-

Digitized by Google

cauſas *B*, *C*, e *D*, que ſe podéram inveſtigar: Quando naõ conſta clara, e diſtinctamente que o *A* depende de huma deſtas, e naõ eſtamos certos que nenhuma outra reſta, de nenhuma deſtas direi affirmadiſſimamente que procede o *A*. Porém ſe comparadas eſtas cauſas, e attentamente ponderadas todas as couſas, ſe acha eſtar a razaõ ſufficiente do *A* em *B* 2 em *C* 3, e em *D* 4, a probabilidade, com que ſe affirma que naſce do *D*, comparada com a que ſe affirma que provém do *C*. he como 4 para 3: com a que porém ſe affirma que naſce do *B*, he como 4 para 2.

§. XI.

Naõ ſómente os Fyſicos, e os Medicos devem obſervar eſtas regras, mas tambem, e principalmente os Politicos, a cujo cuidado, e diligencia, eſtá cometrida a tranquillidade da sociedade: porque

Digitized by Google

que eſtes com o meſmo cuidado, e ainda maior devem examinar, por que cauſas pode acontecer a tranquillidade, ou perturbaçaõ da ſociedade. Advirto que desejo muito que os Filoſofos de pouca idade principalmente ſe inſtruam, e exercitem neſtes eſtudos.

CAPITULO II.

Da Authoridade humana.

§. I.

A Authoridade humana faz que movidos ſómente com o teſtemunho dos que teſtificam nos perſuadamos como verdadeiras, ou provaveis as couſas, que naõ entendemos por intima experiencia, nem por via dos ſentidos, nem pela razaõ. Por tantò eſta authoridade tem lugar ou nas couſas de facto, a que naõ podemos eſtar preſentes, como na hiſtoria: ou naquelles dogmas, que nós ainda naõ po-

Digitized by Google

podemos entender por cauſa da fraqueſa da noſſa alma.

§. II.

Aſſim que na hiſtoria a authoridade dos que teſtificam he o unico principio, e como deſpenſa, donde podemos tirar os factos. Porém na Filoſofia natural, e nas mais diſciplinas da razaõ a authoridade pode ter lugar por algum tempo, até que creſça a noſſa razam: porque, augmentada ella, havemos de fazer diligencia, paraque nós meſmos entendamos por nós eſſes dogmas, paraque nem ſempre ſejamos guiados por outros á maneira de gado. E iſto principalmente ſe ha de fazer naquella parte da Filoſofia, que ſe chama Ethica, e que toda pertence para a noſſa tranquillidade, e dos mais.

§. III.

Toda a authoridade depende de tres dotes do que teſtifica da ſua ca-

Digitized by Google

capacidade, e perſpicacia de entendimento, da ſciencia do facto, e da probidade. Porque ſe naõ conſta que o author, que teſtifica alguma couſa, teve hum entendimento capaz de entender as couſas, e prompto, e perſpicaz em as diſcernir, e que ſabe o que teſtifica, ou enſina, e que naõ mente, nem interpola a narraçaõ, perece toda a ſua authoridade. Certamente ſe o hiſtoriador naõ tiveſſe capacidade, perſpicacia, e bom juizo, e foſſe facilmente credulo, póde enganarſe: pela qual razaõ ſe lhe naõ dará facilmente credito. Além diſto ſe naõ conſtar que póde ſaber o que narra, nenhum prudente o crerá. Finalmente ſe naõ for bom, e de nenhuma ſorte incitado para mentir por genio, nem por cauſas externas, nenhum credito merecerá.

§. IV.

Facilmente ſe pode fazer juizo da capacidade, e perſpicacia do hiſ-

Digitized by Google

hiſtoriador pela ſua hiſtoria: porque o engenho, a mente, e toda a doutrina de quem eſcreve ſe manifeſta nos ſeus eſcritos. Pelo que ſe naõ formos totalmente eſtupidos, naõ teremos facilmente por douto o author ignorante, e idiota. Conſtará porém que o author póde ſaber o que narra, ſe foſſe coevo, e domeſtico, de tal ſorte que naõ foſſe neceſſario receber de outros as ſuas narrações. Porque os que naõ ſaõ coevos, nem domeſticos, podem enganar-ſe, em quanto dependem de outros: porque a diſtancia dos tempos, e lugares ou augmenta ou diminue, ou perturba, e interpola todos os factos.

§. V.

Mas tambem ſe requer no hiſtoriador a probidade, iſto he, tal com que eſtejamos certos, que naõ quiz de propoſito enganar. Por tanto ſe conſtar que o author foi leve,

e

Digitized by Google

e mentiroſo, de nenhum modo ſe lhe dará credito. A probidade pode faltar ao hiſtoriador ou por cauſa da ſua natural leviandade, e genio mentiroſo, quaes ſaõ em grande parte os hiſtoriadores Gregos, ou por cauſas exteriores, como por exceſſivo amor da Patria, por odio de outra parcialidade, por temor de algum mais poderoſo, por cauſa de medo de eſcrever verdades, com que muitos se offendam, por occaſiam de dinheiro, com que eſteja corrupto, ou por outras ſimilhantes cauſas.

§. VI.

Pergunta-ſe aqui, quanta probabilidade faça hum hiſtoriador? Respondo que faz, e tem grandiſſima authoridade, ſe de nenhum modo ſe pode duvidar da ſua probidade, e elle foſſe coevo, e preſente, e além diſto homem perſpicaz, e naõ idiota. Menor porém,

Digitized by Google

rém, ſe foſſe coevo, mas naõ preſente. E pequena, ſe naõ foſſe coevo, nem preſente.

§. VII.

Além diſto ſe pergunta, quanta authoridade tem muitos hiſtoriadores, ſe todos receberam a ſua hiſtoria ſómente de hum? Reſpondo que naõ a podem ter maior do que a tem aquelle author, de quem receberam a hiſtoria? Porque ſaõ teſtemunhas naõ oculares, mas de ouvida. Porém nas couſas de facto toda a authoridade se hade referir a teſtemunhas oculares.

§. VIII.

No uſo da hiſtoria tambem ſeguirá o Filoſofo as Regras ſeguintes.

REGRAS.

I. Por iſſo que hum póde enganar-ſe naõ ſe ſegue logo que ſe enga-

ganou: Por tanto rejeitar a authoridade ſómente com eſte argumento, porque he fallivel, he enlouquecer: outros argumentos devem haver, paraque della te apartes.

II. As couſas, que narram todos, ou muitos hiſtoriadores, contradizendo nenhum, devem-ſe ter por certas: Se hum, ou outro teſtificar contra muitos; devem-ſe comparar os dotes dos hiſtoriadores: conforme elles ſe ha de julgar.

III. Os factos, que narra hum, ou outro hiſtoriador ocular, eſcrevendo ninguem o contrario, ſaõ proximos á certeza, ſe eſtes hiſtoriadores tiveſſem os verdadeiros dotes de hiſtoriadores.

IV. Aquelle, que cala alguma couſa, naõ a nega: Logo aquellas couſas, que referem os hiſtoriadores coevos, naõ ſe haõ de pôr em dúvida ſómente, porque outro, ou outros tambem coevos as calam (pela 2. e 3.): porque aquelle que cala, póde ſer accuſado, ou de negligencia

Digitized by Google

cia, ou quando muito de malicia. Porém dizem, as leis da hiſtoria pediam que naõ calaſſe. Mas que ſe ſegue? Contra eſtas peccou o hiſtoriador: mas naõ ſe póde dizer que negou aquellas couſas que cala: e ſe as naõ negou, eſtá em pé a authoridade dos hiſtoriadores, que as contam. He couſa admiravel que os doutos podeſſem diſputar entre ſi com taõ grande contenda ſobre eſte argumento, a que chamam negativo.

V. Haõ-ſe de pôr em duvida aquelles factos que contam ainda com grande concordia, teſtemunhas naõ coévas, nem occulares, ſe nenhum dos hiſtoriadores coevos, e oculares os referem, quando havia opportunidade de os referir.

Porque donde beberaõ eſſes modernos eſſes factos? Nenhuma outra couſa ſe póde allegar, ſenaõ a fama popular, a qual he muito mentiroſa. E eſte, e naõ aquelle an-

Digitized by Google

antecedente he o *argumento negativo*, que sempre foi reputado pelos homens doutos ser de muito grande pezo.

VI. Senaõ houver alguns historiadores coevos, e oculares, reputе-se provavel a authoridade dos modernos, quando nenhuns argumentos ha para contradizer.

VII. A historia, que repugna a razões claras, seja reputada falsa.

VIII. A historia naõ se diga contraria á razaõ, porque se oppoem aos costumes, e opiniões presentes; pois que se mudam as opiniões, e os costumes.

IX. Naõ se reputе falsa huma historia, porque narra aquillo, cujas causas nós naõ entendemos. Acima damos razaõ desta Regra.

CA-

Digitized by Google

CAPITULO III.

Da authoridade Divina.

§. I.

A Authoridade Divina he aquella, que fazem as palavras de Deos. Esta authoridade he a mais excellente; porque he authoridade da suprema razaõ divina, que naõ se engana, nem póde enganar: porque Deos he infinitamente sabio, e infinitamente bom.

§. II.

Mas tres cousas saõ necessarias, paraque alguem possa usar da divina authoridade para entender as verdades divinas. Primeiramente deve-lhe constar que Deos fallou: Em segundo lugar deve saber, qual seja o sentido das palavras divinas: E em terceiro lugar quaes sejam as palavras de Deos. Se ignora, hu-

Digitized by Google

ma deſtas tres couſas, naõ uſa bem da authoridade de Deos.

§. III.

Conſta que Deos fallou, ou pela authoridade, ou pela razaõ. Conſta na verdade pela authoridade, ſe a Igreja enſina que Deos fallou. Aſſim conſta pela authoridade da Igreja que Deos fallou pelos Profetas, e Apoſtolos. Certamente ſempre iſto enſinou toda a Igreja. Daqui vem que os livros Profeticos, e Apoſtolicos fazem authoridade divina.

§. IV.

O meſmo póde conſtar pela razaõ, ſe o que falla em nome de Deos, enſina doutrina de nenhuma ſorte contraria á razaõ natural, e tem eſpirito profetico, e faz verdadeiros milagres. Porque o eſpirito profetico naõ póde provir ſenaõ de Deos, o qual ſó conhece an-

Digitized by Google

anticipadamente os futuros: e ninguem póde fazer verdadeiros milagres, senaõ só Deos, ou quem obra com poder, e imperio de Deos. Daqui se entende que os Profetas, e Apostolos foram Escritores divinos: porque ensinaram doutrina de nenhuma maneira contraria á razaõ natural, e verdadeiramente pronosticaraõ futuros, e fizeraõ milagres.

§. V.

Pelas mesmas razões se sabe que os livros dos Profetas, e Apostolos contém palavras de Deos, e que o Filosofo por isso mesmo nelles deve investigar as verdades divinas. Mas a Igreja se ha de consultar sobre a interpretaçaõ das divinas palavras: isto he, ha de dar-se ás divinas palavras aquelle sentido, que sempre, e em toda a parte lhes deo a Igreja. Naquelles lugares porém, em que a Igreja ainda naõ interpoz

Digitized by Google

o seu juizo, usará o Filosofo das regras da sagrada Hermeneutica, as quaes aprendará dos Theologos. Nós comprehendemos as principaes em hum Capitulo nos Elementos da Logica.

CAPITULO IV.

Sobre o conhecer os erros, genuidade, e inteireza dos livros.

§. I.

TOdos os livros antigos, que naquelle tempo foram dados á luz, eram manuscritos antes do seculo 14. da era Christã. Destes livros manuscritos foram tirados os presentes. He officio da arte Critica examinar se nos livros antigos poderam introduzir-se erros insensivelmente, e quaes, e de que modo se podem conhecer. Alem disto he officio della ponderar, se estes livros saõ genuinos, ou espurios, se inteiros, se truncados, ou interpolados. §. II.

Digitized by Google

§. II.

Os livros antigos podéram sahir errados por muitas causas, convem a saber por descuido, ou ignorancia dos Livreiros, ou pela temeridade dos Criticos, pelas imposturas dos Livreiros, ou Letrados, e por causa do tempo, com que se corrompem todas as cousas. E primeiramente se os Livreiros foram negligentes, ou ignorantes podéram deixar palavras, ou regras inteiras, trocar letras, ou palavras, e escrever hũmas por outras, e assim manchar os livros com erros muito feios.

§. III.

Porém se outro dictasse aos Livreiros, de muitos modos podéram acontecer erros. Primeiramente por descuido e ignorancia do que dictava. Em segundo lugar por causa da voz naõ ser clara, nem distin-

Digitized by Google

tincta. Em terceiro lugar por naõ ſer baſtantemente correcto o livro, de que ſe ſervia o que dictava. Em quarto lugar pela negligencia dos meſmos Livreiros em ouvir, ou eſcrever.

§. IV.

Mas como os Criticos pertendeſſem emendar os livros antigos, ſe elles foſſem ou ignorantes, ou muito temerarios, quaes foram em grande parte os Criticos antigos, taõ longe eſtá que os emendaſſem, que antes nelles introduziſſem novos erros. Daqui naſceo que nos livros antigos algumas vezes ſe achem erros irremediaveis.

§. V.

Accreſceram os impoſtores, os quaes, paraque ſatisfizeſſem ás ſuas opiniões, ou á ſua utilidade, ou falſamente attribuiram os livros áquelles authores, que os não eſcre-

Digitized by Google

creveraõ, o que foi muito frequente entre os antigos, ou os mutilaram, ou interpolaram. Finalmente o tempo, que conſome todos os corpos, naõ ſómente devorou muitos livros, mas tambem fez muitas corrupçõpes, e faltas nos que reſtam.

§. VI.

Mas paraque diſtinguamos os livros genuinos dos eſpurios, e os inteiros dos corruptos, ſeguiremos as dez regras ſeguintes.

A primeira Regra he.

I. He indicio de livro ſuppoſto, ſe nos livros novos ſe attribue a outro author, quando nenhuma razaõ ha; porque naõ ſeja reputado ſer daquelle, cujo nome ſe moſtra nos antigos livros: he prova porém de livro interpolado ſe nos antigos livros falta alguma couſa, que nos novos ſe acha: finalmente he indicio de livro mutilado, ſe al-

Digitized by Google

alguma couſa ha nos livros antigos, que nos novos falta.

A razaõ deſta regra he, porque nenhuma outra prova ha da genuidade, e inteireza de algum livro, ſenaõ o juizo da antiguidade conſtante por alguns ſeculos deſde o meſmo tempo do Eſcritor. Certamente aſſim como em examinar as hiſtorias antigas preferimos aos hiſtoriadores modernos os antigos, e coevos, e ſcientes da materia; aſſim quando ſe diſputa ſobre a genuidade, e inteireza de hum livro, com razaõ antepomos os antigos livros aos modernos, quando nenhuma outra razaõ ha, que nos poſſa embaraçar.

A ſegunda Regra he.

II. Se aquellas couſas, que antigamente foram pelos antigos allegadas de algum livro, faltam agora no livro do meſmo titulo, ou eſte he diverſo, ou mutilado: Se porém ſe lerem de outra maneira, ne-

neceſſariamente he ſuſpeito: Se todas as couſas ſe acharem meſmas, he o livro genuino, e inteiro, ſe naõ ha outras razões de duvidar.

A terceira regra he.

III. Os eſcritos, de que nenhuma menção ſe faz nos catalogos antigos, e que naõ foram mencionados por algum Eſcritor dos ſeculos proximamente ſeguintes, pela maior parte ou ſe devem julgar fingidos ou ſe haõ de ter por ſuſpeitos, ſe naõ ha outra razaõ em contrario.

Porém eſta Regra falha em Phedro e Curcio Eſcritores Latinos: Peloque deve-ſe uſar della com cautela; porque se funda *em argumento negativo*, como lhe chamam, cuja força naõ he ſempre a meſma, como em outra parte ſe explicou.

A quarta Regra he.

IV. Aquelles eſcritos, que expreſ-

Digitized by Google

preſſamente foram rejeitados, ou poſtos em duvida pelos mais antigos, naõ ſe podem admittir como genuinos pela authoridade dos modernos, ſe a iſſo nos naõ movem graviſſimas razões.

Sem duvida as obras genuinas dos Eſcritores deveraõ ſer mais conhecidas por aquelles, que foram mais chegados ao ſeu tempo, do que pelos que naſcemos mais tarde; porque tanto mais tenue noticia das couſas paſſadas nos chegou.

A quinta Regra he.

V. O livro, em que ſe lêm dogmas contrarios, aos que o Eſcritor, cujo nome moſtra conſtantemente defende, principalmente ſe elles parecem ſer de algum momento, ou he eſpurio, ou interpolado.

Mas tambem ſe ha de uſar deſta regra com grande cautela; porque o author depois de ſe fazer mais douto póde eſcrever dogmas dif-

differentes, e entre tanto naõ ſe lembrar dos primeiros; o que a cada paſſo acontece aos que eſcrevem muito. Póde ſer hum pouco mais dado ao Scepticiſmo e aſſim defender diverſos dogmas em diverſos lugares, o que ſabemos ter feito, álem de outros, Plataõ, e Cicero entre os antigos, e Pedro Baelio entre os modernos.

A ſexta Regra he.

VI. Livro, em que ſe mencionam ou peſſoas, ou nomes ou factos mais modernos que o author, aquem ſe attribue, ou he eſpurio, ou interpolado.

Mas deve-ſe uſar deſta regra com grande juizo, porque póde ſucceder que algumas notas ſe introduziſſem da margem para o texto convem a ſaber, finjamos que hum Grammatico quando lê os livros de Cicero *á cerca do Orador* nota na margem do livro ou o nome, ou humas certas palavras de

Quin-

Digitized by Google

Quintiliano, que depois hum Livreiro ignorante ajunte ao texto como eſquecidas; nem por iſſo eſtes livros *á cerca do Orador* logo ſe haõ de ſeparar com rigor dos genuinos de Tullio, aindaque elles eſtejam interpolados por hum certo acaſo.

A ſeptima Regra he.

VII. O livro ignorante, ou cheio de ignorancia naõ póde attribuirſe em parte, ou ao menos todo a homem douto, nem o livro cheio de fabulas imputar-ſe a homem naõ inhabil poſto que moſtre o ſeu nome nos antigos livros.

Homens doutos com eſte argumento julgam interpolados os comentarios de Servio ſobre Virgilio, e de Donato sobre Terencio, porque contém muitas couſas frias, vans, e indignas daquelles homens. Com o meſmo argumento negam a Agoſtinho aſſim outros livros, como principalmente o intitulado *Sermõ-*

Digitized by Google

mões aos Frades do Ermo: porque quem dirá que hum homem douto entre as mais fabulas refira, que elle, ſendo Bispo de Hiponia, demandára Ethiopia, e que ahi vira com ſeus olhos Centauros de hum ſó olho, e outras couſas portentoſas deſte genero?

A oitava Regra he.

VIII. O livro, em que ſe tractam, ou comtemplam controverſias naſcidas depois dos tempos do Eſcritor, a quem ſe attribue, ou em que ſe acha imitaçaõ de Eſcritor mais moderno, ou he eſpurio, ou interpolado.

Com eſte argumento negam os Criticos que o Symbolo Athanaſiano ſeja de Sancto Athanaſio; no qual certamente, álem das mais couſas, o author claramente faz menção das hereſias Neſtoriana, Euthyquiana naſcidas depois de Sancto Athanaſio.

A

Digitized by Google

A nona regra he.

XI. Se o eſtilo for diverſo do conhecido, ou do Eſcritor, a quem ſe attribue, ou do ſeculo em que elle viveo, he eſpurio. Se porém o eſtilo he o meſmo com o de outro Eſcritor, deſte antes ſe deve julgar que he, ſe nenhuma outra couſa obſta.

A decima Regra he.

X. Os vocabulos do tempo ſeguinte indicam Eſcritor mais moderno, ou interpolaçaõ do livro: Porém ſe na traducçaõ nada ha que imite a lingua, em que conſta que eſcreveo o author, a quem ſe attribue o livro, naõ he traducçaõ.

O meſmo Clerico na Arte Critica confirma eſtas Regras com muitos exemplos.

CA-

Digitized by Google

CAPITULO V.

Da Arte Hermeneutica.

§. I.

AS regras pertencentes á authoridade, que enſinámos nos Capitulos antecedentes, ſerám inuteis, ſe naõ enſinarmos de que modo ſe devem interprerar os livros dos authores. Pela qual razaõ foi inventada a *Arte Hermeneutica*, iſto he, a arte de entender bem as palavras de outros. Mas eſta arte conſta de poucas Regras. Eſtas pertencem parte ás couſas externas, e parte ás internas. Para a primeira claſſe pertencem as ſeguintes.

1. O que ha de interpretar algum livro, deve ſaber a lingua original, em que foi eſcrito, tambem como o que eſcreveo.

A razaõ deſta Regra he, porque naõ ha verſões algumas perfeitas, iſto he, que inteiramente ma-

ni-

nifeſtem a mente do author, nem ſe podem fazer perfeitas de módo algum, como com muitas razões demonſtra o doutiſſimo Richardo Simonio na Hiſtoria Crit V. T. Porque primeiramente as linguas naõ concordam entre ſi perfeitamente. Em ſegundo lugar, os idiotiſmos das linguas, as ſuas côres nativas, graças, e enfaſes naõ ſe pódem verter para a alhea. Em terceiro lugar, os que traduzem livros, pela maior parte entendem os vocabulos ſegundo a relaçaõ para os objectos, ou para as proprias noções, o que igualmente ſe oppoem ás leis de interpretar, como advertimos no ſegundo livro.

II. Devemos fazer diligencia paraque tenhamos muito bem correctos os livros dos Authores, que interpretamos.

A razaõ diſto he, porque os livros interpolados, mutilados, e corruptos ou impedem que percebamos a mente do author, ou pódem

dem ſer cauſa, porque lhe attribuamos ſentenças, que naõ ſaõ ſuas.

III. He neceſſario que ſaibamos a idade, patria, coſtumes, profiſſaõ, e Religiaõ do Eſcritor: porque por eſtas couſas muito facilmente penetramos a ſua mente.

Na verdade os Eſcritores a cada paſſo reſpeitam nos ſeus eſcritos as opiniões, ou coſtumes da ſua idade, ou patria: a cada paſſo embutem as ſuas ideas com a côr da ſua profiſſaõ, ou religiaõ: pela maior parte avaliam as couſas alheas pelos ſeus coſtumes, ou opiniões.

VI. Devem-ſe aprender as antiguidades, e coſtumes da naçaõ, de que he aquelle Eſcritor: porque he difficil que o Eſcritor naõ tinja os ſeus eſcritos com a côr das opiniões, ou coſtumes da ſua naçaõ.

Pelo que me parecem ridiculos aquelles, que ignorantes das antiguidades Hebraicas, Gregas, e Latinas, ſe metem a interpretar os livros dos Hebreos, Gregos, ou

Digitized by Google

Latinos, satisfeitos só com a Grammatica, e Diccionarios, no que miseravelmente se allucinam os mesmos, e enganam os outros.

V. Alem disto deve-se contemplar o fim do Escritor; porque de hum modo se ha de interpretar o Filosofo, de outro o Orador, e de outro o Poeta, supposto que o fim de escrever de todos naõ he o mesmo. Os Oradores, e Poetas ou recream, ou seguem cousas agradaveis ao povo, pela maior parte contra aquillo, de que se tem persuadido: por cuja razaõ as verdades *Poetica*, e *Oratoria*, posto que sejam verdades populares, isto he, prejuizos do povo, algumas vezes naõ saõ *verdades Filosoficas*. Porém o fim do Filosofo he só a verdade. Pela qual razaõ se naõ conta que o Filosofo quiz zombar como Poeta, deve-se interpretar mais rigorosamente. Esta mesma regra se deve guardar em ler os livros dos primeiros Theologos da Religiam Christã.

Digitized by Google

Christã. Na verdade aquelles Padres naõ fallavam do meſmo modo nos ſermões ao povo, em que ou calavam, ou explicavam obſcuramente humas certas couſas, paraque naõ chegaſſem aos depravados, e profanos ouvidos do Gentiliſmo: e nos livros dogmaticos, ou nas cartas familiares eſcritas a homens doutos. O que S. Jeronymo claramente adverte a Pammaquio.

VI. Se algum lugar de hum author naõ he claro, ſerá preferida a interpretaçaõ daquelles, que foram ou diſcipulos, ou amigos, ou coevos do meſmo author, á dos modernos, com tanto que naõ repugnem as palavras.

Por exemplo. Poſtoque naõ ſabemos claramente o que quiz dizer Platão com o nome *de ideas eternas*; com tudo naõ duvidamos preferir a interpretaçaõ de algum eſcritor contemporaneo á ſentença de Plotino, e de outros modernos. Por

Digitized by Google

conta deſta regra na interpretaçaõ da doutrina Apoſtolica, havendo igualdade no mais, preferimos a eſtes modernos interpretes os Padres, que foram mais viſinhos aos Apoſtolos. A razaõ deſta regra he, porque he muito veroſimil que a mente do Eſcritor foi mais conhecida por aquelles, do que por eſtes.

VII. Havendo igualdade no mais, a interpretaçaõ daquelle, que entendia bem a lingua do Author, deve-ſe preferir áquella, que he feita ſómente por alguma verſaõ.

A razaõ diſto he, porque ſaõ muito raras as traducções perfeitas.

VIII. Havendo igualdade no mais, nos lugares eſcuros deve-ſe preferir a interpretaçaõ daquelle, que he verſado na materia, ſobre que o author he interpretado, á daquelle, que da meſma he ignorante.

§. II

Digitized by Google

§. II.

E eſtas ſaõ as principaes Regras de interpretar, que pertencem ás couſas externas. Entremos agora para as que ſaõ internas a qualquer livro. No que pertence a eſtas

A primeira Regra he.

I. Toma as palavras no ſentido natural, ſe naõ ha razaõ certa para apartar do ſentido litteral. Mas o ſentido natural das palavras ſerá aquelle, que ellas primeiramente tiveram, e a que se oppoem o metaforico.

Por cauſa deſta Regra ſomos outra vez admoeſtados, que adquiramos intelligencia das linguas, de que uſaram os Eſcritores, e que diligentemente inveſtiguemos a propriedade dos vocabulos de cada huma dellas: de outra maneira com nenhumas forças eſperemos perceber o ſentido natural das palavras.

Porém

Digitized by Google

Porém as razões que nos obrigam a apartar-nos do ſentido proprio, pódem ſer muitas, mas principalmente aquellas duas, quando de outra maneira o Eſcritor ou nenhum ſentido exprimiria, ou aquelle, que repugna ao ſeu inſtituto: accreſcenta, ou quando exprimiria aquelle, que hè manifeſtamente abſurdo, e que ſe naõ póde attribuir a hum homem, que naõ he totalmente inhabil.

A ſegunda Regra hé.

II. Os lugares eſcuros interpretem-ſe por outros mais claros.

Paraque ſe obſerve bem eſta Regra, primeiramente ſe haõ de fazer duas diligencias: I. todo o ſyſtema do author ſe ha de comprehender em poucas palavras, diſtribuir em memoriaes compendioſos, paraque ſe poſſa ver claramente quaſi com huma ſó viſta de olhos. Se iſſo eſtiver feito por outros homens doutos, uſemos do meſmo:

II.

Digitized by Google

II. Ha-se de fazer hum diccionario proprio do tal livro. Assim muito facilmente se compararám sentenças com sentenças, e palavras com palavras. Mas disto já se fallou em outro lugar.

A terceira Regra he.

III. Investinguem-se, e examinem-se diligentemente os sujeitos, e os predicados das proposições.

Porque as noções dos predicados certamente se entendem pelas noções dos sujeitos, e mutuamente. Por exemplo. O vocabulo *ruab* (costuma verter-se *Espirito*) tem nos livros Hebreos nove, ou dez noções diversas, as quaes nunca se entenderám, se os attributos se naõ investigarem diligentemente. O vocabulo Θεὸς para com os Gregos significa assim *Deos supremo*, como os Demonios, como tambem os Heroes, e as cousas uteis, ou excellentes no seu genero: Logo pelos attribu-

Digitized by Google

tributos ſe ha de deſcubrir a ſua noçaõ. Por exemplo. Referio Clemente Alexandrino na Miſcellanea, que entre os Egypcios ſe reputavam Θεοὺς os eſtrondos do ventre: erra quem interpreta Deoſes, quando antes deve interpretar uteis á ſaude, paraque naõ sejamos obrigados a dizer, que os Egypcios foram mais loucos que huma pedra. Em todas as linguas ha poucos vocabulos, que tenham huma ſó noçaõ. Aſſim que as ſuas noções devem-ſe inveſtigar pelos attributos. Eſta Regra he utiliſſima.

A quarta Regra he.

IV. Se naõ lermos bem, difficultoſamente póde acontecer que interpretemos bem.

Mas leremos bem: I. ſe primeiramente lermos aquelles livros, que daõ luz aos outros. II. Se lermos hum livro ſem demoras entrepoſtas, mas continuadamente: porque os que lem com interrupçam, naõ re-

tem

Digitized by Google

tem na memoria, nem pódem comparar entre ſi as couſas, que leram: De que naſce, que naõ entendem o que lêm. III. Se lermos tanto, quanto a noſſa memoria poder ſupportar; porque a muita, ou varia liçaõ opprime as forças da alma. IV. Se tornarmos a conſiderar o que lemos: porque aſſim ſe corrobora a memoria, e mais facilmente ſe comparaõ as couſas com couſas, e as palavras com palavras. V. Se conſultarmos as notas, ou commentarios de homens perſpicaces, e eruditos: porque ha muitas couſas, que os homens naõ advertem facilmente, ſe naõ tiverem ſido excitados por outros.

§. III.

Pergunta alguem, quando ſe ha de julgar eſcuro algum lugar, e que ha de fazer o interprete, quando elle he eſcuro? Respondo primeiramente, que nenhum lugar de algum

Digitized by Google

algum livro ſe deve julgar eſcuro, porque o ſentido do que ſe tracta, naõ he ſufficientemente evidente ao ignorante; porque de outra maneira nada já mais ſerá claramente eſcrito na Republica litteraria. Depois diſto naõ ſe hade confundir a ſublimidade, e difficuldade com a eſcuridade, a qual toda eſtá ou no modo de cogitar, ou no uſo dos vocabulos. Finalmente naõ havemos de julgar da eſcuridade de algum livro, ou lugar ſómente pelo noſſo parecer, ſe outros muitos homens doutos o naõ julgarem eſcuro; porque iſſo póde naſcer de huma certa conſtituiçaõ particular da noſſa alma. Por tanto entaõ ſe ha de julgar eſcuro algum livro, ou lugar de livro, quando I. os homens mais doutos, e peritos doque elle tracta, o reputam eſcuro: ou II. quando, ainda que expreſſamente o naõ confeſſaõ, com tudo por obra o confeſſaõ, convem a ſaber, quando na interpretaçaõ ſe dividem

em

Digitized by Google

em diverſos pareceres. Poſto que ſe naõ deve negar que os homens doutos algumas vezes mais fazem, doque acham difficuldades quando explicaõ os livros; de tal ſorte que muitas vezes he melhor ler os livros ſem commentarios alguns.

§. IV.

Porém ſe conſta que he eſcuro hum livro, ou lugar do livro, entaõ uſe o interprete deſtas regras.

I. Diligentemente examine, e compare entre ſi todas as noções poſſiveis, que o author póde dar ás palavras. Por exemplo. Explicar-ſe-ha eſte lugar, O eſpirito do Senhor era levado ſobre as aguas (Gen. 1.) devem-ſe examinar todas as noções do vocabulo Hebreo *ruah* (Eſpirito), como tambem dos vocabulos *ruah Jehovah*, Eſpirito do Senhor, para que depois diſto comparadas ellas com todo o lugar, ſe poſſa entender, o que o divino

author

Digitized by Google

author entendeo com eſtes vocabulos.

II. Se conſtar com graviſſimas razões que o author de todas as noções, por exemplo *A,B,C,D,E*, deo ás palavras ſomente *A*, ſejam rejeitadas as mais: ou ſe com graviſſimas razões forem rejeitadas *B, C, D, E*, ſeja o *A* a noçaõ das palavras.

III. Se faltarem eſtas graviſſimas razões, ſerám inveſtigadas as provaveis: mas a interpretaçaõ ſe reputará provavel, e naõ certa.

IV. Eleja aquella noçaõ, que he mais conforme ao fim, á doutrina antecedente, ou ſubſequente, e á economia do ſyſtema do author.

V. Quando muitas ſaõ igualmente provaveis, nada ſe defina com certeza, mas deixe-ſe o lugar, como de nenhuma maneira intelligivel.

Digitized by Google

LIVRO QUINTO.

Das couſas, que pertencem ao raciocinio.

CAPITULO I.

Sobre o medir, e augmentar a capacidade do entendimento.

§. I.

PAra que ſe entenda quaõ grande ſeja a capacidade do noſſo entendimento, devemos lembrarnos do que em outro lugar ſe dice, que nós conhecemos as couſas externas com o auxilio das ideas. Daqui ſe póde tirar o primeiro indicio da capacidade do noſſo entendimento. Porque ſerá maior, ou menor a capacidade de cada hum, conforme tiver maior, ou menor numero de ideas.

§. II.

Digitized by Google

§. II.

Mas as ideas saõ como huma materia do noſſo conhecimento, a qual o noſſo entendimento, como hum certo artifice, modifica quaſi de infinitos modos. Por tanto pela força deſte artifice saõ edificadas nas noſſas ideas muitos juizos, raciocinios, e ſyſtemas. Deſtes ſe deduzem novas noçõeſ, conhecem-ſe as couſas antecedentes, conſequentes, e as que tem connexaõ. Daqui creſce a capacidade do entendimento. Aſſim que toda a capacidade de qualquer entendimento he igual ao numero das ideas, e artificio do meſmo entendimento. Por tanto os que tem poucas ideas, e nenhum, ou pouco artificio das meſmas ideas, saõ de pouca capacidade: mas os que tem eſtas couſas maiores, saõ de maior capacidade de entendimento.

§. III.

Digitized by Google

§. III.

Porém o noſſo entendimento faz quatro couſas com o ſeu artificio á cerca das noſſas ideas: convem a ſaber, ou percebe a ſua identidade, ou diſtincçaõ: ou as ſuas relações: ou a ſua coexiſtencia em hum ſujeito: ou a ſua realidade. A percepçaõ da identidade, ou diſtincçaõ das ideas eſtá junta com a percepçaõ das meſmas ideas, ao menos nas que ſaõ claras: porque aſſim que percebo a idea de alguma couſa, entendo que ella he eſta, e naõ outra, que he huma, e naõ muitas. Eſte conhecimento he neceſſario a toda a vida humana. Pelo que ſe naõ foramos capazes de perceber a identidade, ou diſtincçaõ das ideas, e por iſſo tambem das couſas, ſe perturbariam todos os officios humanos.

§. IV.

Digitized by Google

§. IV.

Alem diſto ſe naõ foramos capazes de conhecer as relações das ideas, e das couſas, naõ poderiamos julgar, nem raciocinar; porque os juizos, e raciocinios ſaõ o meſmo que percepções das relações das ideas, e couſas. Finalmente por iſſo o homem he racional, porque conhecendo as relações das couſas julga, e raciocina.

§. V.

O noſſo entendimento tambem percebe a coexiſtencia de muitas couſas em hum ſujeito commum, como a coexiſtencia da extenſaõ, ſolidez, gravidade, figura &c. em hum ſujeito commum, que he o corpo. Daqui naſcem as ideas das ſubſtancias; porque as ſubſtancias ſaõ huns certos ſujeitos, em que ſe entendem coexiſtir muitas propriedades.

§. VI.

Digitized by Google

§. VI.

Finalmente o noſſo entendimento pelas ideas que tem, percebe a exiſtencia real dos objectos que nellas ſe repreſentaõ. Eſte conhecimento tambem nos he neceſſario; porque nenhuma utilidade tem aquelles conhecimentos, que naõ tem realidade: pois que ſimilhantes conhecimentos ſaõ quimericos, e de nenhuma utilidade.

§. VII.

E eſtas ſaõ as couſas, que o noſſo entendimento faz á cerca das ideas, como ſobre a materia das ſuas operações. Quando pois ſe ha de medir a capacidade do noſſo entendimento, naõ ſomente ſe deve fazer conta das noſſas ideas, mas tambem do artificio do entendimento, de tal ſorte, que aquelle entendimento ſe julgue maior, o

O qual,

Digitized by Google

qual, como ſe dice, tem maior numero de ideas, e mais artificio. Porém deve-ſe advertir, que entre as noſſas ideas, e os ſeus artificios ſomente fazem o noſſo entendimento mais illuminado, e mais perfeito aquelles, que ſaõ claros, e diſtinctos; porque os que ſaõ eſcuros, mais eſcurecem o entendimento, do que o illuminam.

§. VIII.

Daqui verdadeiramente ſe entende quaes ſaõ os meios, com que ſe póde augmentar o noſſo entendimento. Porque primeiramente ſe deve cuidar em que ſe adquira grandiſſimo numero de ideas, o que ſe faz com a experiencia, com a liçaõ da hiſtoria, aſſim natural, como civil, e com a meditaçaõ. Depois diſto devemos fazer diligencia para que as ideas ſe façaõ claras, e diſtinctas, quanto he poſſivel. Finalmente deve-ſe fazer que o artificio á cer-

Digitized by Google

á cerca das noſſas ideas ſeja muito claro, o que ſe faz meditando, e raciocinando.

CAPITULO II.

Sobre o entender o attençaõ.

§. I.

A Attençaõ do entendimento he de tal ſorte neceſſaria para deſcubrir as verdades, que as meſmas verdades evidentes ſe naõ entendem, quando falta a attençaõ. Por que aſſim como para ſe verem os objectos corporeos naõ baſta que elles eſtejam allumiados pelo Sol, mas álem diſto he neceſſario que os olhos ſe virem para elles: do meſmo modo ſe naõ ha attençaõ no entendimento, iſto he, de tal ſorte que elle ſe applique tanto a contemplar as ideas, que perſevere immovel, de nenhum modo podemos entender as ſuas relações, e por eſſa cauſa nem a verdade.

Digitized by Google

§. II.

Mas paraque a alma concilie attençam, primeiro de tudo devemos della apartar quaesquer couſas, que a podem diſtrahir para outras partes. Diſtrahe-ſe a attençaõ da alma por muitas cauſas. I. Por aquellas, que nimiamente ſujeitam a meſma alma ao corpo, quaes ſaõ principalmente os goſtos ſenſuaes do meſmo corpo. II. Pelas que quaſi dividem a alma em varias partes, quaes ſaõ os affectos muito vehementes, ou as perturbações. III. Pela fantaſia muito viva, que arrebata o entendimento para outra couſa quaſi violentado. IV. Pelos ſentidos, que continuamente o precipitam da contemplaçaõ. Se o Filoſofo quer entender a puriſſima verdade, deve apartar para longe da ſua alma todas eſtas cauſas genericas, e outras particulares, que cada hum póde em ſi conhecer.

§. III.

Digitized by Google

§. III.

Depois disto devemos applicar todos aquelles meios, com que a attençaõ se faça mais intensa. O primeiro destes meios he que excitemos em nós o amor da verdade, com que quasi enredemos a alma. Porque he difficultoso ter attençaõ quando naõ somos cõmovidos com amor algum de saber. Mas paraque em nós accendamos o amor de saber, devemos muitas vezes pôr diante dos nossos olhos os grandes frutos da sabedoria. Os principaes delles: saõ I. O cuidado de nós mesmos, e a nossa conservaçaõ. II. A honra, e dignidades, que seguem a sabedoria III. Os bens, e riquezas, que ella traz comsigo. IV. Os gostos, que pertencem áquelles, que conhecem verdades da Natureza ignoradas pelos mais.

§. IV.

Digitized by Google

§. IV.

O ſegundo meio he que, ſe póde ſer, para conciliar a attençaõ, utilmente uſemos daquellas couſas, com que ella coſtuma perder-ſe. Sobre tudo uſaremos dos mesmos ſentidos, ſe em algum lugar ſe póde fazer cõmodamente. Podemos conſervar as verdades abſtractas em imagens ſenſiveis, paraque naõ eſqueçam: Aſſim na Geometria utilmente uſamos de linhas, letras, e cifras de numeros. Deſte modo para excitar, e conſervar a attençaõ muito utilmente uſaremos dos ſentidos, e fantaſia, os quaes de outra maneira coſtumam diſtrahir o entendimento.

§. V.

O terceiro he: Utilmente tambem podemos uſar de huns certos affectos. Porque ha alguns, com que todos os homens coſtumam inflammar-

flammar-se para o amor da sabedoria, quaes saõ a ambiçaõ da honra, e gloria, a esperança do premio, a emulaçaõ, e a indignaçaõ. Similhantes affectos, como tambem ordinariamente a ira, excitam a alma, e nella produzem grande attençam. Mas como todos os affectos costumam corromper o juizo, destes usaremos sim para excitar o vigor, e attençaõ da alma, mas acautelar-nos-hemos, para que naõ perturbem, os juizos.

§. VI.

Finalmente pódem collocar-se entre os meios de intender a attençaõ todas aquellas cousas, que abalam, e excitam a alma preguiçosa. A alma abala-se, e excita-se com a agitaçam do sangue, e dos espiritos do cerebro. Dahi naisce, que os que saõ de temperamento frio, e tardo, inutilmente se applicam a meditações sublimes, se naõ

naõ vencem a froxidaõ do corpo com huma agitaçaõ muito vehemente. Por tanto quaeſquer remedios que produzem algum calor no cerebro, tambem excitam o engenho, e attençaõ. Daqui vem que nos excitamos fortemente com huma vehemente diſputa, como o fallar alto, com o esfregar a teſta, e com o eſcrever. Mas o eſcrever hé aquelle grandiſſimo ſegredo para excitar, e augmentar o entendimento. Nenhum outro igual a elle experimentei. Por tanto ſaibam os Principiantes que ſó eſte fez tantos homens excellentiſſimos na Republica litteraria.

CAPITULO III.

Da natureza, e generos do Raciocinio.

§. I.

TOdo o noſſo conhecimento depende ou da experiencia interna, ou da intuiçaõ dos ſentidos, ou

ou da ſimples intelligencia do entendimento, ou do Raciocinio, e conjectura. As couſas, que conhecemos com intuiçaõ ou da conſciencia, e entendimento, ou dos ſentidos, ſaõ muito poucas em todas as ſciencias: e inveſtigamos as reſtantes com o raciocinio, e conjectura. Dahi ſe manifeſta que o uſo do raciocinio he neceſſario aos homens. Mas he neceſſario que raciocinemos bem: porém raciocinaremos bem, quando obſervarmos muito diligentemente as regas de raciocinar.

§. II.

O raciocinio faz-ſe, como em outro lugar dicemos, quando deduzimos juſtas conſequencias daquellas couſas, que conſtam por intuiçaõ, iſto he, taes, que com ellas tem neceſſaria connexaõ. Aquellas couſas, donde concluo, chamam-ſe *principios da raciocinaçaõ*; e as

que

que ſe concluem, chamam-ſe *concluſões*, e *conſequentes*. Mas he totalmente neceſſario que a todos os raciocinios ſe eſtabeleçaõ primeiro ſeus principios. Porém as concluſões, que neceſſariamente ſe concluem, tambem ſe porám em lugar de principios, de que ſe pódem inferir outras muitas.

§. III.

Por tanto aquelle, que deſeja fazer progreſſos nas ſciencias, que eſtam em uſo entre os homens, primeiro de tudo deve adquirir abundancia de principios, e com elles ajuntar a arte de raciocinar bem, e diligentemente. Os principios adquirem-ſe com a comparaçaõ das primeiras ideas, que temos adquirido com a experiencia, ou com a liçaõ, ou com a intima conſciencia; mas a arte adquire-ſe com o exercicio de diſputar, e demonſtrar. O eſtudo de Geometria he o

mais

mais util de todos os exercicios; porque em nenhuma outra sciencia se observa mais diligente ordem de raciocinar, nem ha outra alguma, que possa dar mais claras demonstrações.

§. IV.

Todos os principios das nossas raciocinações se podem reduzir as duas classes, de tal sorte que huns são *de evidencia*, e outros *de fé*. Os primeiros tirão-se dos sentidos, e do entendimento, e os segundos das testemunhas. Tambem huns principios evidentes são *de evidencia do sentido intimo*; outros *de evidencia fysica*, ou de experiencia, outros *de evidencia mathematica*, ou *de pura intelligencia*. Pela qual razaõ de tres fontes se bebem os principios evidentes, isto he, dos sentidos externos, da consciencia, e do entendimento.

V.

§. V.

Os principios de fé tambem pertencem para duas classes: porque huns saõ *de fé divina*, outros *de fé humana*. Pois que naquellas cousas, a que naõ chegam os nossos sentidos, nem a intima experiencia, nem o entendimento, pódem-se tirar os principios das nossas raciocinações da authoridade divina, ou humana, se em algum lugar ha alguns accommodados ás cousas, de que tractamos.

§. VI.

Se os consequentes se tiraõ bem dos principios, tem tanto pezo, quanto os principios. Pelo que se os principios forem de fé, tambem os consequentes seraõ de fé: mas se os principios forem evidentes, tambem as conclusões seraõ evidentes. Pelo que as conclusões naõ pódem ter maior força que os principios.

Digitized by Google

cipios. Pela qual razaõ assim como de principios falsos se naõ póde concluir cousa verdadeira, tambem dos duvidosos se naõ póde concluir cousa certa, nem dos menos provaveis cousa mais provavel.

§. VII.

Porém se os consequentes se naõ tiraõ bem, pódem ser incertos, e obscuros, ainda que os principios tenham sido certos, e evidentes. Mas tiraõ-se bem os consequentes quando dos principios se naõ tiram outros, senaõ aquelles, que evidentemente se entendem nelles estar inclusos.

§. VIII.

De dois modos se póde concluir dos principios concedidos, directa, e indirectamente, e assim duas saõ as raciocinações, directa, e indirecta. A raciocinaçaõ directa he, quando dos principios concedidos

didos tiramos com recta ordem aquelles consequentes, que nelles se contém. Por exemplo. *O que está em hum lugar, póde estar em outro: O que póde mudar-se de hum lugar para outro, he movel: Qualquer corpo está em hum lugar: Logo póde mudar-se para outro: Logo todo o corpo he movel.* Demonstremos tambem pelo mesmo modo, e ordem que o Sol he necessario para a vegetaçaõ das plantas: *As chuvas saõ necessarias para a vegetaçaõ das plantas: As nuvens saõ necessarias para a produçaõ das chuvas: Os vapores saõ necessarios para se fazerem as nuvens: O Sol he necessario para se elevarem os vapores: Logo o Sol he necessario para a vegetaçam das plantas.* Esta raciocinaçaõ illustra o entendimento com a luz dos principios, que por sua propria natureza se deriva para os consequentes.

§. IX.

Digitized by Google

§. IX.

A raciocinação indirecta faz-se de tres modos. Primeiramente, quando demonſtramos, que ſe naõ he verdadeiro o que propoſemos, ſe ſeguem dahi graviſſimos abſurdos: de que concluimos que he verdadeiro aquillo, que propoſemos. Por exemplo. Havemos de demonſtrar por eſte modo e ordem, que a alma he incorporea. Se naõ he immortal, as ſuas cogitações ſeraõ movimentos corporeos: por tanto os juizos, raciocinios, e demonſtrações ſeraõ uniões de movimentos: mas como eſtas couſas ſaõ abſurdas; naõ póde a alma ſer corpo. Na Geometria temos muitos exemplos de ſimilhantes demonſtrações.

§. X.

Em ſegundo lugar faz-ſe a raciocinação indirecta, quando ſuppo-

mos

mos alguma propoſiçaõ como verdadeira: depois diſto ponderamos ſe della ſe ſeguem todas aquellas couſas, que ſe devem ſeguir; e ſe achamos que ſe ſeguem, inferimos que aquella propoſiçaõ he verdadeira. Deſta raciocinaçaõ uſaõ muitas vezes os Analyticos, quando faltam os principios de demonſtrar a couſa *a priori*. Por exemplo. Heide demonſtrar por eſte methodo a exiſtencia de Deos, ſupponho que exiſte Deos, iſto he, huma cauſa do mundo *intelligentiſſima*, *potentiſſima*, e *optima*. Dahi deve ſeguir-ſe, que todas as couſas no mundo ſaõ muito bem ordenadas, e de tal ſorte que nada poſſa ſer mais bem ordenado. Logo examino ſe na verdade ſaõ aſſim as couſas do mundo. E, como acho, que aſſim ſaõ, entaõ concluo, que na realidade exiſte huma cauſa do Mundo intelligentiſſima, potentiſſima, e optima, iſto he, *Deos*. Deſte genero ſaõ todos os ſyllogiſmos hypotheticos.

§. XI.

§. XI.

Faz-se finalmente a raciocinaçaõ indirecta, quando, feita muito diligente enumeraçaõ das partes, demonſtramos que ſe ha de concluir aquella parte que reſta, excluidas as mais. Por exemplo. Se havemos de demonſtrar que agora he inverno, uſaremos do ſeguinte raciocinio.

As eſtações do anno ſaõ totalmente quatro, a Primavera, o Eſtio, o Outono, e o Inverno:

Agora naõ he Primavera, nem Eſtio, nem Outono: Logo he Inverno.

§. XII.

Porém a enumeraçaõ das partes deve ſer muito diligente, de tal ſorte que nada ſe omitta, e a excluſam das mais partes deve ſer manifeſta. Se falta huma deſtas duas condições, nenhuma força tem o

P argu-

Digitized by Google

argumento. Convem a ſaber, toda a força deſte argumento eſtá poſta em que huma couſa de nenhum outro modo poſſa ſer ſenaõ de hum; do que ſe infere, que neceſſariamente ſeja daquelle modo.

§. XIII.

A mais nobre de todas as raciocinações he aquella, a que os Gregos chamam *apodixis*, e nós *demonſtraçaõ*. Mas naõ he neceſſario que a demonſtraçaõ ſeja ſyllogiſmo, mas ſim que ſeja huma neceſſaria uniaõ de muitos juizos evidentes. Porém os principios da demonſtraçaõ devem ſer *verdadeiros*. Porque ſe foſſem falſos, naõ gerariam ſciencia, mas erro, ſe provaveis, gerariam opiniaõ. Depois devem ſer primeiros, e careeer de meio; porque nada ha primeiro que elles, pelo que poſſam ſer enſinados, e demonſtrados. Iſto acontece quando a meſma uniaõ do ſe-

jeito

jeito, e predicado he por ſi evidente, e hum de tal ſorte convem ao outro, que nada ſeja meio, pelo qual ſe entendam convir. Depois diſto devem ſer mais evidentes; porque, como por elles ſe ha de manifeſtar a concluſaõ, devem os meſmos ſer mais manifeſtos. De mais diſto devem ſer primeiros ſegundo a ordem da natureza. Alguns entendem iſto de tal ſorte, que ſejam univerſaes: mas naõ entendo ſer iſſo neceſſario, ſe elles forem evidentes. Finalmente devem ſer cauſa da concluſaõ, o que nós entendemos de tal ſorte, que nelles ſe contenha a concluſaõ, e delles neceſſariamente ſe infira.

§. XIV.

Coſtumam diſtinguir-ſe dois differentes generos de demonſtraçaõ; porque ha huma demonſtraçaõ chamada *a priori*, e outra demonſtraçaõ, que ſe chama *a poſteriori*.

Digitized by Google

Esta mostra alguma cousa pelos signaes, e effeitos; e aquella dá a razaõ de qualquer cousa pela causa, ou natureza da mesma. Assim que demonstrar alguma cousa *a priori*, he demonstrala ou pela mesma sua natureza, ou pela causa. E demonstrar *a posteriori*, he demonstrar pelos effeitos, e signaes. Mas só a demonstraçaõ *a priori*, que se faz pela causa proxima, e propria, ou pela natureza da mesma cousa demonstrada, excede muito a outra. Deste modo saõ as demonstrações directas da Geometria pura. Em demonstrar os effeitos pelas causas devem-se observar estes principios.

I. *As mesmas causas produzem os mesmos effeitos, e similhantes produzem similhantes.*

II. *As causas necessarias sempre obram conforme todas as suas forças, naõ da mesma sorte as livres.*

III. *As causas necessarias sempre produzem os mesmos effeitos, naõ da mesma sorte as livres.*

§. XV.

§. XV.

Quando as cauſas se indagam pelos effeitos, ſimilhantes indagações fundam-ſe neſtes principios.

I. *Nada ſe faz ſem razaõ ſufficiente, ou de nada nada ſe faz.*

II. *Ninguem dá o que naõ tem, nem mais do que tem.*

III. *Se todas as vezes que ſe poem o* A, *exiſtir o* B; *e todas as vezes que ſe tira o* A, *ſe tirar o* B, *o* A *ſerá cauſa do meſmo* B.

§. XVI.

Em demonſtrar as propriedades de huma couſa pela natureza da meſma couſa, deve governar eſta regra: *Nada affirmes de qualquer couſa, ſenaõ o que evidentemente entendes que ſe comprehende na ſua natureza.* Aſſim digo, que os tres angulos do Triangulo ſaõ iguaes a dois rectos, porque claramente entendo

Digitized by Google

tendo que iſto eſtá na natureza do Triangulo.

CAPITULO IV.

Das fórmas externas de raciocinar.

§. I.

O Que até aqui dicemos pertence á meſma eſſencia do raciocinio, ou á fórma intrinſeca de raciocinar. Mas ha outras certas fórmas de raciocinar, que ſe pódem chamar extrinſecas. Eſtas ſete foram frequentemente uſadas pelos antigos, a Inducçaõ, o Syllogiſmo, o Exemplo, o Enthymema, o Epicherema, o Sorites, e o Dilemma.

§. II.

A Inducçaõ he huma argumentaçaõ, que conclue o univerſal pela enumeraçaõ de cada huma das partes. Eſta póde concluir, ou das eſpecies para o genero, ou das partes

Digitized by Google

tes para o todo. Exemplo da primeira he eſte: *o ouro derrete-ſe com o fogo*: *derrete-ſe com o fogo o eſtanho*, *o cobre*, *o ferro &c.*: logo pertence á natureza do metal, *que com o fogo ſe derreta*. O exemplo da ſegunda póde ſer eſte de Perſio Satyr. 5. ver. 53. Elle faz diligencia para provar eſte univerſal,

Cada hum tem o ſeu querer; *nem todos tem o meſmo goſto*; o que conclue com a enumeraçaõ das partes deſta maneira:

Huns daõ ſe ao commercio: *Outros á guia*, *ſomno*, *e deſcanço*: *Outros ao campo*: *Outros ao jogo*: *E outros á luxuria*, *e laſcivia*.

§. III.

O Syllogiſmo he huma argumentaçaõ, pela qual, poſto o todo, alguma couſa neceſſariamente ſe conclue da parte que nelle ſe contém, aſſim pouco mais, ou menos:

Digitized by Google

A virtude he hum habito bom;
A Prudencia he virtude;
Logo a Prudencia he habito bom.

Toda a força do ſyllogiſmo eſtá poſta em que tudo, o que ſe diz do univerſal, ſe deve tambem dizer de cada huma das couſas, que debaixo do univerſal ſe contém. Daqui naſceo, que todos os Logicos tenham enſinado, que naõ ha ſyllogiſmo ſem principio univerſal.

§. IV.

O Exemplo he huma argumentaçaõ, que conclue de parte ſimilhante parte. Por exemplo. *Quando continuamente exercitas o cavalo*, o fazes mais prompto para o freio, e carroça: Logo ſimilhantemente ſe exercitares a alma em continua contemplaçaõ, a farás *mais habil*, *e expedita* para contemplar. Mas he neceſſario que os exemplos ſe tomem de couſas ſimilhantes; porque de outra ſorte nenhuma força terám.

§. V.

Digitized by Google

§. V.

O Enthymema he huma fórma de argumentar dos ſignaes para as couſas ſignificadas; como, *A mulher tem leite*; *logo pario.* Nas Eſcolas modernas o Enthymema tambem ſe chama hum ſyllogiſmo, em que ſe cala a maior univerſal: como, *He homem, logo he mortal*: em que ſe cala a univerſal, *Todo o homem he mortal.*

§. VI.

O Epicherema he hum ſyllogiſmo Dialectico, ou provavel, que ſe oppoem ao filoſofema, ou ao ſyllogismo demonſtrativo. Mas tambem ſe coſtumou chamar ao Epicherema huma argumentaçaõ compoſta, a cuja maior, ou menor, ou a huma, e outra ſeja junta a ſua prova. Por exemplo. *A virtude he habito bom*, porque aperfeiçoa o homem para o verdadeiro bem; *a*

Pru-

Digitized by Google

Prudencia he virtude; porque tem tudo o que he neceſſario para conſtituir a virtude; *logo a Prudencia he habito bom.*

§. VII.

Sorites chamam algumas vezes os Dialecticos hum certo monte de propoſições de tal ſorte entre ſi unidas, que o predicado da primeira ſe faça ſujeito da ſeguinte, até que o ſujeito da primeira ſe ajunte com o predicado da ultima. Por exemplo. *Qualquer corpo está em hum eſpaço; o que eſtá em hum eſpaço, póde eſtar em outro eſpaço; o que póde eſtar em outro eſpaço, póde mudar o eſpaço: o que póde mudar o eſpaço, he movel: logo qualquer corpo he movel.*

§. VIII.

Mas para com os antigos *Sorites*, que em Latim ſe chama *acervalis*, e em Portuguez *argumento com-*

compoſta, he huma argumentaçam ordenada para enganar, na qual com miudas addicções, ou diminuições levamos o contendor daquillo, que he evidentemente verdadeiro, para o que he manifeſtamente falſo. Como ſe eu diſſer, *que mil grãos fazem hum monte de trigo*; tu porém inſtares deſta maneira, e que ſerá ſe eu tirar hum para fóra? Fica por ventura ainda monte? Que ſerá ſe tirar ſegundo? E ſe tirar terceiro? E que ſe tirar quarto? &c.; e me inſtares tanto, até que eu aſſigne aquelle unico graõ, com que ſe acaba o monte.

§. IX.

O Dilemma he huma argumentaçaõ, que ſe chama *Bicorne*, porque o ſeu antecedente conſta de duas partes, e de huma, e outra ſe ſegue incommodo. Aſſim hum Filoſofo velho querendo provar que naõ he conveniente ao homem caſar com

com mulher alguma, uſava do ſeguinte dillema: *Ou caſarás com mulher fea, ou formoſa*; ſe com fea, ella naõ te agradará; ſe com formoſa, entaõ agradará aos outros: *Logo abſolutamente naõ convem ao homem caſar com mulher alguma.* Eſta argumentaçaõ muitas vezes ſe volta ás aveſſas, e os Gregos lhe chamam *Antiſtrephon*, e os Latinos *Reciprocum*, que em Portuguez ſignifica. *Que volta para donde veio.* A argumentaçaõ antecedente póde voltar-ſe aſſim. *Se eu caſar com mulher formoſa*, agradar-me-ha a mim; ſe porém com fea, naõ agradará aos outros: *Logo he abſolutamente conveniente caſar com alguma mulher.*

§. X.

Mas ha hum dilemma complexo, cujo exemplo ſe póde tirar de Gell. liv. 14. cap. 1. Quer demonſtrar que ſe naõ haõ de ouvir os Aſtrologos judiciarios, ou os que prognoſti-

Digitized by Google

noſticaõ futuros pelo naſcimento de qualquer, e ſituaçaõ dos aſtros. Para iſſo uſa deſte dilemma. Ou os Aſtrologos judiciarios dizem ſucceſſos futuros incommodos, ou felizes. Se proſperos, e enganam, ſerás miſeravel, eſperando de balde: ſe dizem ſucceſſos incommodos, e mentem, ſerás miſeravel, temendo de balde: ſe dizem couſas verdadeiras, que naõ ſaõ felizes, ja dahi ſerás miſeravel no animo, antes que o ſejas feito com a fatalidade: ſe prometem couſas felizes, que haõ de acontecer, entaõ certamente haverá dois incommodos; porque a expectaçaõ te fatigará ſuſpenſo da eſperança, e ja a eſperança te terá tirado a flor á futura utilidade do goſto. Logo de nenhum modo nos devemos ſervir de ſimilhantes homens, *que prognoſticaõ couſas futuras.*

CA-

Digitized by Google

CAPITULO V.

Do methodo em geral, e tambem daquellas regras do methodo de raciocinar que ſaõ commuas a hum e outro methodo, iſto he, de compoſiçaõ, e de reſoluçaõ.

§ I.

Em inveſtigar aquellas couſas que nem ſe entendem com o primeiro intuito, nem ſe deſcobrem com hum unico ſyllogiſmo, he neceſſario que uſemos da uniam de muitas raciocinações Os Gregos lhe chamam *METHODOS*, e os Latinos *Ordo*; porque he ordem dos noſſos juizos, e raciocinações.

§. II.

Mas dois methodos coſtumam diſtinguir os Filoſofos, *Analytico*, ou de reſoluçaõ, e *Synthetico*, ou de compoſiçaõ. O Analytico exa-

mina

mina as couſas particulares cada huma por ſi, e dahi tira principios, e regras geraes. O Synthetico deſce dos principios, e regras geraes para as couſas particulares.

§. III.

Tambem ſe chama methodo Analytico, quando huma couſa que ſe indaga, ſe ſupõe achada por hypotheſe. Depois diſto pondera-ſe, ſe deſta ſuppoſiçaõ ſe ſeguem todas aquellas couſas, que neceſſariamente deviam ſeguir-ſe, ſe ella toſſe verdadeira: e ſeguindo-ſe, ſe conclue que he verdadeira: porém ſe naõ ſe ſeguem, tentaõ-ſe outras hypotheſes pelo meſmo modo, até que ſe ache a verdadeira. Seja por exemplo algum circulo *Z*: procuro o centro. Supponhamos que he o *B*: ſe todas as linhas tiradas do *B* para a circunferencia ſe acharem iguaes, concluiremos que o *B* he o centro: porém ſe naõ ſe acharem igua-

iguaes, tentaremos outros pontos; até que o achemos. Deſte methodo uſam muitas vezes os Mathematicos.

§. IV.

Deve-ſe uſar do methodo Analytico em ſe indagar a verdade, principalmente a generica: e do Synthetico em ſe enſinar. Porque quem ignora a verdade generica, naõ póde chegar a ella ſenaõ com inducçaõ das couſas ſingulares. Mas quem a aprendeo, mais commodamente começa pelas regras geraes em enſinar as taes couſas ſingulares. Poſto que tambem as verdades particulares ignoradas ſe pódem commodamente deſcobrir com o uſo das verdades genericas: e enſinar-ſe com methodo analytico.

§. V.

Ha porém humas certas regras cõmuas a hum, e outro methodo, e

outras

outras particulares, e proprias. A primeira regra cõmua he, que ſempre comecemos pelas couſas mais evidentes, e faceis, e daqui caminhemos pouco a pouco para as difficultoſas, e eſcuras. Porque ſe enſinas, primeiro de tudo deves conſtituir couſas evidentes, e claras, pelas quaes ſe podem entender as occultas, e eſcuras: ſe indagas, as couſas evidentes, e faceis ſeraõ á maneira de luz, com que ſe allumiam as occultas.

§. VI.

E aqui ſe deve advertir, que todo o noſſo conhecimento tem principio das experiencias, ou nellas ſe reſolve. Iſto he, todos os noſſos conhecimentos tem principio das ideas ſingulares, e ſimples, que ſaõ ideas das experiencias internas, ou externas. E as regras genericas reſolvem-ſe em couſas ſingulares, poisque dellas tiveram origem.

Digitized by Google

§. VII.

Mas em adoptar os principios naõ ſe ha de ſeguir tanto o ſentido vulgar, quanto a razaõ: porque muitas couſas ſaõ recebidas como evidentes, ou certas mais com o conſentimento dos homens, doque com a razaõ, as quaes deve examinar o Filoſofo, ſe quer entender a pura verdade. E como eſtas podem ſer tiradas ou dos ſentidos, ou da pura razaõ, ou da authoridade; elle entaõ porá as primeiras entre os principios, quando na realidade as tiver experimentado: e entaõ as ſegundas, quando claramente tiver entendido que as oppoſtas ſaõ repugnantes: e as terceiras finalmente, quando tiver achado que tem evidencia moral.

§. VIII.

A ſegunda Regra he, que quando das couſas evidentes, e faceis diſcor-

diſcorres para diante, guardes a meſma evidencia em cada hum dos gráos da ſerie dos juizos, em que ſe contém raciocinaçaõ mais extenſa. Iſto he, com a meſma evidencia, com que dos principios tiras os primeiros conſequentes, tires dos primeiros conſequentes ſegundos, dos ſegundos terceiros, e aſſim dahi por diante, até que a verdade haja ſido deſcoberta.

§. IX.

A terceira regra he, *Diligentemente divide aquillo, de que ſe tracta: explica com cuidado cada hum dos membros da diviſam.* Porque ſem diviſam daquillo de que ſe tracta, nem ſe indaga a verdade com ordem, nem ſe enſina bem. Por tanto nem a inveſtigaçaõ a acha, nem o diſcipulo a entende.

§. X.

A quarta Regra he: *Define cada hum dos vocabulos, que tem al-*

Digitized by Google

guma eſcuridade, ou duvida, iſto he, determina ſuas certas noções, e toma-os ſempre com ellas. A razaõ da Regra he, porque com duvida, ou eſcuridade dos vocabulos nem podemos deſcobrir bem a verdade, impedidos com a obſcuridade das ideas; nem podemos enſinar a que nos meſmos naõ entendemos.

§. XI.

Mas a definiçaõ he huma oraçaõ, com que ſe explica mais claramente qual ſeja o ſentido das palavras, de que uſamos. As regras de definir ſaõ as quatro ſeguintes.

I. *A definiçaõ deve ſer mais clara que o ſeu definido, porque de outra maneira naõ he definiçaõ.*

II. *Nenhum vocabulo ſe ha de pôr na definiçaõ, cuja idea naõ ſeja clara, ou que naõ ſeja primeiramente definido.*

III. *A definiçaõ deve ſer univerſal, iſto he, deve convir a toda a couſa,*

Digitized by Google

couſa, que queremos definir.

IV. *A definiçaõ deve ſer propria, iſto he, deve convir ſó á couſa definida, e naõ a outra.*

CAPITULO VI.

Das Regras do Methodo Analytico.

§. I.

COm o Methodo Analytico indagamos as verdades genericas pelas couſas ſingulares. As Regras deſte Methodo ſaõ as ſeguintes.

Primeira. Conſidera diligentemente ſe es capaz para achar a verdade, ou reſolver a queſtaõ, paraque te naõ canſes inutilmente, na indagaçaõ, ou naõ digas deſpropoſitos, e ridicularias.

Segunda. Explica a difficuldade da queſtaõ com palavras clariſſimas. Porque ſe iſto ſe naõ faz, de nenhum modo podemos ir por diante na indagaçaõ com utilidade.

Terceira. Se a queſtaõ foi compoſta,

Digitized by Google

poſta, divide-a em todas as ſimples de que conſta.

Quarta. Começa daquella parte da queſtaõ, que póde dar luz ás mais.

Quinta. Muito diligentemente indaga todas as couſas, que tem alguma connexam com a queſtaõ propoſta. Ajunte todas as que lhe podem dar alguma luz; finje todas as hypotheſes poſſiveis. Porque aſſim de toda a parte chamas preſidios, com que te faças mais habil para reſolver a queſtaõ, e deſcobrir a verdade.

Sexta. Depois diſto corta todas aquellas couſas, que juntas pela regra antecedente, entendes q̃ nenhum auxilio te podem dar, para que te naõ cauſem impedimento: reduze tudo a poucas palavras.

Setima. Indaga principios ſolidos, com que aches a verdade, ou reſolvas a queſtaõ, e os tem continuamente diante dos olhos como tochas acceſas. Mas eſtes principios

Digitized by Google

pios ſe haõ de tirar daquelle apparato de couſas, que fizemos pela Regra quinta, e emendamos pela ſexta.

A oitava adverte, que examinemos bem, ſe a verdade depende do raciocinio, ou das experiencias, ou finalmente da authoridade. Convem a ſaber, daquella fonte ſe haõ de tirar os principios, com que ſe deſcubra a verdade, da qual eſta pode naſcer.

§. II.

Se a queſtaõ depender da authoridade, ſe obſerve, ſe ella he authentica, ou naõ: ſe ella for authentica, guardemos as ſeguintes Regras.

I. Obſerva como axiomas as couſas, que eſta authoridade claramente enſina: por ellas governa a indagaçaõ.

II. Tem como propoſiçõens demonſtradas as que claramente ſe ſeguem deſtes axiomas, e como tam certas como elles. III.

Digitized by Google

III. Reputa falſas as couſas, q̃ claramente ſe oppoem aos dictos axiomas, ou aos taes conſequentes.

IV. Por nenhuma parte affirmes, mas abſtem-te de julgar, ou diſputa provalmente ſem ira, e ſem odio as couſas, que aquella authoridade eſcuramente enſina.

§. III.

Porém ſe a authoridade naõ for authentica, devemos lembrar-nos daquellas regras, que explicámos acima, aonde tractámos da authoridade humana.

§. IV.

As verdades, que ſomente ſe podem achar com o uſo do raciocinio, ſerám indagadas com aquellas regras, de que fallamos nos lugares antecedentes, e em outros a cada paſſo. Poucas accreſcentarei.

I. Affirma da idea aquellas couſas,

Digitized by Google

ſas, que clara, e diſtinctamente entendes que nella ſe contém, nega porém as que clara, e diſtinctamente percebes que ſe lhe oppoem; porque a clareza, e evidencia he caracter certo da verdade.

II. Reputa eſcuras, e incertas aquellas couſas, que naõ percebes evidentemente ſe convem, ou repugnam entre ſi: e aſſim ou buſca algumas ideas manifeſtas, que medeiem entre ellas, com que poſſas reſolver, ou nunca affirmes.

III. Quando achas que a natureza das couſas conſtantemente concorda com as verdades logicas, reputa-as reaes: ſe iſto falta, nunca as contes entre as verdades reaes, poſto que ſe perceba clara, e diſtinctamente aquillo de que ſe tracta.

Eſta regra tem por fim, que nada definamos á cerca da Natureza das couſas ſem experiencias, nem a midamos ſomente com as verdades logicas, e que com cautela uſemos do methodo mathematico nas cou-

Digitized by Google

cousas fysicas; porque elle he todo hypothetico; e a Fysica toda necessariamente se funda em experiencias, e naõ em hypotheses.

IV. Se indagares por muito tempo, e naõ achares aquella verdade logica, ou esta fysica, naõ digas que he falso, o q̃ está entre mãos, somente porque o naõ entendes, se naõ es taõ ridiculo, que cuides que o teu entendimento he a medida da verdade, e falsidade.

§. V.

Finalmente as questões fysicas devem-se resolver com experiencias, e raciocinio: no que quaes regras se hajam de observar, já dicemos muitas vezes em outras partes. Neste lugar diremos pouco do argumento tirado da analogia, do qual muitas vezes he necessario usar nas cousas fysicas.

§. VI.

Digitized by Google

§. VI.

Chama-ſe argumento de analogia o que ſe tira de couſas ſimilhantes para ſimilhantes, como quando da cauſa das operações vitaes no Cam achada argumentamos para a cauſa das operações vitaes do Cavalo. Porque como ſaõ ſimilhantes os fenomenos de hum, e outro animal, concluimos que ſaõ ſimilhantes as cauſas. Eſte argumento funda-ſe neſte principio, *Que ſaõ ſimilhantes as cauſas de ſimilhantes effeitos.*

§. VII.

Mas deſte argumento ſe ha de uſar com cautella, nem logo ſe ha de concluir de ſimilhante para ſimilhante, como em outro lugar dicemos; porque na vaſtiſſima natureza das couſas ha muitas diverſas cauſas de fenomenos ſimilhantes, como aprendemos com continuas expe-

Digitized by Google

experiencias, talvez porque os groſſeiros ſentidos dos homens, e deſiguaes á delicadeza da natureza naõ podem perceber as delicadas differenças.

CAPITULO VII.

Do Methodo Synthetico.

§. I.

USamos do Methodo Synthetico, quando queremos enſinar a outros *o que ſabemos.* Por tanto I. *Cuida em que enſines aquellas couſas que tu ſabes, quanto mais perfeitamente pode ſer.* Porque he couſa ridicula quereres enſinar aquellas couſas, que ou totalmente ignoras, ou aprendeſte ſuperficialmente, e *aprender no barro o officio de oleiro*, como ſe coſtuma dizer. Os que viólam eſta lei, ou ſe fazem muito ridiculos, ou enganam outros torpiſſimamente.

§. II.

Digitized by Google

§. II.

II. *Elege diſcipulos habeis.* Certamente nem todos podem alcançar todas as couſas, e nem de todas ſe ha de tractar com todos. Por tanto os Egypcios, e depois delles os Gregos, principalmente os Pythagoricos, enſinavam ſomente aos iniciados humas certas doutrinas mais occultas, e ſecretas. Chriſto Salvador noſſo naõ enſinou aos Apoſtolos todas as couſas, porque havia humas certas, que ainda naõ podiam perceber: pela qual razaõ as differio até a vinda do Eſpirito Santo. S. Paulo tambem diz, *Deivos leite como a meninos.* E o B. Baſilio diz, *Devemos ſaber quaes couſas ſe haõ de dizer, e quaes ſe haõ de calar. Porque muitas couſas eſtam bem occultas, e ignoradas aproveitam* .... Dahi naſceo a lei do ſegredo entre os antigos Chriſtãos.

§. III.

Digitized by Google

§. III.

III. *Define os vocabulos de que has de usar, e que podem ser duvidosos, ou escuros.* Por tanto Platão, e Cicero julgaram ser certo, e sem duvida; *que toda a instrucçaõ sobre qualquer cousa deve ter seu principio da definiçam, paraque se entenda o que he aquillo de que se tracta.* Muitos poem no principio todas as definições da sciencia, ou ao menos da materia, que ensinam syntheticamente, como os Geometras. Mas isto naõ he necessario, e ellas bem se podem dar naquelles lugares, em que tem o seu uso, o que fizeram Gravensandio na Fysica, e Wolfio nas obras Metaphysicas.

§. IV.

IV. *Postas as definições, sigam-se os axiomas, de que concluamos os raciocinios.* Saõ os axiomas, como

Digitized by Google

como em outro lugar dicemos, hũmas propoſições taõ evidentemente verdadeiras, que a ſua verdade ſe manifeſta com hũma ſimples intuiçaõ. Naquellas ſciencias, em que a authoridade dá os principios, tem-ſe em lugar de axiomas quaeſquer propoſições, que clara, e diſtinctamente ſe contém nas palavras do author, das quaes ſe podem deduzir raciocinações com nexo taõ eſtreito, como as demonſtrações geometricas dos axiomas geometricos. Algumas vezes temos em lugar de axiomas aquellas propoſições, cuja intelligencia depende ſim do raciocinio, mas com tudo ſaõ evidentes áquelles, com quem diſputamos. Mas tambem naõ poucas vezes tomamos por axiomas as propoſições demonſtradas em outras ſciencias. E outras vezes temos em lugar de axiomas aquellas couſas, em que as partes convem entre ſi, ainda que talvez naõ ſejam evidentes, ou certas. Tambem algumas

vezes

vezes tomamos em lugar de principios aquellas couſas, que, ainda que falſas, as tem por verdadeiras aquelles, com quem diſputamos. Aſſim os antigos Chriſtãos refutavam bem o Gentiliſmo pelos livros de Mercurio Triſmegiſto, ou das Sybillas, ainda que ſaõ eſpurios aquelles livros: ſuppoſto q̃ muitos Gentios os tinham por genuinos, e divinos. Mas iſto ſomente ſe ha de fazer em cauſa verdadeira.

§. V.

V. *Nada demonſtres ſenaõ pelas couſas primeiro eſtabelecidas, definições, axiomas, poſtulados, hypotheſes, e propoſições provadas.*

VI. *De nenhumas propoſições uſes, que ou naõ pertencem á materia de que ſe tracta, ou naõ ſervem para demonſtrar, ou explicar eſtas primeiras.*

VII. *Poem as propoſições, que ſervem para demonſtrar outras, em primeiro lugar que ellas.*

VIII.

Digitized by Google

VIII. *Se permittir a regra antecedente, as propoſições ſimplices precedam as compoſtas, e as genericas as menos genericas.*

Muitas outras regras ſe podem accreſcentar: mas ainda eſtas tambem ſaõ ſuperfluas aos que ſaõ verſados nas ſciencias Mathematicas; porque daquellas diſciplinas melhor, e mais completamente ſe aprende eſſe methodo de diſputar, do que de algum as regras dos Logicos: aquelles porém, que naõ ſaõ verſados nas ſciencias Mathematicas, nenhumas regras dos Logicos podem ſer ſufficientes, paraque poſſam enſinar couſa alguma por eſte methodo ſynthetico.

CAPITULO VIII.

Da Arte Syllogiſtica, e primeiramente da Natureza do Syllogismo.

§. I.

O Syllogiſmo he huma argumentaçaõ, pela qual, poſto o todo, alguma couſa neceſſariamente ſe

Digitized by Google

conclue da parte que nelle ſe contém, aſſim pouco mais ou menos: *A virtude he habito bom*: *A Prudencia he virtude*: *Logo a Prudencia he habito bom.*

§. II.

Toda a força do Syllogiſmo eſtá poſta em que tudo aquillo, que ſe diz do todo, tambem ſe deve dizer de cada hum dos particulares, e o que ſe nega do todo, ſe deve negar de cada hum. Daqui naſceo que todos os Logicos tenham enſinado que naõ ha Syllogiſmo ſem principio univerſal. A qual regra com muitas razões refuta Joaõ Loquio.

§. III.

Tres termos ſomente ſe daõ no Syllogiſmo, nem eſte póde conſtar de mais, para que ſeja perfeito. Saõ elles o maior, o menor, e o meio termo. O termo maior tambem ſe chama maior extremo: e menor chama-

Digitized by Google

chama-ſe menor extremo: e o meio ſimpleſmente meio.

§. IV.

Mas deſtes termos ſe faz o Syllogiſmo deſta maneira. Do maior extremo, e do meio faz-ſe a propoſiçaõ maior: do menor extremo, e do meſmo meio ſe faz a propoſiçaõ menor: finalmente de ambos os extremos ſe faz a concluſam, a qual ſempre deve ſer huma propoſiçaõ controverſa.

§. V.

Paraque ſe entenda bem toda a arte ſyllogiſtica, primeiramente ſe deve obſervar, que todas as propoſiçõeſ em quanto á quantidade ſe conſideram ou como univerſaes, ou como particulares. E que em quanto á qualidade ſe conſideram ou como affirmativas, ou como negativas. Os Logicos coſtumam de-

Digitized by Google

ſignar tudo iſto com as quatro letras, *A*, *E*, *I*, *O*, e o que ellas ſignificam dicemos em outro lugar.

§. VI.

Alem diſto devem-ſe obſervar alguns axiomas geraes dos Dialecticos. O primeiro he: a propoſiçaõ univerſal contém a particular do meſmo genero, e naõ pelo contrario. Por exemplo. Eſta propoſiçaõ, *Todo o homem he animal*, contém eſtoutra, *Eſte homem he animal*, e naõ pelo contrario. Eſta regra ſe ſe applica ás propoſições affirmativas, chama-ſe nas Eſcolas principio *dicti de omni*: mas ſe ſe applica ás propoſições negativas, chama-ſe *dictum de nullo*. Aſſim que a *dicto de omni* diz-ſe *de cada hum*: e a *dicto de nullo* nega-ſe *de cada hum*. Por exemplo. *Todo o corpo he pezado*: *O fumo he corpo*: *Logo o fumo he pezado*. *Nenhum corpo pode cogitar*: *O cerebro humano he cor-*

corpo: *Logo o cerebro humano naõ pode cogitar.* No primeiro exemplo conclu-se a *dicto de omni.* No segundo a *dicto de nullo.*

§. VII.

O segundo axioma he: O sujeito da proposiçaõ universal he universal, mas o sujeito da proposiçaõ particular he particular. Porque a universalidade, ou particularidade da proposiçaõ depende do sujeito particular, ou universal, como em outro lugar dicemos.

§. VIII.

O terceiro he: O attributo da proposiçaõ affirmativa sempre se toma particularmente, isto he, naõ se toma por toda a sua extensaõ, mas pela extensaõ do sujeito. Nesta proposiçaõ, *Pedro he animal*, naõ se toma o animal por toda a sua extensaõ, mas pela extensaõ do sujei-

Digitized by Google

ſujeito; porque Pedro naõ he todo o *animal*, mas *eſte animal*.

§. IX.

O quarto finalmente he: O attributo da propoſiçaõ negativa ſempre ſe toma univerſalmente, iſto he, por toda a ſua extenſaõ. Aſſim o *Circulo naõ he Triangulo*, o Triangulo ſignifica todos os triangulos.

§. X.

Dos quaes axiomas ſe ſeguem as ſeguintes cinco concluſões. Primeira: A propoſiçaõ univerſal negativa, e ſó ella tem ambos os termos univerſaes. Segunda: A propoſiçaõ particular affirmativa, e ſó eſta tem ambos os termos particulares. Terceira: A propoſiçaõ univerſal affirmativa, ou particular negativa tem hum termo univerſal, aquella o ſujeito, e eſta o predicado. Quarta: A propoſiçaõ affirmati-

Digitized by Google

mativa, que tem hum termo universal, he universal. Quinta: A propoſiçaõ negativa, que tem hum ſó termo universal, he particular.

§. XI.

Mas as Regras dos Syllogismos ſaõ as ſeguintes.

A primeira Regra he.

I. Naõ ſe forme o Syllogiſmo de mais que tres termos, convem a ſaber, os dois extremos da propoſiçaõ controverſa, e o meio.

Paraque ſe entenda eſta Regra, ſe ha de enſinar a ordem de fazer o Syllogismo. Aſſigne-ſe alguma propoſiçaõ: Eſta conſta de *ſujeito*, e *attributo*, iſto he, de dois termos. Se eſta propoſiçaõ se controverter, toda a controverſia eſtará niſto, ſe o attributo convem, ou ſe oppoem ao ſujeito. Se eu hei de provar que convem, eſcolherei hum meio *de congruencia*, e eſte ſerá terceiro termo,

Digitized by Google

mo: com elle compararei os dois primeiros cada hum por ſi, e farei as premiſſas do Syllogiſmo: mas a concluſam ſempre ſerá a meſma propoſiçaõ controverſa. Trata-ſe, ſe o *A* he *B*: negas: demonſtro. Tómo terceiro termo *C*,

A = *C*:
B = *C*:
Logo *A* = *B*.

Porém ſe a propoſiçaõ ſe conceder, e eu hei de provar que ella ſe deve negar, uſo de meio de diſtinçam.

O *B* he o meſmo como *X*:
O *A* he diverſo do *X*:
Logo O *A* he diverſo do *B*.

De tres termos ſómente ſe ha de fazer o Syllogiſmo, como he evidente. Se ſe ajuntar quarto, ſerá Sofisma: Por exemplo.

A = *B*:
D = *C*:
Logo *A* = *D*.

A je-

Digitized by Google

A ſegunda Regra he.

II. He neceſſario que o meio ſe tome univerſalmente, ao menos huma vez, e iſto ou elle ſeja meio de identidade, ou de diſtincçaõ.

A razaõ deſta Regra he, porque o meio tomado duas vezes *particularmente* naõ he hum ſó, mas antes dois, porém iſto desfaz a unidade do Syllogiſmo. Por eſta cauſa pois hé falſo o Syllogiſmo ſeguinte.

Alguma figura he circulo:
Alguma figura he tambem quadrado:
Logo algum quadrado he circulo.

Porque poſto que as premiſſas ſaõ verdadeiras, com tudo o meio naõ he hum. Pois que *Alguma figura* poſta na maior he diverſa deſta *Alguma figura* poſta na menor; porque naquella he o circulo, e neſta he o quadrado. E eſta Regra tambem ſe entende ter lugar, ſe o meio for attributo em huma, e outra

Digitized by Google

tra propoſiçaõ nos Syllogiſmos affirmativos, conforme o terceiro axioma.

A terceira Regra he.

III. Os termos do conſequente naõ podem ſer mais univerſaes, doque ſaõ nas premiſſas.

Sejam mais univerſaes: Logo naõ ſe contem nas premiſſas (conforme o 1. axioma): Logo dellas naõ ſahe o conſequente, e por iſſo meſmo nenhuma conſequencia ha. Aſſim por eſta cauſa he falſo Syllogiſmo o ſeguinte:

Todo o triangulo conſta de dois angulos rectos:
Todo o triangulo he figura:
Logo toda a figura conſta de dois angulos rectos.

Porque a *figura* na menor tomaſe *particularmente*, e no conſequente *univerſalmente*.

A quar-

Digitized by Google

A quarta Regra he.

IV. De premiſſas negativas nada ſe póde concluir.

Porque nada ſe pode concluir affirmando; pois que falta o meio de identidade; nem negando: porque por iſſo que o *A*, e o *B* naõ ſaõ o meſmo como *X*, naõ ſe ſegue que naõ ſejam a meſma couſa entre ſi: de outra ſorte duas linhas palmares naõ ſeriam iguaes, porque naõ ſaõ iguaes ao meſmo meio palmo. Por exemplo. *Os Chinas naõ ſaõ Chriſtãos: Os Italianos naõ ſaõ Chinas: Logo os Italianos naõ ſaõ Chriſtãos.*

A quinta Regra he.

V. De affirmativas naõ ſe póde concluir negando.

Porque ſe de duas affirmativas deduzires huma negativa, negarás mutuamente de ſi aquellas couſas, que convem com o meio, o que he abſurdo. *A ſex-*

Digitized by Google

A ſexta Regra he.

VI. Se huma das premiſſas for negativa, o conſequente ſerá negativo.

Porque ſe huma das duas premiſſas for negativa, hum dos dois extremos da propoſiçaõ controverſa convirá com o meio, e o outro ſe opporá ao meſmo: Logo o meio ſerá principio *de diverſidade*: Pela qual razaõ ſe ſeguirá concluſaõ negativa.

A ſetima Regra he.

VII. Se huma das duas premiſſas for particular, o conſequente ſerá particular.

De outra maneira os termos do conſequente ſeràm mais univerſaes, o que naõ pode ſer (conforme o axioma 1.). Os Eſcolaſticos comprehendem eſtas duas ultimas Regras em huma, *Que a concluſam deve ſeguir a mais debil das premiſſas.*

Digitized by Google

miſſas. E elles tem por mais debil a negativa em comparaçaõ da affirmativa, e a particular a reſpeito da univerſal.

§. XII.

Os que enſinaraõ a arte ſyllogiſtica, coſtumavam tratar neſte lugar outras infinitas couſas á cerca dos *Modos*, e *Figuras* dos Syllogiſmos, ſobre os Syllogiſmos *ſimplices*, e *hypotheticos*, e a *reducçaõ* dos Syllogiſmos. O meſmo Author da *Arte de penſar* tratou eſtas couſas muito diligentemente. Mas ellas ſaõ inuteis; porque naõ ajudam ao que diſputa, e nunca ſe uſam na meſma Eſcolaſtica contenda. Eu, que paſſei a puericia neſtes eſtudos, e ſendo moço, diſputei muitas vezes, e naõ poucas ouvi diſputar Homens Corypheos das couſas Eſcolaſticas, certamente nunca uſei das leis dos modos, e figuras, nem adverti que outros uſaſſem. Mas ſe alguem

alguem ha, que ainda agora goſte deſtas couſas, eu lho permitto: taõ ſomente advirto, que naõ corrompa o entendimento com ſofiſmas: porque com a experiencia de muitos annos aprendi, que ſimilhantes eſtudos tem grande força para rebater o goſto da verdadeira ſabedoria. *Eu não nego*, diz Seneca, *que eſtas couſas ſe hajam de ver de longe: Mas ſomente ſe devem ver de longe, e eſtudar ſuperficialmente, ſõ paraque nos naõ enganem, e nós naõ julguemos que nas palavras ha algum grande, e occulto bem.*

CAPITULO IX.

Regras de diſputar.

§. I.

O Que na diſputa nega alguma couſa, nenhuma outra razaõ deve dar da ſua negaçaõ, do que, que nada provam as razões da parte contraria. Mas com tudo tem obrigaçaõ

gaçaõ de refutar as ditas razões de tal ſorte, que ellas totalmente ſe deſvaneçaõ. Se iſto naõ fizer, com direito, e razaõ he condemnado. Porém naõ ſe diz que completamente refutou as razões contrarias, o que lhes contrapoem humas ſuſpeitas vagas, e genericas, convem a ſaber, *que poderá acontecer de outra ſorte*: *talvez procede de outra couſa*: *acaſo falta alguma couſa, pelo que ſuccede que iſto ignoremos, &c.*; porque eſtas, e ſimilhantes reſpoſtas unicamente podem concluir, que as razões da parte contraria ao menos naõ poſſam ſer tidas por neceſſariamente concludentes: mas naõ lhes podem tirar a probabilidade.

Eſcol. Por exemplo. Se alguem nega que Troia foi cativa pelos Gregos, eſte deve refutar todos os argumentos tirados de todos os antigos Hiſtoriadores Gregos, e Latinos. Se o naõ fizer, decahirá da demanda. Se alguem nega que a alma

Digitized by Google

ma he incorporea, deve refutar todos os argumentos dos Metafyficos. Nego haver vacuo na natureza: Logo me opprimirám quaſi infinitos argumentos, que ſe naõ derribar, ſou convencido que com direito naõ neguei. Mas naõ os derribo, ſe reſpondo, *nós naõ ſomos habeis para comprehender a natureza das couſas; nem a podemos plenamente entender com a razaõ: quem ſabe com que leis ella he governada? &c.* Eſtas couſas, digo, naõ ſaõ iguaes áquelles argumentos, e certamente naõ debilitam de todo a ſua força.

§. II.

O que nega, ſe demoſtra que a parte contraria he *impoſſivel*, fez inteiramente a ſua obrigaçaõ; nem eſtá obrigado a diſſolver as objecções contrarias: porque as razões, com que pertendemos provar que exiſte huma couſa impoſſivel, naõ podem ſer ſenaõ huns meros ſofiſmas. *Eſcol.*

Digitized by Google

Escol. Por exemplo. Nego que ha os vortices, redomoinhos, e turbilhões Carteſianos: demonſtro que elles repugnam com a ordem do univerſo, e que por tanto ſaõ impoſſiveis: conclui tudo, nem ſou obrigado a dar ſatisfaçaõ ás razões, dos Carteſianos, que naõ podem ſer ſenaõ huns ſofiſmas. Nego hum Deos máo, que louvam os Maniqueos: demonſtro que eſte Deos he, como dizem, contradictorio: porque ſendo eterno eſpirito perfeitiſſimo, e feliciſſimo, com tudo ſe conſtitue juntamente malfeitor, as quaes couſas ſaõ muito repugnantes, ſe algumas o ſaõ: porque fazer mal he proprio de huma natureza naõ feliz, nem infinitamente perfeita, mas fraca, movida com odio, ou ira, e que teme alguma couſa. Depois que iſto conclui, naõ reſponderei aos importunos argumentos dos Maniqueos; porque naõ podem ſer ſenaõ huns ſofiſmas. Mas quando digo, *demonſtro*, entendo

Digitized by Google

tal prova, que *neceſſariamente* conclua.

§. III.

Quando os principios das provas dependem da authoridade, o que provou alguma couſa com huma atteſtaçaõ clara, naõ he obrigado a reſponder a argumentos tirados de lugares duvidoſos, ou eſcuros do meſmo author. Porque eſtes naõ podem derogar a fé á atteſtaçaõ clara: antes he juſto que por eſta ſe expliquem.

Eſcol. Por exemplo. Provei com lugares claros das Eſcrituras, *que no tempo futuro ha de haver a reſurreiçaõ de todos os corpos humanos*: naõ eſtou obrigado a reſponder aos argumentos de alguns Socinianos tirados de lugares eſcuros: porque álem de que eſtes lugares eſcuros naõ podem ſer contrarios áquelles claros, de nenhum modo podem tirar as forças aos meſmos claros. Provei com claras leis

leis civís que a herança no caso *A* se deve ao herdeiro *B*: naõ sou obrigado a reſponder aos argumentos, que o adverſario tira de lugares eſcuros, e duvidoſos.

§. IV.

Os que diſputam, depois que claramente explicaram o eſtado da queſtam, devem ou indagar fontes commuas, em que convenham huns, e outros, paraque dahi tirem os principios das ſuas provas; ou conſtituir eſtes principios cõmuns. Porque toda a diſputa ſe funda naquellas couſas, em que as partes convem, e dellas procede. Se faltarem eſtas fontes, ou principios, naõ ſe ha de diſputar; porque ſe obrará inutilmente.

Eſcol. Por exemplo. Os que diſputam á cerca de algum problema Geometrico, devem aſſignar por fontes commuas as definições, os axiomas, e os poſtulados Geome-

Digitized by Google

tricos ; porque de outra maneira nunca poderám convir entre ſi. Se a diſputa he Fyſica , he neceſſario que os que diſputam convenham em que o claro teſtemunho dos ſentidos he verdadeiro, ſe naõ querem diſputar ás eſcuras. Se he Juridica , devem as partes convir nas Leis commuas. Por exemplo. Com o Turco naõ podemos litigar pelos livros das Leis Romanas. Tambem com o Mahumedano naõ podemos diſputar á cerca da Theologia pelas ſagradas eſcrituras do velho , e novo teſtamento , naõ mais do que com o Deiſta , que profeſſa que elle ſegue ſomente a razaõ da natureza. Dahi vem que naõ podemos diſputar com o homem Sceptico , o qual naõ tem fontes algumas de certeza , nem alguns principios certos.

§. V.

Quando ha promptas fontes cõmuas , donde poſſas tirar provas cla-

Digitized by Google

claras, naõ ſe haõ de inſtar fontes, que o teu adverſario naõ admitte, paraque de diſputa naõ faças diſputa.

Eſcol. Por Exemplo. Podes demonſtrar ao homem Sociniano a Trindade pelos Evangelhos, naõ queiras inſtar o lugar da Epiſtola ſegunda de S. Joaõ, que elle reputa interpolada. Podes provar huns certos dogmas contra os Calviniſtas ſó com a authoridade das Eſcrituras, naõ appelles para os Concilios, cuja authoridade elles naõ conhecem. Podes reſolver algum problema por hum theorema Geometrico certo, e demonſtrado, naõ uſes de theorema, que tu ſim claramente entendes, mas o teu adverſario o nega. Convem a ſaber, he prudencia reduzir a controverſia aos menos pontos que póde ſer; he porém imprudencia de diſputas excitar diſputas.

§. VI.

Digitized by Google

§. VI.

Na cauſa da tua parte verdadeira, e juſta, naõ podendo convencer o adverſario ſenaõ por fontes falſas, que elle reputa verdadeiras, he prudencia faze-lo aſſim: he porém imprudencia, e malicia o faze-lo em cauſa da tua parte falſa; porque nunca ſe ha de defender a falſidade.

Eſcol. Por exemplo. Os Padres dos primeiros ſeculos do Chriſtianiſmo, ainda que tiveraõ entendido que os livros das Sybillas foraõ fingidos, com tudo obravam prudentemente, uſando delles contra os Gentios idolatras; porque eſtavam em huma cauſa da ſua parte verdadeira, e juſta. Aſſim que he licito demonſtrar ao Turco pelo Alcoraõ a verdade da Religiam Chriſtã. Porém o que aſſim faz, naõ ſe ha de julgar ter por verdadeiros os verſos Sybillinos, ou o Alcoraõ. §. VII.

Digitized by Google

§. VII.

Se no progreſſo da diſputa o adverſario fugir inſenſivelmente da queſtaõ propoſta, outra vez ſe ha de explicar o ſeu eſtado, e elle ſuavemente ſe ha de tornar a chamar para eſte. Porém iſto logo ſe ha de fazer; porque ſe o caſo ſe prolongar muito, huns e outros ſe meterám em trevas, e muito difficultoſamente poderám dahi voltar para a claridade. Por tanto deve-ſe conſiderar com grande attençaõ cada huma das reſpoſtas do adverſario. Muitas vezes experimentei, que nada ſe concluio de dilatadas diſputas, ainda entre homens doutos, por ſe deſprezar ella Regra. Porém ſe tu fazes o officio de reſponder, e vês que o Adverſario inſta o argumento fóra da queſtam, chama-o para ella com palavras muito affaveis, para que debalde naõ façaes della ambos digreſſaõ.

§. VIII.

Digitized by Google

§. VIII.

Se o adverſario negar principios alguns claros, ſe lhe haõ de inferir os oppoſtos, como para experimentar a ſua mente: ſe elle os conceder, ſerá convencido que concede huma manifeſta falſidade: ſe outra vez negar, entam ſe lhe ha de perguntar, ſe dois contrarios podem ſer juntamente verdadeiros? Porém ſe elle conceder eſtes dois contrarios em materia, como dizem, *neceſſaria*, deve-ſe deixar, ou como falto de razaõ, ou como teimoſo, e que deſeja muito contradizer, e naõ diſputar por amor da verdade.

§. IX.

Se o adverſario reſiſtir a manifeſtas provas, uſando de reſpoſtas eſcuras, ou tu explica as ſuas reſpoſtas, para que entenda que ellas naõ ſaõ proprias; ou roga-lhe, que elle

Digitized by Google

elle meſmo as explique, e que queira aſſignar ideas claras aos ſeus vocabulos. Se nem ainda entam conceder a verdade, ha-ſe de deixar, como incapaz de razaõ; mas devemos acautelar-nos de palavras, ou geſtos injurioſos.

Eſcol. Porque ou o tal reſiſte por malicia, ou por ignorancia. Se por malicia, deve-ſe avizar ſuavemente, que volte para o tribunal da ſua conſciencia, e advirta que encobrir a verdade he muito indigno de hum Filoſofo, cujo officio he indagalla. Porém ſe elle julga ſer vergonha, ou deformidade dar-ſe por vencido, deve-ſe-lhe perdoar, e naõ ſe ha de triunfar deſcortezmente. Baſte a vergonha do adverſario: inſtar mais para diante com nenhuma utilidade da verdade ſe pratica: porque nada faz mais obſtinados no erro os homens, cujos genios ſaõ elaſticos, do que a jactancia do adverſario, e a vangloria do ſeu triunfo: pois que o deſpreſo he affe-

Digitized by Google

affecto forte, com que os homens huma vez eſtimulados, antes ſe enforcarám, doque cedam ao adverſario. Pelo que, para dizer ſinceramente o que entendo, naõ approvo o modo de diſputar de alguns Theologos com os que ſe rebelaram da noſſa Igreja, aos quaes injuríam com todos os dicterios, e affrontas. Como ſe a verdade ſe naõ defende-ſe com a verdade, e argumentos, mas com violencia, e palavras injurioſas.

Mas ſe elle pecca por ignorancia, tu ainda peccas mais gravemente, pois que tu te enfureces contra o ignorante, a quem antes deves enſinar. Naõ ſe póde dizer quanto horror tenho a ſimilhantes diſputadores, ou Meſtres, deſde que me lembro do meu pedagogo homem agreſte, o qual para que me deſenſinaſſe os erros de menino ignorante, me levantava altamente no ar, e me caſtigava com grandes murros: como ſe na verdade me podeſſe

deſſe applicar á doutrina naquelle eſtado, em que eſtava vexado com dôr, medo, e ſuſto: naõ entendia aquelle homem, que com ſimilhantes argumentos ſe póde inclinar ſim a vontade, mas que ſe naõ póde illuſtrar o entendimento.

CAPITULO X.

Os Generos dos Sofiſmas.

§. I.

ESta materia foi muito vulgar entre os Gregos Sofiſtas. Mas como em nenhum tempo faltam engenhos ſofiſticos, he neceſſario que nós tambem digamos alguma couſa ácerca dos ſofiſmas, para que o Logico adquira modo, e fórma, com que poſſa reſiſtir aos Sofiſtas, paraque ſe naõ aparte da verdade embaraçado com perguntas enganadoras, e ſofiſticas, quando as naõ póde reſolver. Porque, como eſcreve Fabio Quintiliano, *melhor applica-*

Digitized by Google

plicará os remedios aquelle, que tiver ſabido as couſas, que fazem damno.

§. II.

Mas dois ſaõ os generos ſummos dos ſofiſmas, hum dos quaes eſtá na *voz*, outro na meſma *couſa*. Seis fallacias ſe coſtumam fazer na voz. Tres pertencem para huma ſimples voz, que ſaõ o *accento*, a *figura de dicçaõ*, e a *homonimia*: tres porém para muitas vozes juntamente collocadas, e ſaõ a *amfibologia*, a *compoſiçaõ*, e a *diviſaõ*. A fallacia do *accento* principalmente tem lugar entre os Gregos, cujos vocabulos ſe varſam por modo admiravel variado o accento, ou o eſpirito. Entre os Latinos tira-ſe eſta fallacia da quantidade das ſyllabas. Deſte modo zombava Nero quando dizia, *Claudium deſiiſſe inter homines morari*: porque o verbo *moror* com a primeira ſyllaba breve ſignifica *permanecer*;

Digitized by Google

cer; e com a meſma longa ſignifica *endoudecer*. Para eſta fallacia pertence o vicio de pronunciar, quando ſe ſeparam as palavras juntas, ou ſe ajuntam as ſeparadas; com o que ſuccede, que ſe varíe o accento. Deſte genero he aquillo de Capitolino ſobre M. Antonino Filoſofo cap. 29. *Crimini ei datum eſt, quod adulteros uxoris promoverit, inter quos Tertullum.* A iſto alludindo o bobo no theatro, perguntou ao criado, eſtando ouvindo o meſmo Antonino, quem era o adultero de ſua mulher. Reſpondendo elle, *Tullus, Tullus, Tullus*, e continuando ainda o bobo a perguntar, entaõ o criado como algum tanto agaſtado diz, *nonne dixi, ter Tullus*: eſtas duas ultimas palavras juntas com o meſmo accento, e modo de pronunciar fazem o nome do adultero.

§. III.

Digitized by Google

§. III.

A fallacia, que ſe chama *figura de dicçaõ*, faz-ſe, quando algum enganado com ſimilhante poſiçaõ, attribue as meſmas ſignificações a diverſos vocabulos. Por eſta fallacia zombava Diogenes Filoſofo Cynico, quando chamava a Eſcola de Euclides Dialectico naõ χολὴν, mas χολῆν, iſto he, naõ *Eſcola*, mas *colera*, porque fazia os ſeus Diſcipulos muito contenciоſos. Para a fallacia do ſoleciſmo ſe póde reduzir a galanteria de Plauto no Amfitruam, aonde Mercurio toma *verbero* por nome, e Socias por verbo. Pergunta Mercurio.

M. Servus esne an liber? S. Utcumque animo collibitum est meo.
M. Ain' vero? S. Aio enim vero.
M. Verbero? S. Mentiris nunc jam.

Eſtas couſas ſaõ de pouca, ou nenhuma

nhuma ponderaçaõ : com tudo o Dialectico as deve entender , *naõ porque o poſſam fazer ſabio* (diz Quintiliano liv. 1. cap. 10.) *mas porque he neceſſario que elle nem a-inda em couſas minimas ſe engane.*

§. IV.

A *Homonimia* he huma duvida naſcida da neceſſidade, ou ignorancia, ou fraude do que com huma palavra ſignifica muitas couſas. He de dois modos, porque a voz algumas vezes ſignifica muitas couſas de nenhuma maneira ſimilhantes, como ſe diceres *que a eſtrella ladra*, porque huma certa eſtrella ſe chama caõ celeſte. Outras vezes a voz ſe attribue a muitas couſas por huma certa analogia, e proporçaõ do modo que ſaõ todas as metaforas, como quando a voz *caput*, ou *cabeça* ſe diz do ſummo genero de diverſas couſas. Deſta ſimilhança ſe tiram argumentos ſofiſticos enganadores.

§. V.

Digitized by Google

§. V.

A *Amfibologia* he huma fallacia, que naſce da conjunçaõ duvidoſa de muitas vozes, cada huma das quaes por ſi meſma carece de duvida. Tal he a reſpoſta de Apolo dada a Pyrrho, que refere Cicero liv. 2. da Advinhaçaõ cap. 56. e Quintiliano liv. 7. cap. 10.

Aio te, Æacida, Romanos vincere poſſe.

Similhantes caſos fazem, que naõ valha mais o oraculo para Pyrrho, doque para os Romanos. Outros exemplos tens em Cicero, e Quintiliano nos meſmos lugares citados. Mas Luciano no *Jupiter confutado* engraçadamente zomba deſtes oraculos emvoltos com erro duvidoſo.

§. VI.

Digitized by Google

§. VI.

Finalmente a compoſiçaõ he huma fallacia, que naſce do ajuntamento daquellas vozes, e noçõés, que ſe naõ podem entender bem, ſe ſe naõ ſepararem: como ſe alguem dicer, *que quem eſtá aſſentado naõ póde eſtar em pé.* Porque o que eſtá aſſentado naõ póde eſtar em pé eſtando aſſentado, mas poderá eſtar em pé, ſe deixar de eſtar aſſentado. Pelo contrario a diviſaõ de huma fallacia, que divide o que ſe naõ ha de dividir: como ſe alguem dicer, *que cinco he numero par, e nones*, porque *cinco* ſaõ *dois*, *e tres*; mas *dois* ſaõ par, e *tres* nones. Os Eſcolaſticos chamam eſta fallacia de *ſentido dividido*, e a antecedente de *ſentido compoſto*.

§. VII.

Seguem-ſe agora as fallacias, que naſcem das couſas naõ bem entendidas,

didas, as quaes se costumam numerar sete, *de accidente*, *de dito naõ simplesmente*, *de consequente*, *de naõ causa por causa*, *de petição de principio*, *de ignorancia de elenco*, e *de muitas perguntas*. A fallacia *de accidente* he hum lugar habil para enganar, quando se attribue á cousa por si, o que lhe convem acaso, e *accidentalmente*. Por tanto cahe neste vicio qualquer que toma os acontecimentos, e effeitos das cousas pelas mesmas cousas. Assim Velleio Epicureo em Cicero liv. 1. da natureza dos deoses cap. 21. contende que os deoses constam de fórma humana, porque usam de razaõ; como se na realidade a fórma humana seja necessariamente junta com a razam.

§ VIII.

A fallacia *de dito naõ simplesmente* he, quando aquillo que vale de alguma parte a se entende do mesmo

modo, que valeſſe ſimples, e abſolutamente; como ſe eu dicer, conforme Gellio, *Iſto, que he neve, naõ he ſaraiva; a neve he branca; logo a ſaraiva naõ he branca.* Toma-ſe na primeira propoſiçaõ como abſolutamente verdadeiro, o que ſomente o he de alguma parte. Por eſta fallacia diziam os Filoſofos Cynicos, *Que o que he licito, em toda a parte he permittido*, como eſtá em Sexto Empirico.

§. IX.

A fallacia *de naõ cauſa por cauſa* he, quando ſe entende como cauſa de alguma couſa aquella, que naõ he cauſa, como quando alguem attribue aos Cometas as deſgraças do genero humano. Para eſta meſma fallacia ſe póde reduzir aquelle dito de Terenciano: *A verdade cauſa odio*: porque a verdade naõ he cauſa proporcionada do odio, mas excita a malignidade, de que o o-

dio proximamente procede, como de verdadeira cauſa. Para a meſma fallacia pertence o que alguns loucamente dizem, que as letras ſaõ perniciosas á Republica, porque alguns homens letrados maquinaraõ a deſtruiçaõ das republicas. Tambem por ſimilhante fallacia diſputam aquelles, que poem a fortuna em lugar de cauſa. Similhantes ſaõ as fallacias dos prodigios, e prognoſticos, os quaes valiam muito entre os antigos Romanos. Por tanto diz Cicero, *he grande loucura fazer os deoſes cauſadores deſtas couſas, e naõ indagar as cauſas das couſas.* Pelo que pecca-ſe neſte genero todas as vezes que ſe aſſigna alguma cauſa commua, e remota em lugar da propria, e proxima. Tal he aquillo de Ovidio *ſobre o remedio do amor* ver. 161. *Pergunta-ſe, por que razaõ Egiſto ſe fez adultero: a cauſa he evidente: era ocioſo.*

§. X.

§. X.

O *pedir principio* he tomar por argumento aquillo, que eſtá poſto em queſtam, iſto he, provar o meſmo pelo meſmo. Pode-ſe tirar o exemplo de Sexto Empirico liv. 3. das hypoth. Pyrrh. cap. 3.; aonde accuſa os dogmaticos deſta fallacia, poſto que a accuſaçaõ naõ he propria: *O que diz que ha cauſa, ou allega cauſa do ſeu dito, ou naõ: Se allega, pede principio, porque prova a cauſa pela cauſa, iſto he, aquillo que ſe pergunta, por aquillo meſmo que ſe pergunta: Se naõ allega, naõ merece credito.* Para aqui pertence aquelle genero de argumentar, a que os Gregos chamam voltar da maõ do gral, do qual falla Plutarcho contra os Stoicos. Dahi tomou o nome, porque quando a maõ do gral ſe move ao redor, volta para o meſmo lugar donde ſahio.

§. XI.

Digitized by Google

§. XI.

O Sofiſta entam ſe diz errar *com ignorancia de elenquo*, quando do ſeu argumento naõ impugna aquillo, que eſtá em controverſia, mas outra alguma couſa; como ſe alguem dicer, *que a morte naõ he má, porque nem mortifica os que haõ de morrer, porque ainda naõ exiſte; nem os mortos, porque já naõ exiſte.* Faz menção deſta fallacia Lactancio diſputando contra Epicuro liv. 3. cap. 17. *Mas o meſmo nos livra do medo da morte com eſtas palavras: Quando nós exiſtimos, naõ exiſte a morte, quando a morte exiſte, naõ exiſtimos nós: Logo a morte he nada para nós: Quaõ agudamente nos enganou! como ſe na verdade ſe tema a morte paſſada, com que ja ſe tirou a vida; e naõ o meſmo morrer, com que a vida ſe tira.* A meſma fallacia commettem os que diſputando contra a attracçaõ Newtoniana,

Digitized by Google

niana, a refutam com huma cauſa occulta; porque Newton naõ a entende por cauſa, mas por fenomeno.

§. XII.

A fallacia de muitas perguntas he, quando juntamente ſe perguntam muitas couſas, a que ſe naõ póde ſatisfazer com huma reſpoſta. Por exemplo. *Socrates por ventura he filoſofo, e Principe dos filoſofos?* Se alguem reſponde ao que aſſim pergonta, *he*, ou *naõ he*, cahe em engano. Para eſta fallacia ſe póde reduzir toda a pergunta, que ſe faz por palavras duvidoſas: porque a voz duvidoſa ſignifica muitas couſas. Para que ſe entenda todo eſte genero de fallacias, he conveniente lêr o capitulo 2. do liv. 16. de Gellio, em que ſe deſcreve o antigo coſtume de perguntar, e reſponder: *Dizem*, elle diz, *que he lei da sciencia Dialectica, ſe á cerca de alguma couſa ſe perguntar,*

e

e diſputar, e fores rogado, para que reſpondas que ſeja iſto; entaõ naõ digas mais, doque ſomente aquillo, que te perguntaram, ou affirmes, ou negues: e os que naõ obſervam eſta lei, e reſpondem, ou mais, ou de outra maneira, do que foram perguntados, ſaõ avaliados ſer rudes, e ignorantes, e naõ entender o coſtume, e fórma de diſputar, &c.

§. XIII.

A eſtes ſe podem ajuntar outros quatro generos de más raciocinações. O primeiro he, quando citamos aquelles authores das noſſas opiniões, que adquiriram grande eſtimaçam, ou com a fama publica de entendimento, e ſabedoria, ou com a dignidade, ou poder, ou com qualquer outra razaõ, e naõ ſei que imperio alcançaram nas almas dos outros. Iſto ſuccede de tal ſorte, que ſe hum dos que diſputam contradiz, ſeja deſacreditado,

e

e tratado ou como louco, ou como muito ſoberbo. Eſte argumento póde-ſe chamar *ad verecundiam*, iſto he, para envergonhar, e delle uſam os que ou deſtituidos de razaõ, com que ſe poſſam defender, ou naõ ſabendo uſar della, antes querem affligir, doque enſinar a outrem. Mas ajunto-o entre os ſofiſmas; porque, como ſe demonſtrou no liv. 4., nenhum valor póde ter a authoridade, quando faltam os argumentos intrinſecos.

§. XIV.

O ſegundo he, quando rogamos o adverſario, que reſiſte ás noſſas provas, ou que as julga vans, que elle meſmo as queira dar melhores: ao qual, quando naõ queira, ou naõ ſaiba, pertendemos trazer á força para a noſſa opiniam. He tambem verdadeiramente máo eſte genero de raciocinar, o qual ſe póde chamar *ad ignorantiam*, iſto he, fundado em ignorancia; porque nem

nem por isso a minha opiniam he verdadeira, porque o outro ou naõ queira desfazer os meus argumentos, ou naõ saiba assignar melhor opiniam. Isto he tal, como se hum pintor quizer de mim tirar por força a confissaõ da excellencia de huma pintura, com este argumento, que eu naõ sei fazer semilhante. Que será, se hum Medico, ou Fysico contender que o *A* he causa do *B*, com este argumento, que eu nenhuma outra causa conheço? Porque a ignorancia em que hum está, naõ póde ser principio do conhecimento de outro.

§. XV.

O terceiro genero he argumentar *ad hominem*, isto he, quando pelas opiniões verdadeiras, ou falsas de outro, que elle com tudo tem por verdadeiras, pertendemos persuadir-lhe a nossa sentença. Este argumento he inhabil para concluir

Por-

Porque a minha sentença naõ será verdadeira, porque se siga das maximas da outra parte, ou se admitta por sua confissaõ, se as suas doutrinas naõ forem verdadeiras, ou a confissaõ nascer de ignorancia; mas sim se for conforme a principios verdadeiros, e certos. Assim que tambem he máo este genero de raciocinar. Até onde comtudo he permittido usar delle, se dice no capitulo antecedente.

§. XVI.

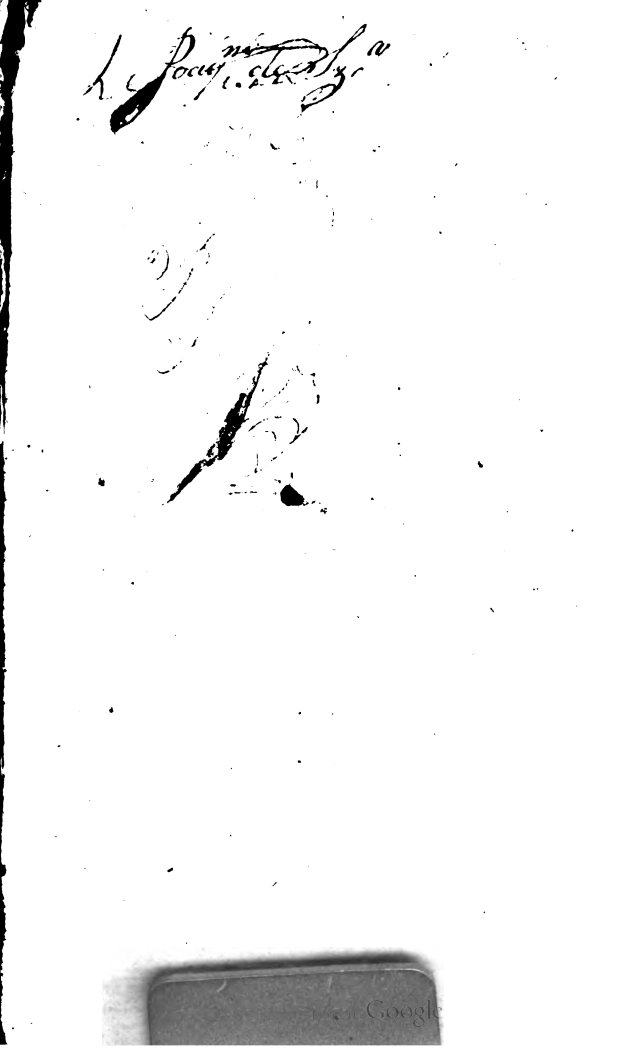
O quarto he o argumento tirado da *Analogia*, quando o Filosofo naõ póde acautelar a fantasia; porque nenhum ha, que mais facilmente engana, e que arrastrou para gravissimos erros homens em outro sentido doutos. Porque posto que o argumento de *analogia* seja totalmente necessario por causa do quasi infinito numero dos individuos, e brevidade do entendimento,

Digitized by Google

to, e ſeja utiliſſimo para o augmentar, ſe ſe fizer ſabiamente: com tudo quando o Filoſofo naõ acautelou ſufficientemente as forças da fantaſia neſte genero de argumentar, attribue as ſuas affecções ás meſmas couſas. Keplero julgou que a Terra faz, e continúa o ſeu movimento com muſculos, e fibras, como os outros animaes. Accreſcentou, que a Terra perſente os Cometas, e que por iſſo ſúa por cauſa do medo, e aſſim explica, porque razaõ grandes chuvas coſtumam acompanhar os Cometas. Iſto certamente he *comparar as couſas grandes ás pequenas*, e explicar a natureza das couſas, iſto he, o mundo grande pela noſſa natureza, ou pelo mundo pequeno, como elegantemente diz Bacono. He facil obſervar eſte vicio em grande parte dos Filoſofos. Aqui pertence aquillo de Seneca, quando trata dos deoſes, *Avaliamo-los pelos noſſos vicios.*

FIM.

Digitized by Google



Digitized by Google